Bernardo Guimarães

O ERMITÃO DE MUQUEM

3 1761 06185578 9

PQ
9697
G9E68
1858
c.1
ROBARTS

EDITORA PANAMERICANA

☆

O ERMITÃO DO MUOUEM

Bernardo Guimarães

Bernardo Guimarães é, incontestavelmente, um dos mais fortes romancistas de costumes da nossa literatura. De estilo vivo e atraente, seus romances lhe deram grande popularidade no seu tempo e, ainda hoje, há quem o considere tão admirável como José de Alencar, principalmente quando escreve sôbre temas indianistas, como é o caso dêste romance.

"O Ermitão de Muquem" descreve a história de um homem branco e impulsivo que depois de uma série de aventuras se embrenha nas selvas brasileiras e convive com os indios Chavantes. Enamora-

☆

O ERMITÃO DO MUQUEM

BERNARDO GUIMARÃES

O ERMITÃO DO MUQUEM

☆

EDITORA PANAMERICANA LTDA.
Praça Tiradentes, 79 - Rio de Janeiro

LIBRARY
OCT 0 5 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

AO LEITOR

Cumpre-me dizer duas palavras ao leitor a respeito da composição do presente romance, o qual (seja dito de passagem) repousa sôbre uma tradição real mui conhecida na província de Goiáz.

Consta este romance de três partes muito distintas, em cada uma das quais forçoso me foi empregar um estilo diferente, visto como o meu herói em cada uma delas se vê colocado em uma situação inteiramente nova, inteiramente diversa das anteriores.

A primeira parte está incluida no Pouso primeiro, e é escrita no tom de um romance realista e de costumes; representa cênas da vida dos homens do sertão, seus folguedos ruidosos e um pouco barbaros, seus costumes licenciosos, seu espírito de valentia e suas rixas sanguinolentas. E' verdade que o meu romance pinta o sertanejo de há um século; mas deve-se refletir que é só nas côrtes e nas grandes cidades que os costumes e usanças se modificam e transformam de tempos em tempos pela continuada comunicação com o estrangeiro e pelo

espírito de moda. Nos sertões, porém, costumes e usanças se conservam inalteráveis durante séculos, e pode-se afirmar sem receio que o sertanejo de Goiáz ou de Mato Grosso de hoje é com mui pouca diferença o mesmo que o do começo do século passado.

Do meio dessa sociedade tosca e grosseira do sertanejo, o nosso herói passa a viver vida selvatica no seio das florestas, no meio dos indigenas. Aqui fôrça é que o meu romance tome assim certos ares de poema. Os usos e costúmes dos povos indigenas do Brasil estão envoltos em trevas, sua história é quasi nenhuma, de suas crenças apenas restam noções isoladas, incompletas e sem nexo. O realismo de seu viver nos escapa, e só nos resta o idealismo, e esse mesmo mui vago, e talvez em grande parte fictício. Tanto melhor para o poeta e o romancista; há largas enchanças para desenvolver os recursos de sua imaginação. O lirismo, pois, que reina nesta segunda parte, a qual abrange os *Pousos* segundo e terceiro, é muito desculpavel; esse estilo um pouco mais elevado e ideal era o único que quadrava aos assuntos que eu tinha de tratar, e às circunstâncias de meu herói.

O misticismo cristão caracteriza essencialmente a terceira parte, que compreende o quarto e último *Pouso*.

Aqui há a realidade das crenças e costumes do cristianismo, unida à ideal sublimidade do assunto. Reclama pois esta parte um outro estilo,

um tom mais grave e solene, uma linguagem como essa que Chateaubriand e Lamartine sabem falar quando tratam de tão elevado assunto.

Bem sei que a empresa é superior às minhas fôrças; bom ou máu, porém, aí entrego ao público o meu romance; êle que o julgue.

Ouro Preto, 10 de Novembro de 1858.

O Autor

INTRODUÇÃO

As peregrinações devotas ou romarias são de uso imemorial em todos os paises católicos. Ora penduradas no cume de um rochedo escarpado e quasi inaccessivel ora fundadas no seio de uma gruta natural, ou em algum vale escuro e triste em meio de florestas ou montanhas alterosas, em toda a parte do mundo cristão encontram-se disseminadas aqui e acolá essas pequenas capelas ou ermidas, que de ordinário devem a sua fundação a alguma lenda miraculosa, e que em épocas determinadas atraem a si milhares de romeiros e peregrinos.

Há sem dúvida grande dóse de superstição nessas romarias e o povo as tem feito perder muito da sua importância e prestigio, multiplicando-as infinitamente, instituindo romarias a granel por toda parte; todavia nem por isso deixam de ser uma das usanças mais poeticas e tocantes do cristianismo.

O Rio de Janeiro possue em seus aprazíveis e magnificos arrabaldes mais de uma ermida, que todos os anos, em dias certos, atrai imenso concurso de romeiros. A nobre e altiva Paulicéia tam-

bém todos os anos vê sairem de seu seio milhares de habitantes, que em devota romaria vão levar oferendas e votos à milagrosa Nossa Senhora da Penha, que se adora em sua linda capela erigida a duas leguas da cidade em um risonho outeiro, que domina as aprazíveis lezirias por onde remanseia o Tieté.

Em Minas quem não tem ouvido falar no irmão Lourenço, nesse novo Paulo Eremita, que nos fraguedos da Serra do Caraça passou a vida na pratica do mais rigoroso ascetismo e da mais austera penitência e lá num recinto circundado de crespas e alterosas serranias erigiu um templo com a invocação de Nossa Senhora Mãe dos Homens, e lançou os fundamentos da grande instituição do seminário Caraça, que devia servir de nucleo aos filhos de Vicente de Paula para espalharem a luz da instrução e da fé por toda a província?

A capelinha de Nossa Senhora da Lapa, perto do arraial de Antonio Pereira, a duas leguas de distância do Ouro Preto, cavada pela natureza no flanco de uma montanha, é objeto também do fervoroso culto dos fiéis e da admiração dos curiosos.

Nas altas e escabrosas cumiadas de uma grande cordilheira campêa o arraial de S. Tomé das Letras com suas alvas casinhas, semelhando um bando de brancas pombas pousadas sôbre o teto do antigo templo derrocado e denegrido pelo tempo. E' crença do povo que o apostolo S. Tomé viajou e prégou na América, e a algúns sinais parecidos

com letras, que se notam em uma pedra, e que se acredita terem sido ali gravados pelo apostolo, deve a povoação o seu nome.

Congonhas do Campo, com sua rica e formosa capela tendo por orago o Senhor Bom Jesus do Matozinho, com seu vistoso adro de escadarias, povoado de profetas de pedra (escultura curiosa de um homem mutilado da mão direita, e que atava ao punho o instrumento com que trabalhava), atrai de imensas distâncias os fiéis, que veem pedir ao milagroso Jesus a cura de suas enfermidades, ou cumprir piedosas promessas.

Há ainda inumeras outras romarias disseminadas por toda a extensão do império. A origem da fundação de todas essas capelas é quase sempre a aparição miraculosa da imagem de algum santo no interior de uma caverna, no seio de uma floresta, no leito de um corrego, ou mesmo no concavo de um tronco. Os filósofos do século, os apostolos da descrença riem-se com desdem dessas ingenuas e tocantes crenças do povo. Todavia seus engenhosos raciocinios, seus sistemas transcendentes, não podem substituir essa fé viva e singela, que alenta e consola o homem do povo nos trabalhosos caminhos da vida. Embora envolvida no cortejo de mil superstições grosseiras, de mil tradições absurdas, deixemo-lhe essa fé, que o acompanha desde o berço, que bebeu com o leite materno, e que o consola em sua hora extrema. Seja embora um erro, é um erro consolador, que em nada pre-

judica ao indivíduo nem à sociedade; a esses filósofos poderiamos responder parodiando aqueles versos que Camões põe na boca do Adamastor:

E que vos custa tê-los nesse engano,
Ou seja sombra, ou nuvem, sonho ou nada?...

Lá bem longe, no coração dos desertos, em uma das mais remotas e despovoadas províncias do Império, existe uma das mais notaveis e concorridas dessas romarias, notavel sobretudo, se atendermos ao sitio longinquo e às enormes distâncias que os romeiros têm de percorrer para chegarem ao solitário e triste vale em que se acha erigida a capelinha de Nossa Senhora da Abadia do Muquem na província de Goiáz, cerca de oitenta léguas ao norte da capital e a sete léguas da povoação de S. José do Tocantins, à margem de um pequeno corrego que tem o significativo nome de Corrego das Lágrimas. Das mais remotas paragens acodem romeiros a essa isolada capelinha para implorar à santa o alivio de seus padecimentos e trazer-lhe preciosas oferendas. Durante alguns dias do ano aquele lobrego e escuro sitio transforma-se em uma ruidosa e festiva povoação; o Muquem é sem contestação a romaria mais concorrida e a mais em voga do interior.

Eis aqui por que ocasião e como nos foi contada a história da fundação dessa importante romaria:

Viajávamos eu e mais dois companheiros vindos de Goiáz e atravessamos a província de Minas com direção à côrte; acabavamos de arranchar em um belo sitio nas campinas graciosamente acidentadas do município do Patrocinio, junto à margem de um ribeirão, chamado Rio de S. João. A paisagem era enlevadora, o tempo magnifico.

O rio corre escoltado em uma e outra margem por uma orla de árvores alterosas e da mais formosa ramagem; o rancho está situado em um delicioso vargedo cerca de duzentos passos de distância do leito do rio, cujo brando murmurio... não se ouvia, pois corre manso e silencioso como a giboia escorregando sutilmente pela vereda úmida dos brejos. O tope escuro dos arvoredos destacava-se vivamente no horizonte inflamado pelos clarões do sol poente.

Enquanto os camaradas tratavam de pensar os animais, e preparava-se a comida frugal e grosseira, mas suculenta, do viajante nessas paragens, eu e meus companheiros pendùravamos dos esteios do rancho a nossa rede, essa companheira inseparável do viandante do sertão, em cujo seio tanto lhe apraz embalar-se, descançando das fadigas da jornada e cismando saudades do seu país. Já reclinados a fumar nosso cigarro nos embalavamos indolentemente passeando olhares saudosos por aquelles horizontes, dos quais meus companheiros se afastavam por pouco tempo, e a que eu no íntimo da alma murmurava um adeus talvez eterno,

quando ouvimos na estrada a batida de um animal, e alguns segundos depois um cavaleiro aparece e pára à porta do rancho.

— Senhores, nos diz êle depois de saudar-nos, se ainda há comodo para alguem no rancho, espero que me permitirão fazer-lhes companhia de pouso por esta noite.

— Com muito gosto; o rancho é de todos os viandantes, e se a sua comitiva não é muito grande, cremos que não ficará mal acomodada.

Em poucos instantes descarregou-se a pequena bagagem do nosso novo companheiro de pouso, o qual, como a sua comitiva constava de duas pessoas, êle e seu camarada, aceitou o convite, que lhe fizemos de jantar do nosso caldeirão.

Entre pessoas desconhecidas e que nada têm a se dizerem, de ordinário a conversação se trava por perguntas. Começamos pois por perguntar-lhe donde vinha.

— De bem longe, nos respondeu êle; venho da famosa romaria de Nossa Senhora da Abadia do Muquem na província de Goiáz, de que os senhores de certo hão de ter notícia.

— Por certo, respondi-lhe eu; muito tenho ouvido falar nessa afamada romaria, e segundo tenho ouvido dizer, é uma das mais bonitas e concorridas que temos.

— Sem dúvida alguma. E' uma maravilha que é preciso ver-se para dela formar uma perfeita idéia. Ainda que não seja por devoção, mesmo por

espírito de curiosidade vale a pena fazer-se essa viagem para ver como aquele lugar completamente deshabitado no fundo dos sertões, onde apenas existe uma capelinha e um casebre sem habitantes, converte-se de repente em uma cidade cheia de vida, de rumor e movimento, composta de barraças, toldos, carros de bois, e ranchos cobertos de capim. Reune-se ali todos os anos, na época da festa, uma população de cerca de dez mil pessoas, que vêm de distâncias enormes, até do Pará e Rio Grande do Sul, umas por devoção e para cumprirem promessas, outras para fazerem comércio, pois que nesses dias aquele lugar torna-se uma feira imensa, onde se compra, vende-se e permuta-se toda a qualidade de mercadorias. Aí os sertanejos do norte de Goiáz e das extremas das províncias da Bahia, Pernambuco, Piauí e Maranhão, vão-se prover de fazendas, quinquilharias, ferragens e vinhos, que compram aos negociantes de Meia-Ponte e Goiáz, que conduzem daquele ponto essas mercadorias. Os romeiros também vendem aos negociantes destas duas cidades e aos de Minas e São Paulo, grande quantidade de couros, solas, animais cavalares, rêdes fabricadas pelos indios, escravos, ouro em pó e diamantes.

A importância do produto da venda dos donativos feitos pelos romeiros anda anualmente por 8 a 10 contos não incluindo-se nessa quantia as dadivas em dinheiro, que também muito avultam.

Mas todo esse movimento e animação dura

apenas de seis a oito dias, findos os quais desarmam-se as tendas dos peregrinos, e o Muquem, como um acampamento abandonado, volta ao silêncio e à solidão, ficando de novo a capelinha isolada em meio daqueles tristes e silenciosos ermos.

— E o senhor, disse-lhe eu, desculpe-me a curiosidade, o senhor foi lá simplesmente por devoção e romaria, ou também a negócio.

— O meu fim principal, respondeu, foi o cumprimento de uma promessa feita por minha mulher, que se achando atacada de uma enfermidade cruel, que zombava de todos os remédios e da ciência dos mais abalisados médicos, lembrou-se de implorar a Nossa Senhora da Abadia remédio a um mal de cuja cura os homens tinham desesperado. Pouca ou nenhuma fé eu tinha então nessas promessas e romarias, que considerava como superstições próprias sómente do vulgo ignorante. Todavia minha mulher mostrava tanta confiança e fé tão viva que eu nem de leve ousei contrariá-la para não agravar-lhe os sofrimentos.

Prometemos ir ambos em romaria à capela de Nossa Senhora da Abadia do Muquem, trazer alguns donativos e adorar a santa em seu próprio altar. Desde então começou minha mulher a melhorar sensivelmente, e acha-se hoje quasi completamente boa. Por prudência, porém, assentámos que ela não viesse ainda este ano; vim eu sómente cumprir parte das promessas; mas para o ano, se Nossa Senhora da Abadia continuar a proteger-nos,

voltarei com ela, e emquanto eu fôr vivo, todas as vezes que as circustâncias o permitirem, hei de fazer uma peregrinação ao Muquem, ainda que não seja senão para depôr um simples ramo de flôres e rezar uma Salve Rainha aos pés daquela milagrosa Senhora.

— Muito se fala por toda a parte, repliquei eu, nos milagres de Nossa Senhora da Abadia do Muquem; mas o que acho aí de mais notável e singular é que fossem edificar essa capela e fundar essa romaria lá no fundo de um sertão remoto podendo ser erigida em qualquer localidade mais vizinha de povoados.

— Essa localidade não foi escolhida por ninguem, e segundo conta a lenda, foi indicada pelo céu para nela se edificar a capelinha que aí existe. O senhor, pelo que vejo, não sabe a história de sua fundação.

— Não, senhor; apenas tenho ouvido alguma cousa de uns e outros a esse respeito muito por alto e vagamente.

— Pois não deixa de ser curiosa e interessante essa história; e se não se enfadam de escutarme, eu a contarei com muito gosto, posto que seja algum tanto longa.

— Ainda que a narração tenha de durar a noite inteira, não nos enfadará, e o escutaremos com muito prazer. Da minha parte perderia de bom grado duas noites de sono só para ouvir essa história.

A proposição do viajante foi aceita, pois, por mim e por meus companheiros com o mais vivo prazer. De feito, quem não gostará, ao decaír de uma noite pura e silenciosa, em um aprazivel e tranquilo pouso em meio das solidões, recostado preguiçosamente em uma rêde, a fumar um bom cigarro depois de ter saboreado uma chicara de café, quem não gostará de escutar a narração de uma lenda popular?

O sol já tinha desaparecido inteiramente do horizonte; sombra, fresquidão e melancolia desciam sôbre a terra no manto cinzento do crespusculo.

O nosso jantar estava pronto; improvisou-se a mesa sôbre algumas canastras reunidas, em torno das quais cada um acomodou-se do melhor modo que pôde, e serviu-se o jantar, que consistia no infalivel e patriarcal feijão com toucinho, linguiças assadas, arroz e outras cousas de que já me não lembro, regando-se tudo com um calice de aguardente de cana, que a natureza parece ter criado de propósito nesses logares para cortar os maus efeitos desses alimentos pesados e gordurosos. Por fim tomou-se o café, não essa tintura negra e destestavel que se serve por aí nesses hoteis e hopedarias com o nome de café, mas o verdadeiro café aromatico e balsamico, tal como se sabe preparar em Minas, e cujos deliciosos vapores aquecem o cérebro e expandem tão suavemente o coração.

Enfim, estando já tudo arranjado no rancho, assentámo-nos em nossas rêdes aguardando a narração que o romeiro do Muquem nos prometera. Tudo foi silêncio imediatamente; cessaram as vozerias e toques de violas dos camaradas, e até os cães, deitados ao pé do fogo, estendendo o focinho por sôbre as patas encruzadas, pareciam escutar com religiosa atenção as palavras do narrador.

O nosso romeiro era natural dessa risonha e pitoresca região onde tem o seu berço o majestoso e opulento Jequitinhonha, que rola suas águas por sôbre rubis e diamantes, dessas donosas campinas caprichosamente acidentadas, e cortadas de cristalinos ribeirões, a cujos habitantes o céu entornou no espírito as centelhas do engenho e da inspiração, como alastrou-lhes o solo de brilhantes e preciosas pedrarias. Poderia ter trinta e tantos anos; era de imaginação viva, inteligência clara, e sua linguagem e maneiras revelavam um espírito cultivado e fina educação. Nos olhos e na boca tinha notavel expressão de bondade e franqueza; sua voz era de um timbre claro e sonoro. Nada pois faltava ao nosso narrador para prender todas as atenções.

Como o romeiro do Muquem tinha de seguir sua viagem por alguns dias na mesma direção que nós levavamos, durante quatro noites entretevenos êles os serões do pouso com a narração da história que vamos reproduzir, e que por essa razão dividiremos em quatro pousos.

POUSO PRIMEIRO

O CRIME

CAPITULO I

O VALENTÃO

Na cidade de Goiáz, antigamente Villa-Boa, existia, há mais de um século, um moço que por suas turbulências e espirito de valentia tinha adquirido a mais estrondosa nomeada por todas aquelas paragens.

Era filho de pais abastados e de boa família; porém educado à larga, abandonado desde a infância a si mesmo, sempre em meio de más companhias, dotado além de tudo de indole inquieta e fogosa, este rapaz, que poderia ser um homem de bem e útil à sociedade, se uma educação regular tivesse dado salutar direção aos instintos de sua natureza, foi-se tornando um valentão famoso, talhado a molde para as galés ou para o patibulo.

Gonçalo, que assim se chamava, aplicou-se com ardor desde criança ao manejo de armas de toda a qualidade, a domar animais bravos, a caçar, a nadar, enfim a toda sorte de exercícios do corpo os mais rudes e perigosos.

E, com efeito, neste ponto sua educação foi completa; aos vinte anos de idade não havia em toda a capitania quem com mais destreza esgrimasseuma chavasca, quem tivesse olho mais certeiro para uma pontaria, quem melhor se segurasse nos arreios, aguentando os corcovos do burro o mais chucro, e quanto ao nadar, só poderia competir com ele a lontra, ou a capivara.

Era também agilissimo no jôgo da faca; com os pés atados bem juntos e com uma faca em punho desafiava a qualquer, e com tal destreza se defendia que nem assim o podiam tocar.

Era também habil em manejar as armas dos índios, e sabia atirar a flecha como o mais dextro dos Caiapós ou dos Chavantes. Traçava no chão um círculo de dois pés de diâmetro quando muito, entezava o arco, e mandava às nuvens uma flecha; se o ar estava tranquilo vinha ela cravar-se infalivelmente dentro daquele círculo. Causar-lhe-ia riso a façanha desse camponês da Suiça, do qual se conta que por ordem de um tirano teve de atravessar com uma flecha uma maçã colocada sôbre a cabeça de seu filho; Gonçalo teria atravessado um anel.

Mas em vez de pôr ao serviço da pátria e da liberdade sua grande fôrça e valentia, como aquele herói, Gonçalo, aspero e turbulento por natureza e por mania, atirou-se em corpo e alma na carreira da devassidão e tornou-se um completo vadio, um famoso desordeiro.

Em todos os maus logares, onde quer que houvesse uma orgia, um batuque, uma algazarra qualquer, podia-se jurar que lá se achava Gonçalo puxando barulho, provocando desordens, só para ter ocasião de ostentar sua bravura e fazer sentir a algum desgraçado o peso de seu braço de ferro. Nisto consistia todo o seu orgulho, toda a sua glória. Quando em Goiáz aparecia algum desses valentões afamados, com um desses apelidos extravagantes que por si sós fazem tremer, como Veneno, Jacaré, Tiracouro, Canguçú, etc., bem barbudo, vestido de couro, armado até os dentes, lá ia Gonçalo procurá-lo e não socegava enquanto não achasse ocasião de quebrar-lhe a prôa.

Entretanto esse moço não era mau por natureza; tinha no fundo excelentes qualidades e generosos instintos de coração, que teriam feito dele um homem precioso, se não fosse a sua má educação e a diabolica mania de querer passar pelo maior valentão do mundo.

Ainda para maior desgraça Gonçalo, antes de chegar aos vinte anos de idade. tinha perdido pai e mãe.

Desde então senhor absoluto de suas ações e de uma tal ou qual fortuna, não encontrou mais paradeiro a seus desvários e paixões desordenadas.

Um preto velho, famoso feiticeiro, respeitado e temido pelo vulgo, lhe tinha dado certa mandinga ou caborge, amuleto temivel e milagroso, que o preto inculcava como um preservativo infalivel

contra balas, contra raios, contra cobras e contra toda e qualquer espécie de perigos.

Gonçalo, supersticioso como todo homem ignorante ,acreditava piamente em todas essas virtudes da mandinga, e a trazia cuidadosamente cosida em seu cinturão de couro de lontra.

Gonçalo trazia também ao pescoço outro objeto de natureza inteiramente diversa: era um rico relicário de ouro com uma imagem de Nossa Senhora da Abadia, que sua mãe lhe dera em seu leito de morte, recomendando e aconselhando que tivesse por aquela imagem particular devoção, e que invocasse sempre o seu patrocinio em todos os trabalhos e perigos da vida. Com efeito Gonçalo tinha a mais viva fé naquela santa imagem, e nunca em dias de sua vida deixou de beijá-la com fervorosa devoção ao deitar-se e ao levantar-se da cama depois de ter rezado uma Ave-Maria. Assim todas as vezes que se achava em apertos, com uma das mãos apalpava o cinturão, em que trazia o talisman da superstição africana, e com a outra levava aos lábios o relicário, confundindo desta maneira em sua tosca imaginação o culto da Mãe de Deus com uma grosseira feitiçaria.

Apezar disso não se passava um só dia em que Gonçalo não fizesse provar a algum pobre cristão a fôrça de seu braço rude e vigoroso. Cabeças e braços quebrados, narizes esmurrados, caras esbofeteadas, costas derreadas, eram façanhas

que todos os dias aumentavam a fama e terror de seu nome.

Zombava da justiça, que naquele tempo e naquelas paragens parece que nenhuma fôrça tinha.

Gonçalo muitas vezes dispersou e espancou as milicias encarregadas de prendê-lo por ocasião de alguma das suas falcatruas.

Ele as espalhava a pontapés, como quem arreda com a ponta do pé um tropeço que encontra em seu caminho.

Demais, Gonçalo tinha por si grande número de parceiros, vadios e bandidos como êle, que o temiam e respeitavam, e com os quais contava em ocasião de aperto. Era uma malta de rapazes ociosos e devassos, da qual êle por sua superioridade em fôrças e destreza e por sua riqueza e generosidade era o chefe natural.

Posto que temido como uma onça e respeitado entre seus camaradas pela sua valentia, Gonçalo não deixava de ser estimado e em qualquer folguedo a sua presença era indispensável, pois era o companheiro mais alegre e folgazão que se conhecia. Ninguém com mais primor sabia pontear uma viola, cantar modinhas e lundús ou sapatear com mais desgarro e desenvoltura em uma sala de batuque. Gostava de moças, e com tais prendas e uma bonita figura, bem se vê quanto devia ser querido delas.

Era êle pois parceiro infalivel em todas as

festas, batuques e partidas de prazer, quaisquer que fossem.

A' fôrça de ser temido e respeitado, pois ninguém mais ousava experimentar as fôrças de sua mão de ferro, a vida de Gonçalo ia-se por fim monotana e sem acidentes, com o que andava êle mui desconsolado e aborrecido.

Essa vida tranquila, que ia passando, sem achar ocasião ao menos de dar uns murros ou uns pontapés, o enjoava por tal sorte, que estava resolvido a ir viajar pelos sertões em busca de quanto valentão e facinora afamado por aí houvesse, medir suas fôrças com eles, matá-los todos e trazer suas orelhas de mimo ao capitão-mór. O destino, porém, ageitou as cousas por tal modo, que não foi preciso a Gonçalo sair de Goiáz para que fossem completamente satisfeitos os seus desejos.

Entre os comparsas de Gonçalo havia um que, além de ser seu particular amigo, era o único que ousava rivalizar com êle em fôrça e destreza. Era uma rapaz por nome Reinaldo, robusto e bem feito, e geralmente estimado por sua franqueza e lealdade e que ainda não se tinha deixado inteiramente eivar do espírito de desordem e devassidão dos seus companheiros. Nos exercícios de luta, esgrima e outros era o que dava mais trabalho a Gonçalo, e por vezes acontecia ficar indecisa a vitória. Como era ainda muito moço, tinha esperança de um dia igualar, senão exceder a seu amigo em vigor e agilidade. Os companheiros o aplaudiam e

animavam de proposito para humilhar a Gonçalo, cujo orgulho interiormente desejavam ver abatido. Isto fazia espumar de raiva a Gonçalo. Nesses momentos todo o sentimento de amizade desaparecia de seu coração, e não poucas vezes suas lutas e exercícios se teriam transformado em cênas de sangue e morte, se não interviessem os amigos de ambos. Gonçalo tinha bom coração e era excelente amigo, mas prezava acima de tudo a sua reputação de valentia. Esta singular mania encheu-lhe de trabalhos e infortunios o caminho da vida.

CAPÍTULO II

O BATUQUE

Era um domingo. Por uma bela noite de luar, um desses batuques animados e estrondosos, que são tão comuns nas povoações do sertão, fazia retroar um dos mais retirados e silenciosos bairros de Vila-Boa. O chão tremia aos frenéticos sapateados dos dansadores; o rumor das violas, dos pandeiros, dos adufos, as palmas compassadas, as cantigas esgueladas retumbavam ao longo das margens do Rio Vermelho, e iam perder-se em sons confusos pelas quebradas das montanhas vizinhas.

Todo esse rumor e vozeiras partiam de uma casa terrea, porém espaçosa, propriedade de mestre Mateus, velho caboclo, ferreiro de nomeada, o qual essa noite reunia em sua casa a mais luzida rapaziada da vila e da roça e as mais bonitas raparigas do lugar, afim de festejar com batuque e folgança os anos de uma de suas filhas, para o que tinha obtido licença expressa do juiz ordinário. Mestre Mateus era um bom velho, de costumes pa-

cíficos, benquisto, alegre e amigo de folgar. Nada havia pois de recear de um tal folguedo, sendo feito em sua casa, que nunca foi teatro de desordens.

Em uma grande sala alumiada por algumas candeias de ferro espetadas nas paredes, e cuja mobilia consistia em bancos, tamboretes, caixas, catres e cepos semeados em desordem em roda da sala, estava a grande roda dos dansadores.

Eram guapos rapagões em trajos domingueiros, porém muito à fresca em razão do imenso calor que faz naquela terra, uns em mangas de camisa, outros descalços, porém todos de chapéu na cabeça, cigarro na boca ou na orelha, e uma comprida faca na cintura.

Quanto às raparigas, como sempre se nota nesses folguedos, havia grande variedade de côres e de figuras. Ao par de uma branca de longos cabelos castanhos ou louros sapateava a crioula de trunfa encarapinhada; junto de uma megera desgrenhada e titubiante, linda mulata de olhos úmidos e lascivos se bamboleava airosamente enfunando as amplas saias de seu vestido branco ou côr de rosa. Entre muitas papudas, feias e desenxabidas viam-se algumas bonitas e roliças caboclas, côr de rola, de cabelo negro e corrido, e de olhos brilhantes como carbunculos. Brilhava-lhes com profusão no pescoço o fino ouro extraido das ricas minas de Goiáz, em rosários, cordões, caixilhos, medalhas que lhe ocultavam quase completamente o seio.

A aguardente de cana e outros licores circulavam com abundância à discrição dos convivas.

Uns a tomavam simples, ou da lisa, conforme a expressão do país; outros preferiam assada, isto é, aguardente queimada com açucar. As cabeças se tordeavam de mais a mais, o batuque fervia cada vez mais animado, e os heróis da festa nêssa dansa doida e vertiginosa ensopavam as camisas exalando pelos poros toda a cachaça que bebiam.

Entre as raparigas, que lá se achavam, havia uma que pelo seu garbo e formosura era o desassocego de todos os corações, e o alvo de todos os desejos. Era uma morenninha de dezesete a dezoito anos, travessa e viva como uma lontra, bonita como seria dificil encontrar outra igual, mas louca e leviana como uma criança. Tinha por nome Maria, que a gente da família e depois também o povo trocou pelo apelido de Maroca pelo qual era geralmente conhecida.

Todos ardiam por obter um sorriso, um olhar, um pequeno sinal de preferência daquela encantadora menina; porém nenhum ousava declarar-lhe seus sentimentos, nem requestá-la mui abertamente, porque todos sabiam que Reinaldo, o amigo de Gonçalo, que tinha em casa em sua companhia, a amava extremosamente. Ora Reinaldo, que era respeitado e estimado de todos, era além disso ciumento como um tigre, e tinha a dupla vantagem de ser o amigo e o único rival de Gon-

çalo. Eram motivos de sobejo para que ninguem nem de leve ousasse tocar-lhe na corda a mais sensivel do coração. Portanto os convivas a tratavam com certo constrangimento e reserva, o que fazia que ela tomasse parte pouco ativa na dansa.

Maroca, naturalmente travessa e desenvolta, como um diabrete, não gostava nada dessa reserva, que não lhe permitia sair sempre ao meio da sala sapateando doidamente como as outras. Triste e amuada em um canto da sala com os braços cruzados, via-se-lhe o peito moreno arfar de impaciência e agitar-lhe a alva camisa, que inundada de suor se lhe colava aos seios, deixando ver-lhe quasi a nú as puras e volutuosas fórmas, pois, como se sabe, por essas terras de Goiáz, talvez por causa do excessivo calor, os corpos dos vestidos das senhoras não têm serventia alguma, e as mangas são verdadeiras mangas perdidas. Corpo e mangas elas os deixam cair sôbre a saia em fórma de aventais, ficando os seios a ondearem livres e desafogados, encobertos apenas por alva e transparente camisa, a qual ainda quasi sempre é entremeada de crivos e rendas.

A Maroca, como já disse, pouco dançava; mas quando lhe cabia a vez de sair ao meio da sala, com sua graça sedutora, com seu gentil balanceado enfeitiçava a todo o mundo e arrancava estrondosos bravos a tôda a rapaziada.

Reinaldo, que todo se embebia na contemplação dos encantos da Maroca, e que a rodeava de

seus ardentes olhares, como um jacaré vigiando o ninho, não era dos mais alegres da festa.

Todavia o batuque continua, o frenesí recresce, as palmas fervem, e as umbigadas estouram cada vez com maior furor. Um cavaleiro apeia-se à porta da sala e bate.

Sem tomar a precaução de perguntar quem é, mestre Mateus vai imediatamente abrí-la. Um belo rapagão de botas com grandes esporas de prata, chapeu à banda, chicote na mão e cigarro na bôca se apresenta no limiar da porta.

— Oh! viva! bradou mestre Mateus; seja muito bem vindo compadre Gonçalinho; já me tardava; por onde andou até ogora? já não gosta da casa deste seu velho compadre?

— Entra, Gonçalo; ainda vieste a tempo; já estavas nos fazendo falta.

— O Sr. Gonçalo anda se vendendo caro; já não há quem o veja; alguém o ofendeu nesta casa?

— Gonçalo, deixa de ouvir sécas e comprimentos; anda para cá, vamos a beber, folgar e dansar.

Todos estes comprimentos e outros ainda eram dirigidos quase a um tempo a Gonçalo, que, não podendo responder a todos, assentou de si para si que era mais cômodo não responder a nenhum. Mestre Mateus chegou-se para Gonçalo.

— Estás hoje de má cara, meu compadre! o que te aconteceu?... Não queres tomar alguma cousa? da lisa ou da assada?... heim?

— Venha seja o que for, e deixem-me que estou cansado.

Dizendo estas palavras, o moço atira-se atabalhoadamente no primeiro assento que encontra, fazendo um barulho dos diabos com as esporas, faca, garrucha e todo o trem belicoso que trazia em si, joga o chapéu para um canto encosta-se à parede, estende as pernas para o meio da sala com tôda sem cerimônia, boceja e fecha os olhos como quem quer dormir. Mestre Mateus volta daí a um instante com um copo na mão.

— Toma lá da queimada, compadre. Oh! com os diabos!... queres dormir, homem?

— Ora vai-te co mos diabos, compadre, que me não deixas descansar. O que me queres?

— E' da queimada; não tomas? e então fica-se aqui a dormir ou vai-se dansar?

Gonçalo sacudiu os ombros, e não respondeu, tomou alguns goles da assada, passeou um olhar indiferente pela sala, e de novo inteiriçou-se em seu assento a todo o comprimento do corpo, com ares de quem estava soberanamente aborrecido. E de feito desde manhã até aquela hora tinha êle rondado a vila inteira, tinha penetrado em todos os recantos, botequins e casas de jôgo, tomado parte em todos os ajuntamentos onde houvesse algazarra e bebedeira, dito graças pesadas a mais de uma moça bonita mesmo às barbas de seus amantes, e nem assim tinha achado ensejo nem sequer de apalpar o cabo de sua faca, e isto em pleno do-

mingo, em uma vila de tanto povo, que se tem por valente e pouco sofredor! Daquele dia em diante, Gaiáz não era a seus olhos mais do que um covil de aduladores, cobardes e poltrões, um curral de carneiros indigno de ser pisado pelos pés de um homem d ebrio .Decididamente não podia demorar-se por mais tempo em tão miserável país, e estava disposto a abandoná-lo para sempre.

O compadre Mateus veiu arrancá-lo a essas reflexões.

— Que diabo tens hoje, compadre?... dansa-se ou não dansa-se?... As moças estão ardendo por te verem na roda. Olha a Caiú está te chamando com aquele olhar derreido!... A Zézinha diz que não dansa mais e vai-se embora, se continuares dessa maneira; a Maroca por te ver assim embezerrado está com medo que queiras fazer algumas das tuas, e já foi ver o capote para escapulir-se Ah! compadre, isto não está bem; você, que é sempre o melhor companheiro de folgança, há de ser hoje o nosso desmancha prazeres! Oh! bravo!... é a Maroca que sai a campo! é a rainha da festa. Olha, compadre, como está linda aquela feiticeirinha! Bravo disso! bravo, Maroca!

E a Maroca, depois de ter feito os mais galantes e graciosos requebros sapateados pela sala, girou como um corrupio sôbre os talões, abaixou-se ràpidamente entre os tufos de suas alvas saias enfunadas os braços e o rostinho côr de jambo, como uma rolinha deitada em ninho de algodão batido.

— Bravo! bravíssimo! bradou Gonçalo levantando-se de um salto, que retiniu com estrondo por tôda a sala.

Depois continuou baixo, voltando-se para mestre Mateus:

— Agora sim, compadre, sou da festa; a Maroca está aí, vai tudo bem. E o Reinaldo, onde está êle? não veiu?...

— Não enxergas!... Olha, lá está êle naquele canto, e por sinal que está hoje triste e de viseira fechada, não sei porque.

— Bem! lá o vejo, disse Gonçalo, em cujos olhos reluzia um prazer satânico, e continuou resmungando entre si: — Bem! muito bem! aqui sim! tenho uma linda menina a quem posso fazer a côrte, e ao lado dela um valentão de primeira ordem a quem farei abaixar o topete. Ah! Reinaldinho, meu amigo, eis aqui uma bela ocasião de mostrar, sem ser por brincadeira, qual dos dois é mais valente; o tigre ou a onça, e isto sem quebra de nossa amizade; para teu ensino quebrar-te-ei bem as costelas deante de tôda esta gente, e nem por isso deixaremos de ser bons amigos como dantes. Não serás o primeiro amigo a quem dou uma destas proveitosas lições.

Não se pense que estas palavras, que Gonçalo murmurava consigo, eram um escárneo feroz, um sarcasmo filho de ódio; não, elas eram expressão sincera de seus sentimentos. Êle queria bem a Reinaldo e seria capaz de lançar-se por entre o ferro

e o fogo para defendê-lo; mas o que não podia levar a bem é que este tivesse a louca pretensão de rivalizar com êle em valentia; por isso suspirava sinceramente por uma ocasião de dar-lhe uma sova tal, que lhe desvanecesse de uma vez para sempre suas chimericas aspirações, e que enfim conhecido Reinaldo o seu lugar, não houvesse mais motivo de desavença entre êles. Quão mal conhecia êle a êsse amigo, medindo-o pela mesma bitola dos outros seus camaradas.

A rapariga, que nesse momento dansava, vendo Gonçalo já em pé, dirigiu-se para êle e o tirou para o meio da sala.

— Sou daí! bradou êle com voz de atordoar.

Ganhou de um salto o meio da sala, e fazendo retinir suas grandes esporas depois de ter feito em roda de tôda a sala um frenético sapateado, passando revista a todos aqueles rostos, estacou em frente da Maroca, e deitando os braços e cabeças para traz exclamou:

— Ah! Maroca, meu amorzinho, com estás encantadora! agora é contigo, minha rola; sai do ninho, feiticeira!

A Maroca não se enfadou com o gracejo, sorriu-se e deixando-se arrebatar no rodopio da dansa vertiginosa brilhou com a faceirice e graça do costume.

Desde então Gonçalo e Maroca estavam sempre no meio da roda; eram o rei e a rainha da festa. As moças à porfia tiravam Gonçalo para o meio

da roda; mas o endiabrado rapaz com o maior escândalo e do modo o mais inconveniente — se é que pode haver escândalo e inconveniência em um batuque, — teimava em não se dirigir senão à mimosa e gentil Maroca, como se só ela dansasse naquela sala. Esta por sua parte não se mostrava enfadada, antes parecia vaidosa com aquela preferência, e cada vez mais requintada em meneios e requebros sedutores.

Reinaldo, porém, que se escostava a um canto para ocultar o furioso ciume que por dentro lhe lavrava o coração, rangia os dentes e mordia os lábios observando com olhos turvos e chamejantes todos os movimentos de sua amante e de Gonçalo. Este, se bem dansava, melhor falava, gritando uma algaravia infernal, chasqueando e dirigindo a Maroca os mais atrevidos gracejos, que eram como setas envenenadas que iam varar o coração do ciumento Reinaldo.

Se antes da chegada de Gonçalo o batuque corria animado e caloroso, agora fervia como as caldeiras de Satanaz.

Gonçalo, por fim de contas, à fôrça de dirigir à faceira menina graças e galanteios, que não eram mal acolhidos, foi-se deixando tomar de um verdadeiro amor por ela, ou pelo menos de um vivo desejo de a possuir.

Êle, que a princípio só a procurava para provocar um ensejo de travar-se de razões com Reinaldo e mostrar em público e raso sua superiori-

dade, moendo lhe os ossos ou quebrando-lhe a cara, agora, fascinado pelos encantos daquêla beleza perigosa, seria capaz de sangrá-lo ali sem compaixão, se se atrevesse a disputar-lh'a.

E também aquela bandoleira, seduzida a seu turno pelos requebros do guapo mocetão, que era o alvo dos desejos de tòdas aquelas filhas do bordel, nem olhava para Reinaldo, que com o inferno no coração deixara a dansa, e em pé junto a uma candeia fincada na parede apertava com tremor convulsivo o cabo da larga faca, com que vagarosamente picava fumo para o cigarro, relampeando de quando em quando olhares de fogo ora sôbre um, ora sòbre outra, e ardendo por ver o fim daquela para êle odiosa orgia.

CAPÍTULO III

DITO E FEITO

Enfim os dansantes, já esbaforidos e estafados dos pulos e sapateados daquela dansa doudejante, assentaram de tomar algum descanso. Calaram-se as violas e os adufos, e os convivas se dispersaram pelas diversas acomodações da casa a tomar licores e refrescos afim de se habilitarem para nova refrega.

Reinaldo respirou. Enrolou o seu cigarro, acendeu-o, e dirigindo-se para a Maroca, que pela fôrça do costume viera se assentar ao pé dele, disse-lhe com ar sombrio:

— Maroca, vamo-nos embora; êste folguedo não está com geito de acabar bem; já é tarde, e antes que aconteça alguma desgraça, vamos para casa.

— Pois já? tão cêdo!... seria melhor então que não tivéssemos vindo cá, respondeu a menina mostrando-se contrariada e sem procurar disfarçar o seu descontentamento. Mestre Mateus há de se

enfadar se sairmos já; ainda é muito cêdo: logo mais iremos.

— Hum!... rugiu Reinaldo do fundo do peito. Estou hoje te desconhecendo, minha amiga; quem virou-te assim essa cabecinha?... seria êsse...

— Ora deixe-se de tolices, volveu ela interrompendo-o com azedume; isto não tem propósito nenhum. Se você não gosta dêstes divertimentos, devia deixar-me ficar em casa, que eu por mim bem podia vir sozinha.

Levanta-se dando um muchôcho, volta-lhe as costas e vai-se retirando com certo ar de desdem. Estas palavras e êste gesto doeram no coração do pobre rapaz, como se um ferro agudo o tivesse atravessado. Brandiu convulsivamente a faca, que ainda tinha na mão, e ia cravá-la... na pérfida ou em si mesmo! vacilou, conteve-se, escondeu sua amargura no fundo da alma, e tomando brandamente a Maroca pelo braço chamou-a a si com carinho.

— Minha querida, lhe diz com voz meiga e suplicante, não sei que mal te fiz eu para assim me tratares tão desabridamente, e me despedaçares o coração com tanta crueldade. Acaso não me queres mais?... se assim é, se és tão leviana e bandoleira, que foi bastante uma só noite, um só momento para riscar do teu coração o meu nome e o meu amor, eu te peço por piedade, fala, não me encubras nada. Antes assim, do que viver iludi-

do. Quero ouvir da tua própria bôca a sentença de minha condenação. Será este o último favor que te peço, e te deixarei livre para ir bem longe de teus olhos morrer de mágua e desesperação.

No olhar e na voz do mancebo pintava-se uma dor tão sincera e tão profunda, que Maroca, apezar de ter um coração leviano e pouco sensivel, não deixou de enternecer-se.

— Não te enfades comigo, meu Reinaldo, replicou com meiguice; perdôa me, se te agravei: eu sou uma estouvada, e já nem sei o que te disse. Realmente eu estava com vontade de ficar por mais algum tempo; mas se isso te incomoda, não ficaremos mais nem um momento, e estou pronta desde já para acompanhar-te.

— Não, meu amor, não quero estorvar-te em teus divertimentos, diz Reinaldo já mais tranquilizado; dansa e folga, quanto for do teu agrado. Mas por piedade, Maroca, mais reserva para com êsse rapaz, que se diz meu amigo, e que tanto te persegue com suas estouvadas galanterias: êle parece que nos quer perder a todos três.

— Não te dê isso cuidado, disse ela; e dando um saltinha deu um beijo e uma bofetadinha na face de Reinaldo, e leve como uma pena, desapareceu pelo interior da casa, cantarolando e tocando castanholas nos dedos.

Esta cena não escapou ao matreiro Gonçalo, que estava na outra extremidade da sala rodeado de comparsas, estendido em um banco a todo com-

primento, tomando da assada, e vomitando chalaças e palavradas de arripiar os cabelos. Os ouvintes o aplaudiam vivamente e com as mais gostosas e retumbantes gargalhadas.

— Bravo! o bicho está ferido, disse lá consigo Gonçalo vendo o ar sombrio e misterioso de Reinaldo, que se sentára pensativo no tamborete abandonado por Maroca, e levantando-se foi acender o cigarro na candeia que estava junto ao seu amigo.

— Que diabo tens tu hoje, meu Reinaldinho, disse êle depois de ter acendido o cigarro, que está de cara tão fechada e trombudo como uma anta? Quem te ofendeu, amigo? Fala, que quero já desagravar-te.

— Gonçalo, nem sempre a gente está para brincadeiras. Se és deveras meu amigo, não estejas a provocar-me com êsses gracejos de máu gôsto; olha que há certas cousas, certos sentimentos, com que não se pode brincar sem perigo.

— Perigo! algum dia me viste recuar deante de perigo algum, meu criançola? diz antes que já te pesa a cabeça antes de tempo, e por isso andas assim focinhudo e cabisbaixo.

— Gonçalo, tu estás de propósito a querer queimar-me o sangue!... se continuas, estão rôtos os laços de nossa amizade desde êste momento, e...

— E o que?... cala-te, meu tolo; não te amofines por tão pouca cousa. Aquela menina, por quem morres, se eu o quiser, posso levá-la hoje mesmo na minha garupa para onde me aprouver.

— Disso não és capaz, Gonçalo; eu juro por minha alma; antes que lhe ponhas a mão, cairás morto a meus pés, ou deverás passar por cima de meu cadáver.

— Santo Deus! como está exaltado o homem! Para que fui eu pisar no rabo do cascavél, que dormia! Perdão, meu Reinaldinho, continua Gonçalo com ironia e em tom de conselho; perdão, eu não te quero ofender; mas aqui entre nós, e como amigo devo declarar-te que não tens o direito de ser o único senhor e possuidor daquela bonita joia, senão no caso que ela muito de sua livre vontade queira continuar a ser tua.

— Gonçalo, és um vil, um infame traidor! bradou Reinaldo espumante e lívido de cólera. Nasceste para as galés e para a forca, e não para viver entre homens, que se prezam e se respeitam. Desprezo as tuas palavras como vindas de um ébrio, de um sandeu.

— Pelo que vejo, replica Gonçalo com um riso amarelo forcejando por dissimular seu despeito, pelo que vejo não está disposto a ceder-me por modo nenhum a tua amada. Pois bem, eu a tomarei por fôrça.

— Não a tomarás, Gonçalo; eu te juro.

— E quem me impedirá?...

— Eu!

— Sai-te daí, criança com um pontapé te arredarei do meio do caminho.

Gonçalo pronunciou estas palavras com ar de

despreso e compaixão e voltou as costas a Reinaldo. Êste dá um pulo de tigre e agarrando a Gonçalo pelo braço empuxa-o violentamente e brada:

— Aqui, Gonçalo, aqui! se não és um fanfarrão, um cobarde, hás de pôr em execução as tuas ameaças, e já!

Gonçalo arranca o braço das mãos de Reinaldo, e de um salto tomando distância a três passos, já de faca alçada, grita:

— Arreda-te daí, atrevido, antes que te ponha o bucho à mostra!

— A mim, fanfarrão! vem, que eu não arredarei um dedo; não temo as tuas bazófias.

Os dois contendores estavam em distância de quatro a cinco passos um do outro; as facas brandidas convulsivamente relampeavam ameaçadoras por cima de suas cabeças, rangiam-lhe os dentes, e os olhos lhes fuzilavam um lume torvo como as chamas do inferno. Eram como dois canguçús enciumados, que ao encontrarem-se arreganhlaram os dentes e rosnam furiosos antes de se arrojarem um sôbre o outro.

O negócio já cheirava a sangue, e aquela festa, começada na paz e na alegria, estava prestes a ter o mais sanguinolento desfecho.

— Misericórdia! misericórdia! — que será isto! — Virgem Santa! — bradava-se de todos os cantos.

Uma turba de homens e mulheres em gritos lança-se afoitamente em meio dos dois.

— Deixe, deixe êsse maluco vir rasgar-me as tripas! vociferava Reinaldo como querendo voar por cima deles e a muito custo o podiam conter.

— Chega-te, rapaz, rugia Gonçalo, chega-te para cá que quero aqui mesmo coser-te a facadas, e aliviar-te para sempre desse ciume danado que te ferve no coração.

Por alguns momentos durou esta cena sinistra, que teria tido o mais trágico resultado, se a turba, em uma gritaria imensa, não se entrepuzesse intrepidamente entre as duas facas, que se agitavam fuzilando por cima daquela multidão de cabeças, e já retinham chocando-se uma na outra; até que a muito custo conseguiu-se que se não travasse a luta.

O socego restabeleceu-se finalmente; mas que socego triste e desanimado! que contraste entre o festival e alegre bulicio e algazarra que ainda há pouco reinavam naquela reunião e êsse surdo e sinistro murmúrio que agora rumorejava pelos ângulos da sala! Os convivas tinham perdido tôda a vontade de rir e divertir-se, e andavam em grupos pelos cantos conversando em voz baixa, debaixo da impressão de um invencivel terror, fazendo as mais temerosas reflexões sôbre aquele triste incidente.

Em vão mestre Mateus, com seu ar bonachão e jovial, se esforçava por desvanecer a terrível impressão que deixará nos ânimos de todos aquela temerosa pendência; era tudo baldado. Os mais

prudentes ou medrosos foram-se pondo ao fresco e a sala em poucos instantes ficou reduzida a menos de metade dos comparsas.

— Vamos, minha gente! gritava mestre Mateus, que pasmaceira é esta! aquilo foi uma ninharia, e uma travessura de rapazes; daqui a pouco terão esquecido tudo, e estarão mais amigos do que dantes. Vamos, rapaziada! ânimo! tomem da assada, e vamos com o folguedo acima.

Gonçalo, posto que não deixasse de sentir profundo abalo com aquele conflito com o seu amigo, entendeu que faria um triste papel se continuasse a ficar mudo e amuado; portanto, sopeando o mais que pôde sua emoção, saltou logo na sala com o maior desembaraço exclamando:

— Eh! com mil diabos! teus razão, compadre; viva o prazer, leve o diabo a tristeza, e vamos com a folia por diante. O que sucedeu foi um bagatella sem importância. Não é a primeira vez, nem será a última, que se vê dois homens puxarem faca um contra outro; nós não somos crianças; e se Reinaldo entende que eu o agravei; não faltará ocasião nem lugar mais oportuno em que possa se desagravar: não é assim, Reinaldo?

— Sem dúvida, rosnou Reinaldo com voz carregada.

— Viva a paz! viva a alegria! exclamou mestre Mateus batendo palmas. Falou quem pode: não há mais motivo de desgosto; toca a folgar. Mas agora, camaradas, caluda sôbre êste negócio! não

quero por modo nenhum que se saiba aí por essas ruas, que em minha casa, onde nunca houve desordens, e sempre gozou de muito boa fama, puxaram-se facas, e esteve-se em termo de ver correr sangue. O passado, passado; faça-se de conta que nada houve e toca a folgar. Olá das violas, vamos com isto!... um vai-de-roda bem esquentado!

As violas ressoaram, e a dansa recomeçou, se bem que ainda algum tanto fria e constrangida. Gonçalo, porém, dansava, palrava e gritava por todos com a maior frescura e desembaraço, como se nada tivesse acontecido. Com o seu exemplo os outros também foram pouco e pouco se animando. Quanto à Maroca, ia também gradualmente reçuperando tôda sua desenvoltura natural, e alardeava de novo tôda a sua graça e faceirice.

Só Reinaldo, triste e taciturno a um canto, não podia dissimular a tremenda tempestade que lhe agitava o espírito, e devorava em silêncio lágrimas de raiva e desesperação.

Gonçalo pela sua parte ia-se sentindo cada vez mais subjugado pelos encantos da sedutora menina. Aquela triste pendência com um amigo, a quem gratuitamente ofendera, longe de contê-lo em seus desmandos, não foi mais que um novo incentivo que lhe fez mais vivamente cobiçar aquela beleza tão ciosamente vigiada por seu amante.

Pela primeira vez em sua vida estava dispisposto a desenvolver toda a sua fôrça de touro, toda a sua bravura de leão, toda a sua destreza de

ença, não por um mero capricho ou ostentação de valentia, mas para satisfazer uma paixão cega, que lhe rebentava nalma com a violência de um vulcão.

Este amor fatal — se é que se póde chamar amor um desejo caprichoso e brutal — junto à louca mania de querer provar a todos a fôrça e agilidade de seu braço, extinguiram ao menos naquela noite no coração de Gonçalo todo o instinto de lealdade, todo o sentimento de amizade que ainda votava a Reinaldo.

— A Maroca hoje há de ser minha, projetou consigo o diabólico rapaz. A princípio dissera isto somente para lançar uma luva de desafio a Reinaldo, com quem ardia por travar-se séria e publicamente; mas agora era esse o mais ardente desejo de seu coração, para cuja satisfação estava disposto a sacrificar tudo. Que viessem estorvá-lo Reinaldo ou quem quer que fosse, ou toda aquela turba reunida, que êle os dispersaria como quem sacode a poeira de suas botas.

A Maroca, ou porque era ainda muito criança, ou por ser de seu natural leviana e bandoleira e não amar a ninguém, foi-se deixando facilmente seduzir pela galhardia, bravura e talvez mais pela riqueza e liberalidade de Gonçalo, que durante a dansa lhe introduzira no dedo um rico anel de brilhantes, prometendo-lhe ainda em segredo maiores e mais magnificos presentes.

O coração da Maroca era vasio e leve, e por-

tanto facilmente esvoaçou de Reinaldo para Gonçalo. Este, seguro das boas disposições da menina, forjou logo o mais atroz e sinistro projeto.

A noite já ia muito avançada; os galos, amíudando cada vez mais seu canto, anunciavam que estava próximo o romper do dia.

Gonçalo, consultando o relógio, que trazia preso a uma grossa cadeia de ouro, diz em voz alta:

— Três horas em ponto, meus caros; para quem mora a mais de legua de distância, já é tempo de pôr-se a caminho.

E imediatamente, sem mais comprimentos, enquanto os outros se entretinham em dansar, jogar ou conversar, abriu de manso a porta da rua, e desapareceu.

Reinaldo, que não dansava, nem bebia, nem jogava, mas acabrunhado por uma multidão de pungentes e sombrios pensamentos se assentára a um canto, viu com prazer a saida de Gonçalo. Seu peito respirou mais desafogado com o desaparecimento daquele homem fatal, que se tornava para êle um pesadelo, um espectro odioso. Levanta-se e procura com os olhos pela sala a Maroca, afim de também convidá-la a retirar-se; por duas ou três vezes corre com a vista toda a extensão da sala, e não a vê nem na roda dos que dansavam, nem assentada em parte alguma: estremeceu, e bateu-lhe o coração de um modo estranho.

Depois pensou: — De certo está lá pelo inte-

rior da casa, e não tradará a aparecer. — Esperou alguns minutos aplicando o ouvido e embebendo os olhos pelos corredores, pelas alcovas, por todos os cantos, procurando vê-la ou ao menos ouvir-lhe a voz; mas debalde.

Esperou ainda na maior ansiedade; já não só êle, mas muitas outras pessoas reparavam e estranhavam a demora da ausência de Maroca.

— Maroca! Maroca! onde estás? gritavam todos uns para aqui, outros para acolá; mas ninguém acudia de parte alguma.

— Querem ver que aquela sonsa foi sózinha para casa sem dar parte a ninguém; dizia um.

— Quem sabe se a coitada teve algum ataque, e está caida aí por algum canto? opinava outro.

— Ou está nalgum canto a dormir; pensava um terceiro.

— Ou eclipsou-se com alguém, acrescentava maliciosamente um quarto.

Enfim todos se puzeram em movimento dispostos a revistar e esquadrinhar todos os recantos e dependências da casa, gritando pelo nome de Maroca.

— Maroca está aqui comigo! bradou uma voz retumbante, que partiu do lado da rua. Jurei que havia de levá-la comigo e assim o cumpro. Quem quizer, que venha tomá-la.

E ouviu-se o tropel de um animal, que partia a galope.

Todos ficaram como que petrificados.

Reinaldo, como se um raio o ferisse, caiu pálido e frio sôbre um banco, e ficou por alguns instantes como que aniquilado. Depois levantando-se bruscamente e arrancando os cabelos com ambas as mãos, bate furioso com o pé no chão.

— Oh! traição infame! exclama; meu cavalo! quero já e já meu cavalo!

E com brusco movimento, abalroando a todos, investe para a porta. Em vão os companheiros quizeram detê-lo e apaziguá-lo.

— Deixem-me, bradou com voz de trovão, e partiu a correr como uma flecha para a casa.

CAPITULO IV

A LOUCA

No outro dia já o sol andava alto, quando mestre Mateus e seus trenoitados companheiros da orgia da vespera abriram os olhos à luz dos dia. A primeira idéia que se lhes apresentou ao espírito ainda anuviado pelo sono e pelos vapores das libações da noite, foi a função da vespera, a briga terrivel entre Gonçalo e Reynaldo, a tremenda e desaforada traição de que este fôra vítima. A principio pensaram que despertavam de um pesadelo, mas bem depressa cairam em si, lembrando-se que desgraçadamente era tudo pura realidade.

Mestre Mateus saltou da cama resmungando:

— Um!... estes rapazes! que doidos! meu Deus! o que terão feito!

Atirou ao ombro a jaqueta, poz na cabeça o seu chapéu de couro, deitou na boca uma masca de fumo e, sem mais perda de tempo, dirigiu-se o mais depressa que pôde à casa de Reynaldo.

Aí não encontrou senão uma mulher velha, que morava com Reynaldo e lhe tratava da casa. Esta, que também se mostrava aflitissima, contou-lhe que pela mardugada Reynalo sózinho e arquejando de cansaço, batera à porta, arreára o cavalo a toda a pressa sem dizer palavra, por mais que ela perguntasse o que tinha acontecido, o que era feito de Maroca e onde ia áquelas horas; que, resmungando e praguejando, sem a nada responder, partira a toda a brida, sem que ela soubesse que rumo levára.

Esta informação foi mais que suficiente para que mestre Mateus compreendesse quantas desgraças não poderiam resultar, ou não teriam já resultado daquela desastrada pendência, que vinha desacreditar para todo o sempre a sua casa. Amaldiçoava a hora em que se lembrou de fazer semelhante função, e dava aos diabos a Maroca, Gonçalo e Reinaldo, que vieram deitar azar em sua casa, onde nunca houvera nem a mais insignificante rusga. Arrependeu-se mil vezes de não ter mandado amarrar aqueles dois malucos, logo que começaram a briga, e entregá-los à justiça; teria impedido uma desgraça, que já quase tinha como certa e irremediável.

Contudo o bom do velho, sem mais perda de tempo, corre à casa de alguns dos parceiros da vespera, amigos dos dois rapazes, dá-lhes conta do que acaba de saber e das inquietações que tinha no espírito.

Estes também tinham acordado com a mesma preocupação, e apenas viram mestre Mateus, perguntaram-lhe com sofreguidão se tinha notícias de Reinaldo, de Gonçalo e da Maroca.

— Oh! se as tinha! e bem tristes. O Reinaldo é tão doido como o outro. Ontem, quando saiu da sucia, foi direito à casa, montou a cavalo e voou como uma flecha atrás de Gonçalo e de Maroca. Agora vocês, que são seus amigos, o que devem fazer é ir já e já, cada um arrear o seu animal e correrem à fazenda de Gonçalo; não podiam ter tomado outro rumo. Vão vêr o que é feito daqueles doidos. Depressa, depressa! ah! e queira Deus que já não seja tarde.

Mestre Mateus era respeitado e estimado dos rapazes, e seus conselhos eram executados à risca, como se fossem ordens.

Foi dito e feito. Em menos de meia hora alguns moços, amigos dos dois, galopavam à redea solta, caminho da casa de Gonçalo, que morava em uma pequena fazenda de sua propriedade a legua e meia da vila.

Teriam andado cerca de uma legua, quando divisaram, a umas quinze braças, ao lado do caminho, à beira de um pequeno capão, uma mulher assentada no chão e encostada ao tronco de uma árvore. Correram a reconhecê-la. Estava ela com a cabeça como que pregada ao tronco da árvore, com ar de idiota, com os olhos muito abertos, parados e obstinadamente fitos em um cadá-

ver todo mutilado e ensanguentado, que estava estendido diante dela. O capim em roda estava todo amassado e ensopado em sangue; o sol abrazador ardia a pino; uma nuvem de insetos, moscas e máribondos, esvoaçavam sôbre aquele logar, e mais longe, já pairavam alguns urubús atraidos pelo cheiro da sangueira, que dali se exalava como se fosse um matadouro.

Os rapazes deram um grito de horror, e sentiram os cabelos se entezarem como espetos na cabeça, quando na mulher reconheceram a Maroca e no cadáver o desditoso Reinaldo.

A Maroca nem deu fé da chegada dos cavaleiros, e conservou-se imóvel como uma estátua, sempre com os olhos desvairados fincados sôbre aquele corpo ensanguentado.

Chamaram-na pelo nome, sacudiram-na com fôrça para vêr se a arrancavam daquele torpôr, e se dizia alguma coisa da cena horrorosa que ali se passára. Mas ela apenas olhava para eles como que pasmada, resmungava uns sons ininteligiveis, e tornava a cravar olhos estatelados sôbre o cadáver.

E aquela feiticeira menina, ainda nessa madrugada tão linda, tão viva e travessa, agora descabelada, salpicada de sangue, com as feições horrivelmente transtornadas, parecia um fantasma, e causava horror áqueles mesmos que ainda há pouco morriam por um só de seus sorrisos. O espanto, o terror e talvez o remorso tinham fulmi-

nado a alma da infeliz rapariga, que caiu em um estado de idiotismo, do qual nada pôde depois arrancá-la.

A pobrezinha tinha também os vestidos e as mãos salpicadas de sangue, e parecia ferida, posto que ligeiramente, em uma ou outra parte do corpo. Sem dúvida, naquele transe horrivel, se lançára entre os combatentes para os separar e se achára envolvida naquela temerosa luta.

Os cavaleiros, à vista do que observaram, concluiram que o combate tinha sido renhido, furioso e deseperado. O corpo de Reinaldo estava todo contuso, cutilado e esfaqueado; na boca e nos dentes, onde espumava um sangue negro, viam-se farrapos de pano, o que indicava que no último transe o infeliz combatera com os dentes. Tudo enfim revelava que ali se passára uma cêna pavorosa, da qual os vestigios mudos, que existiam, falavam mais alto do que toda e qualquer narração.

Notaram depois os cavaleiros que pelo campo seguia uma batida, a qual ia salpicada de um rastilho de sangue e que ia se perder na estrada; dai depreenderam que Gonçalo, gravemente ferido na luta, por aí se retirára, naturalmente para sua casa. Dois dos companheiros seguiram aquele trilho ensanguentado, a vêr se encontravam Gonçalo vivo ou morto; seguiram pela estrada até a fazenda do mesmo, mas não o encontraram lá. A gente da ca-

sa não soube dizer o que era feito dele, posto que percorressem toda aquela vizinhança em inuteis pesquizas e indagações. Os outros se encarregaram de procurar meios de transportar para a vila o cadáver de Reinaldo, e o corpo também quase sem alma da infeliz Maroca.

Quanto a Gonçalo, nunca mais se pôde saber o destino que tomára, nem se era vivo ou morto. A justiça e mesmo os particulares fizeram, por muito tempo, grandes esforços para descobrir-lhe a pista. Mas tudo foi baldado. Seus amigos também fizeram por largo tempo ativas e perseverantes pesquizas por toda a capitania, sem poder obter dele nem a mais leve noticia. Desanimados enfim de encontrá-lo, descansaram na suposição, aliás mutio plausivel, de que Gonçalo, gravemente ferido na luta em que sacrificára o seu amigo, tinha morrido em alguma gruta oculta e profunda, ou pelos matos, em algum recanto, onde era impossivel descobrí-lo, e que suas carnes tinham sido devoradas peos corvos e seus ossos arrebatado pelas enxurradas.

Esse deploravel acontecimento, que causou geral assombro e consternação, foi por largo tempo, em Goiáz, objeto de conversação em todos os circulos.

— Eis aí o que faz uma mulher má! dizia a tia Josefa, velha companheira de mestre Mateus, anos depois daquele acostecimento, em um dia em que

mestre Mateus acabava de contar, com todas as particularidades, aquele trágico sucesso, a algumas pessoas que se achavam em sua casa. Dois rapazes tão novos, tão bons, tão bem apessoados, dois guapos mocetões, que mereciam cada um uma noiva de truz, foram para o mato fóra de horas esfaquearem-se como furiosos e matarem-se, por amor de uma perdida, que...

— Arre lá com isso, minha velha! atalhou mestre Mateus; não te faz pena ao menos o triste estado em que até hoje se acha a coitadinha. Maroca era uma simples criança, que não sabia o que fazia. Os tais senhores mocetões é que eram dois loucos furiosos. Deus os perdôe e se amerceie de suas almas. Ela era uma pobre menina, que ainda não podia saber o que os homens são capazes de fazer por amor de uma mulher bonita. Olha, Josefa, a coitadinha ainda está muda e pateta, assim como no dia em que aconteceu a desgraça.

— Foi castigo de Deus! resmungou a velha.

POUSO II

OS CHAVANTES

CAPÍTULO I

O COMBATE

Nas margens do grande rio Tocantins, que banha o norte da província de Goiáz, e reunido ao Araguáia, vai como que par a mão ao rei dos rios para entrar de par com ele no Atlântico, habita uma nação indigena das mais ferozes e indomáveis que se conhecem, ainda que também uma das mais valentes e industriosas. E' a nação dos Chavantes, que dominava uma larga zona em ambas as margens daquele rio, cuja navegação tornava extremamente dificil e perigosa para os europeus. Sobretudo na época a que nos reportamos, o seu nome era o terror dos habitantes de Goiáz; ninguém ousava penetrar naqueles sertões desconhecidos, infestado por essa e outras tribus selvagens, que muitas vezes saiam do fundo de suas brenhas a exercerem horriveis matanças, estragos e depredações nos estabelecimentos e fazendas dos brancos. Algumas dessas expedições, que se organizavam com o nome de bandei-

ras para rechaçá-los ou exterminá-los, voltavam desanimadas e destroçadas, sem nada ter conseguido. Menos doceis que os Caiapós e os Coroados, que já se iam submetendo aos aldeamento e catequese, os Chavantes mal conheciam os brancos, com quem não queriam relação alguma e que odiavam do fundo da alma.

Quatro ou cinco anos depois dos tristes acontecimentos que deixei narrados a noite passada, uma numerosa tribu daquela nação achava-se estabelecida no barranco esquerdo do rio, algumas dezenas de leguas abaixo de S. João do Tocantins, pouco mais ou menos nas regiões onde é hoje o município da Palma.

Seu arranchamento era uma longa fila de *tabas* ou cabanas cobertas de palmas de coqueiro, disseminadas em pitoresca desordem, ao longo da margem do rio, em uma extensão de cerca de meia legua, como um bando de aves aquáticas pousadas à beira da torrente.

Era uma bela e calmosa sésta de Setembro. O indio naturalmente preguiçoso, porque para provêr as necessidades da vida simples que leva, em meio dos sertões, não precisa de regar a terra com seu suor desde o nascer até o pôr do sol, nessas horas de calma intima, sobretudo, entrega-se à sua natural indolência, e dorme ou se diverte. Uma turba de meninos de ambos os sexos, entre alegres algazarras, patinhava na água, à beira do rio, adestrando-se na arte de nadar, tão necessária ao sel-

vagem. As mulheres, assentadas em diversos grupos, à sombra da cangerana ou da copaíba secular, umas amamentavam suas crianças, outras teciam, por passa-tempo, esteiras, rêdes ou cabazes de cipós ou de palhas de coqueiro; outras, deitadas em suas rêdes delicadamente tecidas de fios de tucum e enfeitadas de penas, embalavam-se indolentemente, olhando as nuvens a passarem pelo céu, ou as águas do rio a correr silenciosas. Os poucos homens que nessa ocasião ali se achavam, pois estavam pela maior parte, dispersos pelas matas, ao longo da margem do rio, ocupados em caçadas e pescarias, uns assavam peixe, ou muqueavam um lagarto, um tatú ou uma paca em fogueiras acendidas fóra das tabas; outros concertavam suas armas, ou talhavam arcos e flechas, e os aparelhavam de vistosas penas; um outro, deitado de costas no chão, e esticando o arco com os pés, se divertia em mandar às nuvens uma flecha e vê-la voltar e cravar-se no mesmo logar donde pártira; outros enfim, nada absolutamente querendo fazer, dormiam a sesta, ou deixavam passar o tempo.

De repente, ouviu-se de uma das extremidades do arraial dos índios, uma gritaria imensa, que se foi propagando e ecoando por toda a aldeia. Os meninos saltaram ligeiramente fóra da água e correram a se amoitar nas tabas, as mulheres largaram suas ocupações e olhavam espantadas para todos os lados; os homens levantaram-se rapidamente, com as armas na mão e acudiram ao ponto

onde começára o alarma. A causa daquele grande alarido e celeuma era um homem de aspeto estranho, que, sózinho, em uma canoa, vinha vogando rio abaixo.

A figura e os trajos já esfarrapados desse homem causaram grande estranheza e espanto aos selvagens. Trajava um grande gibão de lã grossa paretado com um cinturão de couro de lontra, ao qual se prendia uma comprida faca com cabo e bainha guarnecida de prata, calças de algodão e perneiras de couro de mateiro; trazia a barba mui comprida e sôbre os cabelos pretos e anelados, um pequeno chapéu de sola. Posto que sua tez, naturalmente morena, estivesse tisnada ainda pelo sol, e viesse armado de arco e flechas, os selvagens apenas o avistaram, exclamaram: — Imboaba! Imboaba! — e esta palavra odiosa, passando de boca em boca, em uma imensa vozêira, repercutiu como um óco pelas ribanceiras do Tocantins.

O atrevido canoeira ouviu toda aquela algazarra e logo compreendeu o iminente perigo que o ameaçava; porém, já lhe não era possivel recuar, e continuou a vogar, procurando avizinhar-se o mais possivel do barranco oposto às habitações dos índios, esperando assim poder escapar à sua sanha e passar incolume. Mas a largura do rio não era suficiente para pô-lo a salvo de suas flechadas, e apenas achou-se em frente da aldeia, uma nuvem de flechas voou assobiando sôbre êle; mas o destro aventureiro, deitando-se imediatamente

no fundo da canôa e amparando-se com o seu largo remo, nem de leve foi tocado, antes achou-se provido de grande munição de flechas, de que tinha precisão, e que lhe iam ser de grande utilidade. Reenviou logo uma, e varou um cão, que ladrava na praia; uma segunda cravou-se no braço de um indigena; uma terceira levou a orelha de outro. E o afoito estrangeiro, entricheirado no fundo da canôa e fazendo escudo da larga pá do remo, ia deslisando são e salvo, pela torrente abaixo e fazendo estragos na linha dos inimigos com as armas que estes mesmos lhe forneciam. Felizmente para êle, não tinham os selvagens ali a mão, naquele momento, uma canôa sequer. Mais algumas flechadas felizes do arco do intrepido canoeiro cairam sobre os indios e acabaram de os pôr em furor. Vendo que com as flechas não era possivel ofender o emboaba, lançaram-se alguns ao rio, armados de tacapes e dispostos a ir a nado, atacar a canôa. Facil seria ao canoeiro escapar à fôrça de remo, se a multidão de flechas, que continuava a chover sôbre a canôa, não o impedisse de remar, dando-lhe apenas tempo de resguardar-se de seus tiros e descochar de quando em quando uma ou outra flecha.

Já dois robustos nadadores, com o tacape nos dentes, estavam a poucas braças da canôa; um deles, enfim, a alcança e lança a mão à borda. O canoeiro, porém, a corta imediatamente de um só golpe, com sua grande faca de mato. O índio, dan-

do um grito horrivel de dôr, desaparece, deixando um sulco ensanguentado à flôr da água, e surge instantes depois mais abaixo, rolando à mercê da corrente, enquanto os peixes, saltitando, disputavam entre si a mão decepada. O outro índio, vendo a sorte de seu companheiro, não se atreveu a atacar a canôa e afastou-se; os mais, que se tinham lançado ao rio, também não ousaram aproximar-se, temendo o mortifero gume daquela formidavel faca. O forasteiro, por um momento, julgou-se salvo e fóra de perigo. Mas, eis que de subito dá com os olhos em duas canôas entulhadas de índios, que surgiam da volta do rio, singrando águas acima, a todo remar.

Era uma turma de indigenas, que estando a pescar pelas proximidades, tinham ouvido o alarido que havia nas tabas e, julgando ser algum perigo, acudiam em seu socorro. O canoeiro viu que a sua situação era desesperada e sua morte inevitável, e que seu único recurso era morrer como homem, combatendo até o último alento.

A' fôrça de audácia e de esforços desesperados, conseguiu encostar a canôa ao barranco oposto; tomou à pressa todas as suas armas, saltou em terra e embrenhou-se pelo mato, não para escapar aos selvagens, pois bem via que seria uma tentativa inutil, mas para escolher um logar onde pudesse defender-se por mais tempo e vender mais cara a sua vida. Os índios, em número sempre crescente, saltavam na água e atravessavam o rio;

os das canôa também se aproximavam rapidamente. O forasteiro bem compreendeu que qualquer resistência seria inútil, mas não era homem a deixar-se degolar como uma ovelha, e preparou-se para combater até o último transe. Depois de ter-se entranhado cerca de uns duzentos passos por um mato espesso e emaranhado, abrindo caminho com a faca por entre taquáras e cipós, escolheu posição para fazer frente aos inimigos junto a um corpulento tronco de peroba, que lhe oferecia formidavel baluarte. Por detraz desse tronco estendia-se um esparso e impenetrável tabocal que lhe protegia a retaguarda.

Alí, encostou todo o seu arsenal de armas, que consistia em um arco com algumas flechas, uma grande faca, uma foice pequena, uma pistola de dois canos e uma espingarda carregada com os últimos cartuchos que lhe restavam, e que de propósito reservava para ocasiões dificeis. Alí resolveu-se a resistir até às últimas, aos seus selvagens agressores.

Estes, seguindo a batida que o estrangeiro ia fazendo com sua pequena foice, em breve chegaram a descobri-lo e logo travou-se entre eles o mais temeroso e desigual que se póde conceber. As flechas dos indios iam-se cravar no tronco, por trás do qual o emboaba se abrigava, ou entranhavam-se pelo tabocal, onde se perdiam silvando. Avançando um a um, pela estreita picada praticada em um mato cerrado e atravancado de taquaras e ci-

pós, os selvagens iam caindo também um a um, ao tiros certeiros do aventureiro, que não perdia uma só flecha, nem um só tiro; aquele em quem fazia a mira caia infalivelmente, ou morto ou gravemente ferido. Os selvagens, cujo número de instante a instante se aumentava, atiravam-se furiosos, para o tronco por traz do qual se defendia aquele homem terrivel com a coragem do desespero; porém, na confusão com que se precipitavam, caiam uns sôbre os outros, embaraçados na multidão de cipós e matos emaranhados que obstruiam aquele logar.

Mais de um caiu aos pés do intrepido imboaba, a um bem atirado golpe de foice, ou recuou fugindo de dôr, com a mão decepada ou com o craneo escorchado. Parecia que o estrangeiro ia morrer oprimido debaixo de tantos cadáveres, que êle mesmo amontoava em torno de si.

Nada mais terrivel do que a onça, quando, sendo mal atirada, se precipita abaixo do tronco em que é acuada pelos cães; assenta-se sôbre os quadris, rosnando e apresentando as agudas e monstruosas prezas, e a cada bote que dá com as formidaveis patas, atabafa e esmaga um cão, e em poucos instantes se vê rodeada de um lastro de cadáveres. Pois assim estava aquele sanhudo aventureiro, ceifando e derribando a granel os imprudentes selvagens que ousavam avizinhar-se-lhe. Estes, já transidos de terror supersticioso, pensando que não combatiam contra um homem, mas

contra algum espírito ou ente sobrenatural, sentiam falecer-lhes a coragem e começaram a recuar espavoridos diante de tão descomunal denodo e valentia.

Um deles, porém, que parecia comandar aos outros, com um grito, fez recuar todos aqueles combatentes estouvados e imprudentes e, seguido somente de um companheiro, avançou resolutamente para o tronco.

O estrangeiro já tinha descarregado todas as suas armas de fogo e despedido todas as suas flechas. Este último combate, portanto, foi dado corpo a corpo, sôbre cadáveres e em um lamaçal de sangue. Ainda que extremamente fatigado e todo crivado de golpes, o forasteiro ainda deu que fazer a seus adversários. Um golpe de tacape descarregado sôbre a nuca, o fez titubear; outro imediatamente foi desfechado, e Gonçalo, pois que era êle, caiu sôbre um lago de sangue por êle mesmo derramado.

CAPÍTULO II

A TABA DO CACIQUE

Uma prolongada e imensa grita aplaudiu aquela vitória a tanto custo alcançada por uma multidão sôbre um só homem. Os selvagens, em seu furor de vingança, já iam arrojar-se sôbre o cadáver, esquartejá-lo e devorá-lo alí mesmo. Mas o jovem guerreiro que descarregára o último golpe sôbre Gonçalo e que parecia ser o chefe ou cacique daquela horda, opoz-se-lhe energicamente, bradando em voz irada:

— Ai daquele que ousar tocar naquela corpo!... O cadáver de um tão feroz e valente inimigo é um troféu, que deve ser apresentado ao nosso velho e venerando chefe. Este espetaculo por certo lhe aquecerá e regosijará o coração murchado pelos anos. E quem vos diz que esse estrangeiro não está vivo ainda?... Se assim é, se ainda temos de vê-lo tornar à vida, acrescenta o jovem guerreiro em tom menos severo e quasi risonho, mais escolhida vitima, sacrificio mais excelente

não poderá ser oferecido a Tupá no dia de minha feliz união com a famosa Guaraciaba, se esse raio de luz descido do céu para iluminar-me o coração.

O chefe, que assim falava, e que tinha prostrado a golpes de tacape o sanhudo emboaba, chamava-se Inimá. A êle estava prometida a gentil e mimosa Guaraciaba, filha do velho e poderoso cacique Oriçanga, e a mais encantadora dentre as filhas da floresta.

O fato de ter vibrado o golpe de morte sôbre o formidável estrangeiro era para Inimá uma proeza que ia ainda exaltar o seu merecimento e enchê-lo de glória aos olhos do velho cacique, da donosa Guaraciaba e da tribu inteira. Pelo menos êle assim o esperava, e já de antemão se regosijava interiormente de seu triunfo.

— Foi Tupá, exclamava êle em transportes de alegria, foi Tupá que aqui nos enviou este estrangeiro; e foi sua voz que me chamou para nos libertar de um monstro, enviado por Anhangá para maquinar a nossa perdição. Guerreiros, vamos dar graças aos céus e oferecer sacrificios aos manitós de nossas tabas por este sucesso de tão feliz agouro.

Inimá ajuntou a armas do aventureiro, contemplou-as com admiração e curiosidade, e mandando conduzi-las com o corpo de Gonçalo, em uma canôa, apressou-se em ir depôr, cheio de orgulho, aqueles troféus, tão facilmente conquista-

dos, aos pés do poderoso Oriçanga e da formosa Guaraciaba.

A taba do velho cacique Oriçanga, mais vasta e mais sólida que todas as outras, com sua porta guarnecida de flechas e lanças enfeitadas de vistosos penachos, com seu této de palmas de bagussú tingidas de ocá e de urucú, mirava-se galhardamente na torrente do Tocantins, e elevava-se entre as outras cabanas como a garça, rainha dos lagos, entre um bando de pequenas aves. A noite se aproximava. Sentado a porta da taba, sôbre a pele enorme de uma onça negra, Oriçanga esperava com impaciência que lhe trouxessem vivo ou morto o audacioso estrangeiro que assim ousava resistir a seus guerreiros, indignado de que tantos combatentes gastassem tanto tempo e achassem tamanha dificuldade em matar ou prender um só homem. Em pé, junto dele, como timida corça junto ao leão deitado, a gentil Guaraciaba tinha também os olhos fitos com anciosa curiosidade nas canôas, que da outra margem vinham ligeiramente singrando.

Dentro de poucos minutos o corpo de Gonçalo, inanimado e banhado em sangue, conduzido em uma rêde com todas as suas armas, foi posto aos pés do velho cacique. Inimá e seus companheiros precediam o cadáver, soltando clamores de feroz alegria. O cacique, porém, os recebeu com semblante turvado, e ouviu com impaciência a narração que lhe fez Inimá do combate e da desespera-

da resistência do estrangeiro, e dos estragos que fez em sua gente. Depois, abanando a cabeça com ar descontente e gesto merencório, exclamou:

— Ah! Inimá! Inimá! já não pareces o filho do valente e invencivel Iaboré! Quem diria que não ousaste ir sózinho arrostar a sanha do estrangeiro, e que deixaste morrer teus companheiros, como uma vara de caitetús às garras da onça esfaimada!... Mancebos fracos e degenerados de hoje, sois incapazes de encurvar o arco de vosso- antepassados. Em outros tempos, quando a idade não tinha ainda branqueado estes cabelos nem quebrado estes pulsos, eu só ou qualquer dos meus valentes teria esmagado esse mancebo com a mesma facilidade com que espedaço este cachimbo — E esmagou entre os dedos o canudo pelo qual aspirava a fumaça da pituma.

A este gesto, a estas duras palavras, bagas de suor frio escorregaram pela testa do jovem guerreiro, que, batendo os dentes como uma queixada enfurecido, com voz convulsa e abafada,respondeu:

— Oriçanga! Oriçanga! não profira tais palavras!... a cólera te céga, velho cacique, e torna-te injusto. Não penses que esse estrangeiro que acabamos de garrotear, era um inimigo vulgar. Não; era um enviado de Anhangá, e estou certo que com êle combatiam contra nós os manitós das trévas ocultos entre os ramos da floresta. Se lá te acháras, se presenciasses esse estranho combate e vis-

ses por que modo sobrenatural o maldito emboaba se furtava a nossos golpes. por certo não nos julgarias com tão injusto rigor. Mas, seja como queres: ao que me parece, esse temerário estrangeiro não está morto ainda, e é bem possivel que ainda volte à vida; de propósito sopeei a fôrça de meu pulso ao vibrar-lhe o último golpe. Procurem chamá-lo à vida, curem-se suas feridas e, quando de todo tiver recobrado suas fôrças, que venha medir suas armas comigo. Se aos primeiros botes eu não calcar-lhe o peito debaixo de meu joelho, e não escachar-lhe o craneo com um golpe deste tacape, possam os meus olhos nunca mais se encontrar com os da formosa e incomparável Guaraciaba.

— Seja como dizes, replicou Oriçanga; seja o estrangeiro recolhido em um dos aposentos de minha taba; os pagés pensem suas feridas, e ministrem-lhe todos os cuidados que reclama seu estado, e vejam se lhe restituem a vida. Se êle recuperar os sentidos e viver, Inimá, será um sacrificio de excelentes auspicios para o dia em que receberes por esposa em tua taba a gentil Guaraciaba.

Ditas estas palavras, como descia a noite, o velho cacique levantou-se e a passos lentos, recolheu-se para o interior da cabana.

O espetaculo do corpo de Gonçalo todo ensanguentado e crivado de golpes, não fez mais impressão sôbre o espírito daqueles ferozes selvagens do que o de uma féra que em uma partida de caça acabassem de matar e arrastar para as tabas.

Mas não assim para Guaraciaba, que ao vêr aquele belo e garboso mancebo, em cujo rosto inanimado resumbrava a altivez e galhardia, todo pisado e banhado em sangue, sentiu agitar-lhe o seio um sentimento insolito de interesse e compaixão.

Gonçalo, recolhido em um dos compartimentos da taba do cacique, foi ali deitado sôbre um leito de macias peles e confiado aos cuidados de Andiára, o mais veneravel e mais sábio dos pagés, e que primava na arte de curar golpes e toda a qualidade de enfermidades. Guaraciaba prestou-se graciosamente a auxiliá-lo, e quis ser ela mesma, com encantadora solicitude, a enfermeira do prisioneiro ferido. Andiára examinou com atenção o corpo de Gonçalo, e reconhecendo que a vida ainda não o tinha de todo abandonado, administrou-lhe os primeiros cuidados e concebeu esperanças de salvá-lo.

Inimá, sombrio e cabisbaixo, retirou-se no fundo de sua taba, ruminando na mente as crueis palavras de Oriçanga e entregue aos mais sinistros pressentimentos.

Enquanto Gonçalo, sem sentidos, jaz entre a vida e a morte, entregue aos cuidados do pagé e da mimosa Guaraciaba, vejamos o que fizera êle depois da horrivel e encarniçada luta em que matára seu amigo, e por que série de acontecimentos viera cair nas mãos dos ferozes Chavantes.

Gonçalo, crivado de graves e profundos golpes e perdendo muito sangue, depois daquele fu-

rioso e deseperado combate, desatinado e torturado pelas dôres do corpo e pelas tormentas da alma, dirigiu-se o mais depressa que pôde, para sua casa. Aí, tratou de estancar o sangue das feridas e pensá-las à pressa e do melhor modo que pôde, e, como ali mais do que em outra qualquer parte estaria em perigo a sua segurança, arrecadou todo o dinheiro e objetos de valor que pudesse levar consigo e, sem nada dizer a seus domésticos, abandonando casa, escravos e haveres de toda espécie, montou de novo a cavalo e, tomando por trilhos escusos e desconhecidos, com grande dificuldade pôde chegar, exausto de fôrças, e quasi desfalecendo, à casa de um velho caboclo, que lhe era muito afeiçoado e que habitava um miseravel ranchinho escondido entre matos, em um sitio retraido e ignorado. Aí esteve por muitos dias, oculto, curando-se de suas feridas e recuperando suas fôrças. Por felicidade, o caboclo era grande curandeiro e, graças aos remédios que aplicou e que consistiam em ervas e raizes silvestres, cujas virtudes conhecia, ao zelo e dedicação com que tratava o seu jovem hospede, e à admiravel robustez da organização de Gonçalo, este viu suas feridas irem-se prontamente cicatrizando, e seu vigor e saude de dia para dia restabelecer-se.

Entretanto, em seu obscuro esconderijo, Gonçalo não podia estar muito tranquilo. A justiça de Goiáz ativava diligências sôbre diligências para descobrí-lo. As milicias e esbirros passaram algu-

mas vezes por perto do pobre rancho do caboclo, sem a mais leve suspeita de que ali se achava aquele que com tanto afan procuravam por toda a parte, e muitas vezes Gonçalo, em seu leito de dôres, tinha de escutar as ameaças, pragas e maldições com que aqueles homens o acabrunhavam. O matreiro caboclo os acompanhava na ladainha das imprecações, dando a todos os diabos o nome de Gonçalo, a quem mimoseava com os mais horripilantes epitetos, chamando-o de Satanaz, tigre, canguçú, etc., etc..

Outras vezes, dando falsas informações e indicios por êle mesmo excogitados, iludia e desorientava completamente as diligências.

Por sua parte, também as inumeraveis vitimas das valentias de Gonçalo, que lhe guardavam secreto rancor, e os amigos de Reinaldo, que os tinha muitos e dedicados, desejosos de vingá-lo, procuravam Gonçalo por toda a parte e faziam altas diligências para descobrí-lo, dispostos a fazer pronta justiça por suas próprias mãos.

A vida de Gonçalo andava, pois, pendente de um fio.

Ele, portanto, que, avisado pelas próprias patrulhas que o procuravam, não ignorava estas circunstâncias, logo que sentiu-se com algumas fôrças e em estado de poder montar a cavalo, depois de ter agradecido e remunerado generosamente os serviços do bom caboclo, desapareceu, e dirigindo-se para os sertões do norte, embrenhou-se pelas

matas que demoram entre a Serra Geral e o rio Tocantins.

Sózinho naqueles ermos sem recursos, vivendo de frutos silvestres, de mel e de caça mal assada e sem adubo algum, pedindo raras vezes furtivamente agasalhado em alguma pobre choupana, sofrendo trabalhos e privações, a que só sua robusta compleição podia resistir, foi-se entranhando de mais em mais pelos sertões, procurando fugir para bem longe de uma terra que se lhe tornára odiosa, e cuja lembrança lhe oprimia o coração como um pesadelo. Com as mãos manchadas no sangue de um amigo, a quem perfidamente assassinára, com a alma atassalhada de remorsos e em um sombrio desespero, vagava a esmo pelos desertos, esperando morrer às garras de alguma féra ou entre as mãos dos gentios, se não sucumbisse à mortal tristeza que por dentro o corroia.

Assim vagou por muito tempo até que chegou às margens do Tocantins, onde, sendo bem acolhido entre uma tribu de índios Coroados, foram-se com o tempo acalmando as angustias que o flagelavam, viveu largo tempo entre êles, adotou os seus costumes, aprendeu a sua língua, e já por sua inteligência, já por sua grande fôrça e destreza no manejo de armas de qualquer espécie, gozou de grande respeito e prestigio entre êles.

Decidido a romper completamente com a sociedade dos homens civilizados, Gonçalo, pôz-se ao serviço daquela nação. Por mais de uma vez foi-

lhe dado o comando de expedições destinadas a debelar tribus inimigas, ou a fazer frente à bandeiras encarregadas de submeter ou exterminar os índios, e sempre voltava vitorioso e carregado de despojos.

Mas a inveja e a rivalidade de alguns dos principes da tribu, que viam com maus olhos o ascendente que esse estrangeiro ia tomando sôbre o chefe e sôbre a nação inteira, foram tornando por fim dificil e espinhosa a situação de Gonçalo. De carater assomado e altivo, êle teve mais de uma vez de dar a alguns dos indios as terriveis lições que costumava dar outróra em Goiáz a seus compatriotas. Demais, os Coroados começavam a entreter relações de amizade e de comércio com os goianos. Algumas hordas destes selvagens já começavam a ir a Goáz vender esteiras, peles, guaraná e outros objetos e comprar armas, ferramentas, fazenda e quinquilharias. Estas comunicações com seus patricios não convinham por maneira nenhuma a Gonçalo, que com razão receiava que por acaso ou por uma traição de seus rivais da tribu fosse conhecida em Goiáz a sua existência entre aqueles indigenas. Portanto resolveu-se a abandonar para sempre os Coroados, e ir procurar refugio em mais desertos e longinquos paises. Ele bem sabia que ia arrostar perigos e azares ainda maiores, e que dai em diante só encontraria féras e gentios indomaveis; mas antes quereria morrer entre as garras de um tigre

ou trespassado pelas flechas dos selvagens, do que voltar a Goiáz ainda mesmo de seu moto próprio, quanto mais preso e entregue à justiça.

Em uma noite, pois, metido em uma canôa, em que embarcou suas armas e as provisões que pôde, deixou furtivamente o arraial dos Coroados, e abandonou seu destino à mercê da torrente do Tocantins. Assim foi descendo através de mil dificuldades e perigos, que superava à fôrça de audácia, destreza e astucia, em luta já com as cachoeiras do rio, já com as hordas selvagens de ambas as margens, já com a fome e privações de toda a sorte, até que chegou ao lugar onde, depois de obstinada resistência, o vimos cair como morto em poder dos Chavantes.

CAPÍTULO III

A ENFERMEIRA

Era alta noite; o silêncio e o sono reinavam na taba do velho cacique, o qual, depois de ter narrado aos amigos reunidos em torno do fogo algumas das proezas de sua mocidade, adormecera suavemente entre a fumaça de seu cachimbo e os vapores de um vaso de cauim sôbre a sua enorme péle de onça. Os fogos da taba se extinguiram; no meio daquele profundo silêncio ouvia-se apenas só o resfolgar das pessoas adormecidas nos diversos aposentos da vasta cabana.

Sómente no quarto em que fôra recolhido o infeliz Gonçalo alguém velava. Era Guaraciaba, que à luz de um fogo que continuamente alimentava, observava com anciosa curiosidade e interesse o rosto do mancebo moribundo. De vez em quando brandido um tição se aproximava sutilmente do leito do ferido a ver se em seu rosto se manifestavam já alguns sinais de vida, avizinhava cautelosamente o ouvido como que procurando

escutar-lhe a respiração e o palpitar do coração. Curiosa e inquieta não podia arredar sua atenção daquele leito, em que jazia o misero prisioneiro, e o sono se recusava a serrar-lhe as palpebras mimosas. A pouca distância de Gonçalo, Andiára, o pagé encarregado de sua cura, deitado em uma esteira de juncos, resonava profundamente.

Enfim lá pela madrugada Gonçalo fez um ligeiro movimento, e um fraco gemido quase imperceptivel escapou-lhe do peito. Guaraciaba estremeceu e o coração pulsou-lhe com violência.

— Está vivo! murmurou com alegre sobressalto a filha da floresta, e escutou ainda; mas não ouviu mais som, nem notou movimento algum. Aproximou-se de novo ao leito, e cuidou notar um leve arquejar do peito do prisioneiro; mas este, pálido e imóvel não apresenta ainda no semblante sinal algum de vida. Guaraciaba enfim afoita-se a por-lhe de manso a mão sôbre o coração. Gonçalo, com o frescor da madrugada e graças aos balsamos eficazes que o experiente pagé lhe vertêra nas feridas, ia pouco a pouco recuperando os sentidos, e acordava lentamente de seu longo desfalecimento. As idéias se despertavam em sua alma como em um sonho nebuloso e vago, e duvidava se era ainda em corpo e alma um habitante deste mundo, ou já um espírito errante pelos limbos da eternidade. No meio, porém, daquele penivel delirio de suas confusas idéias êle sentiu a mão mimosa de Guaraciaba pousar-lhe docemente sô-

bre o coração; mas em vão tentou abrir os olhos; suas palpebras amortecidas e inertes não obedeceram à sua vontade; quiz falar, mas não lhe saiu do peito mais que um ralido imperceptivel. Este aflitivo pesadelo já há alguns minutos o atormentava, quando Gonçalo ouviu confusamente uma voz doce e infantil murmurando em língua indigena estas palavras a espaços interrompidas:

— Pobre mancebo! meus irmãos foram bem crueis em maltratá-lo assim! E' bem triste ver um guerreiro assim na flor da vida, tão belo e tão valente, prostrado e morto a golpes de tacape, como se fôra um jaguar! E por que havia êle de ser tão louco e temerário! Se não resistisse, acharia talvez entre nós agasalho amigo e franco. Como é gentil, e diferente de meus companheiros da floresta! seus cabelos negros e luzentes como as penas do anú enroscam-se como serpentes em redor do pescoço, seu porte é como o dos heróis; em sua larga frente ressumbra como que alguma cousa de superior e de celeste. Entretanto, ai de mim! esse belo estrangeiro é a vitima destinada a ser sacrificada a Tupá no dia em que eu fôr entregue como esposa entre as mãos de Inimá para tornar os manitós propicios à nossa união! Se assim é, ó meu pai, ó Inimá, possa nunca mais raiar esse dia de tão nefasto e abominavel sacrificio!

Ao som deste suave monologo o espírito de Gonçalo começava a desnevoar-se pouco a pouco como aos acordes de uma música celestial. Re-

corda-se então confusamente do medonho combate da vespera, e pasma de se achar ainda no número dos vivos. Entretanto, essa voz suave, que com tanta ternura o lastima, anuncia-lhe também que êle é prisioneiro, e que sua vida não é poupada senão para que seja solenemente sacrificada em um dia de festas nupciais. Mas as palavras desse ser desconhecido repassada de piedosa doçura lhe resoavam aos ouvidos como um hino de esperança, e posto que nada pudesse ver, seu coração como que adivinhava a presença de um anjo salvador, que voava junto ao seu leito. Gonçalo faz um esforço e consegue fazer um movimento e exala um fraco gemido. Guaraciaba cala-se e suspende a respiração, como a rola assustada, que interrompe o arrulho ao ouvir passos na floresta; retira-se um pouco, espera um momento e de novo chega-se ao leito e interroga com os olhos o rosto do ferido. Este sente-lhe os passos, enfim pode abrir os olhos e com voz debil e sumida pronuncia em lngua indigena estas palavras:

— Virgem da floresta, ou anjo do céu, como me pareces, que tanta compaixão mostrar pelo infeliz prisioneiro, dize-me, quem és tu, onde me acho eu, e o que se pretende fazer de mim?

A filha de Oriçanga, maravilhada de ouvir nos lábios do estrangeiro a língua de seus pais, lhe responde comovida:

—T u te achas na taba de Oriçanga, meu pai e cacique dos Chavantes, em cujo poder caiste pri-

sioneiro. Aqui ficarás até que sarem tuas feridas e recobres a saude e as fôrças.

— Para depois ser conduzido ao sacrificio, não é assim, filha de Oriçanga?

— Oh! quem to disse! atalhou ela vivamente, e pensou consigo aterrada: acaso me teria êle ouvido?

— Oh! sim! bem o sei; continua Gonçalo animando-se; sei que me conservam a vida para depois festejarem com a minha morte e consagrarem com meu sangue cobardemente derramado tuas bodas com... mas não o conseguirão... com estes dentes ainda posso arrancar as ataduras destas feridas e fazer correr por elas todo o meu sangue, para que não derrameis em vossa festa abominaveis.

— Ah! não! não faças tal, exclama aflita. Acalma-te; nenhum perigo te ameaça... mas é lastima que sejas, como pareces, um filho dos emboabas, desses crueis inimigos e perseguidores da raça dos adoradores de Tupá.

— Não o creias, filha de Oriçanga; eu sou como vós outros filho das selvas livres, sei encurvar o arco e despedir a flecha de meus antepassados, falo, como vês, a tua língua, e só conheço o imboaba para odiar-lhe e beber-lhe o sangue.

Gonçalo, por uma prudente astucia, entendeu que devia nesta conjuntura ocultar a verdade, e nem êle mentia totalmente, pois que voluntariamente se havia sequestrado da sociedade para vi-

ver entre os selvagens. Ao ouvir estas palavras Guaraciaba não pode conter um grito de suspresa e satisfação.

— E' verdade o que acabas de dizer, estrangeiro? que! tu não és imboaba!... tu és dos nossos! nesse caso tranquiliza-te; nada tens a temer aqui, é a filha de Oriçanga quem responde pela tua vida.

— Anjo, exclama Gonçalo com voz sumida e angustiada, para que queres poupar-me a vida?... ah! tu não sabes quanto ela me é odiosa e pesada... Mas tu não és por certo uma mulher... tu és um manitó celeste enviado por Tupá para proteger-me e consolar-me... ah! deixa-me beijar essa mão generosa...

— Cala-te, interrompeu ela levando-lhe os dedos à boca; o pagé não quer que fales, pois isso te fará muito mal. Ah! imprudente que eu fui em te fazer assim falar por tanto tempo.

A primeira claridade do dia já vinha frouxamente penetrando pelas frestas da cabana. As selvas começavam a despertar aos mil rumores que faziam uma multidão de aves esvoaçando, piando, grasnando ou gorgeando entre os ramos orvalhados. Nuvens de papagaios, aráras e periquitos atravessavam o espaço enchendo os ares de sua incessante algazarra; e enquanto o tucano, vaidoso de sua vistosa plumagem, fazia ouvir seu rouco e ingrato grasnar, o sabiá do alto da peroba secular desprendia seus cadenciados gorgeios. Guaraciaba

desperta o pagé adormecido, e anuncia-lhe, sem disfarçar sua alegria, que o estrangeiro recobrara os sentidos, e com a maior instância lhe pede e recomenda que se desvele em tratá-lo com todo o zelo que exige o seu estado melindroso.

Andiára votava paternal afeição à filha do cacique, sôbre cuja infância velára desde o berço com a mais terna solicitude. Tendo ela ainda em tenra idade perdido sua mãe, a linda e donosa Nahumá, Andiára, parente e amigo fiel e extremoso de Oriçanga, a cuja família julgava estar ligada a glória da nação dos Chavantes, tomou a si o cuidado de educar e desenvolver os dotes do corpo e do espírito da gentil menina, última progenie de uma raça de heróicos caciques, e em quem repousava toda a esperança da tribu. Ele a tinha sempre junto a si, e a conduzia pela mão em seus giros pelas florestas; êle entretecia com suas próprias mãos vistosos camitares de plumas ondulantes para sombrear-lhe a fronte, e lhe engastava o cinto da arasoía de palhetas de ouro nativo e de brilhantes pedrarias. Também a exercitava na arte de encurvar o arco, de brandir o tacape, de fender com os ombros as águas das torrentes, ou impelir ràpidamente com o remo uma piroga a resvalar pelas ondas azuladas de seu rio natal; ensinava-lhe as dansas e cantigas sagradas, e os hinos de guerra, dando-lhe uma educação toda varonil na esperança de torná-la um dia uma heroina capaz de elevar a nação ao mais subido auge de glória e

de grandeza. Guaraciaba por seu lado respeitava e queria ao velho pagé a um outro pai; com docilidade e submissão filial obedecia às suas ordens, escutava os seus conselhos, e retribuia-lhe com afetuosa gratidão os afagos e cuidados que dele recebia.

Andiára, pelo muito afeto que tinha à gentil menina, ou por uma natural simpatia, deixou-se também penetrar do interesse que a ela inspirára o mal ferido estrangeiro, e esforçou-se com desvelo e ardor em restituir-lhe a vida e a saude.

Tendo pois bem recomendado o enfermo aos cuidados do pagé, Guaraciaba deixa a taba, corre à beira do rio, banha as faces e os olhos ardentes de insonia na sua onda limpida e fresca, e com um pente de madeira preciosa e aromatica encrustado de lâminas de ouro desembaraça e alisa os negros e luzidos cabelos, que se lhe espalham como um véu sôbre os ombros e o seio. Vai depois pressurosa despertar seu pai, e com prazenteiro e ingenuo sorriso diz-lhe:

— Meu pai, êle vive!

— Quem, filha?... o imboaba?

— Sim, o estrangeiro, meu pai, esta madrugada abriu os olhos, e falou...

— Bem, minha filha! dá graças a Tupá, que nos envia um herói dos imboabas para ser imolado no dia em que eu te entregar nos braços de Inimá como companheira de sua taba. Excelente agouro, que promete a perpetuação dos heroicos caci-

ques do sangue de meus avós! O sacrificio desse sanhudo e valente imboaba será mais grato a Tupá do que se imolassemos um cento de vitimas ordinárias, e os céus serão propícios à tua união.

— Mas, meu pai, tu te enganas, esse prisioneiro não é um imboaba; êle é, como nós, filho de Tupá, fala a língua das florestas, e odeia como nós a raça de nossos perseguidores.

— E que manitó celeste, ou que pagé inspirado revelou-te esse mistério?...

— Êle; êle mesmo mo disse.

— E acreditaste!... não sabes que a mentira, o embuste, a traição andam sempre nos lábios dessa gente perfida e cruel,

— Oh! não... sua voz, suas falas, sua figura não são do imboaba; nelas respira o espírito de verdade, e em seu rosto transluz a altivez do filho das florestas.

— De feito, murmurou o velho chefe abanando a cabeça, quem com tanta destreza encurva o arco e vibra tão mortiferas flechadas, quem combate com tamanho denodo e valentia, não póde ser do sangue vil do imboaba traiçoeiro. Mas seja como fôr, é sempre um inimigo e um herói; e tu, minha encantadora e querida Guaraciaba, tu és bem digna de que tua união seja consagrada com o sangue de um herói soterrado pelas mãos de teu esposo.

— Ah! meu pai! se para que minha união seja feliz e agradavel aos céus, é mister que corra

o sangue de um desgraçado prisioneiro, perdoa-me, meu pai, eu não serei nunca a esposa de Inimá!

— Que dizes, filha! como queres menosprezar a velha e sagrada usança de nossos antepassados? E' sempre grato a Tupá o sangue do inimigo vertido em honra sua, e cometeriamos um crime se poupassemos a vitima que êle mesmo nos envia.

— Mas a vitima não é um inimigo, é um infeliz foragido, que por ventura procurava entre nós agasalho e asilo, e a quem recebemos com as armas na mão, como se fôra um jaguar.

— Seja pois como dizes, presada filha; quero ainda condescender com teus caprichos de criança. Sare esse estrangeiro de suas feridas, e quando o seu estado o permitir, seja conduzido a minha presença para nos dizer quem é, e contar-nos a sua história; depois veremos o que dele se fará. E ai dele se procurar enganar-me com seus embustes e mentiras!

CAPÍTULO IV

O RESTABELECIMENTO

Gonçalo, graças ao acertado curativo do sábio e experiente Andiára, e à desvelada solicitude com que o tratava a filha de Oriçanga, foi mais depressa do que se podia esperar sarando de suas feridas e contusões, e readquirindo seu antigo vigor. Para seu pronto restabelecimento sem dúvida mais que tudo contribuiu a amavel e interessante enfermeira que o assistia. Guaraciaba, que em língua chavante significa — raio de luz, — era com efeito a mais gentil e graciosa dentre as filhas da floresta.

E não se pense que entre esses selvagens não se encontram senão rostos grosseiros e estupidos, instintos selvaticos e ferozes; não é muito raro verse entre êles, principalmente entre certas tribus privilegiadas, feições bem modeladas, regulares e expressivas, e nobres e generosos impulsos do coração; encontram-se por vezes entre êles criaturas em que a obra de Deus faz lembrar ainda a

perfeição de sua celeste origem. Guaraciaba era o tipo da beleza indígena no mais alto apuro de sua perfeição. Filha mimosa de um poderoso cacique, criada com carinho à sombra da taba paterna, sua tez não se crestára aos ardores do sol tropical, nem se lacerára nos espinhos das selvas enredadas, e tinha em todo o seu frescor e purea a delicada côr de jambo. Seus cabelos negros, compridos e corridos ocultavam-lhe quasi completamente os ombros, e algumas madeixas desgarradas desciam ondulando a beijar os puros contornos dos seios virginais. Seus olhos pretos e oblongos ora eram meigos e serenos como a superfície de um lago dormente em noite de luar, ora cheios de vivacidade cintilavam com o carbunculo. Seu porte, seus ademanes tinham a flexibilidade e a graça da cecem, que ao sopro das brizas matinais embala-se à beira da torrente. Ela se comprazia muitas vezes com a turba de suas companheiras em banhar os mimosos membros nas águas do seu patrio rio, que ela fendia com a destreza e rapidez da lontra. Também empunhava com graça e garbo senhoril um arco trabalhado de primorosas esculturas, e um carcaz trançado de palhas de coqueiro imitando a pele escamosa e matizada de uma esrpente e bem provido de setas, com que fazia crúa guerra às avezinhas, cujas penas cobiçava para seus enfeites.

Guaraciaba e Andiára não poupavam desvelos e cuidados para que Gonçalo recuperasse fôr-

ças e saude. Ela mesma trazia em vasos de concha de tartaruga, ou de madeira esculpida, os selvaticos manjares preparados por suas próprias mãos. Ora o regalava com os mais saborosos peixes e a caça a mais delicada, ora com os tenros palmitos ou a alva mandioca embebida no delicioso mel de jataí, com ovos de tartaruga, com frutos silvestres, e o suave licor extraido do tronco do burití; e Gonçalo como que resurgia do tumulo vivificado pela mão de um anjo.

Entretanto os Chavantes em diversos grupos se dispersavam pelas imensas florestas que bordam as margens do Tocantins, em excursões mais ou menos longinquas de caçadas e pescarias, ou em busca dos ingredientes de que fabricam o precioso guaraná, de cuja composição até hoje se ignora o segredo, ou em correrias pelas fazendas dos brancos, onde iam exercer violências e rapinas.

Quanto a Inimá, profundamente ofendido com as crueis palavras com que Oriçanga o havia humilhado em presença de Guaraciaba e de grande número de guerreiros, se embrenhava à testa de alguns dos seus pelas florestas vizinhas para ocultar seu amargo despeito, e disposto a não aparecer senão para lavar sua afronta no sangue do atrevido forasteiro que dela fôra a causa. Nas tabas pois com Oriçanga e sua filha ficára apenas uma pequena parte da tribu, pela maior parte velhos, mulheres e crianças, e uma escolta de guer-

reiros escolhidos era como uma guarda do velho cacique.

Logo que Gonçalo se achou fóra de perigo e algum tanto restabelecido de suas forças, foi conduzido pela gentil Guaraciaba à presença do velho chefe, para narrar-lhe suas aventuras. Junto à margem do rio, à sombra de uma colossal figueira silvestre, achava-se sentado o velho cacique rodeado de alguns guerreiros veteranos, com os quais se comprazia em rememorar as façanhas das éras de outrora, e com essas lembranças do passado sua alma se expandia como o velho carcomido tronco da floresta já sem seiva nem folhagem, cujo calvo tope se enrama de viçosas parasitas e floridas trepadeiras. Gonçalo se assentou no meio deles; servia-lhe de assento a saliência de uma das enormes raizes do tronco. A mimosa filha de Oriçanga apresentou a cada um dos circunstantes um vaso de canim, e um cachimbo aceso, que circulou de boca em boca, em sinal de paz e boa amizade. Assentada sôbre a relva a alguns passos em frente de Gonçalo, com os pés encruzados, o braço pousado sôbre os joelhos e a face sôbre a mão, Guaraciaba, que nesse momento oferecia à estatuária o mais original e gracioso modelo, estava pronta a escutar com a maior atenção e infantil curiosidade.

— Estrangeiro, diz Oriçanga, quem quer que tu sejas, ou descendas do sangue maldito do imboaba, ou tenhas nascido neste país que Tupá aben-

çoou, já que o céu te fez cair em nosso poder, és nosso escravo, e faremos de ti o que nos aprouver. Mas diz alguém que não pertences à raça detestada de nossos perseguidores, e que as tuas tristes aventuras obrigam-te a vaguear pelas selvas foragido sem taba e sem manitós. Conta-nos, pois, com espírito de verdade a história de teus infortunios, e à vista dela veremos qual a sorte que mereces.

Gonçalo, prevenido por Guaraciaba, de que teria de contar ao pai dela a história dos acontecimentos de sua vida já tinha fantasiado em seu espírito a narração que devia fazer ao velho cacique. Não lhe era preciso inventar muitas fabulas, mas somente disfarçar certas circunstâncias de sua vida, mudando o nome de algumas pessoas e lugares e ocultando a sua verdadeira nacionalidade, para tornar interessante a sua narração. Assim pois misturando às vezes a história real de sua vida, cheia de incidentes e trabalhos, com algumas fabulas por êle mesmo ideadas, disse que pertencía à bela e formidavel tribu dos Guaicurús, que habitavam as remotas regiões banhadas pelos rios Paraná e Paraguái. Seu pai era um cacique afamado daquelas paragens por seu grande valor e poderio. Esse cacique à testa de seus valentes guerreiros montados em grandes e velozes cavalos, percorriam as campinas de seu país natal com a rapidez do tufão, e causavam estragos e devasta-

ções imensas nos estabelecimentos dos brancos de quem se tinham tornado implacáveis inimigos. Enfim, depois de uma guerra desastrosa, êle, seu pai e toda sua família tinham caido prisioneiros em poder dos brancos; depois tinham sido conduzidos por seus senhores a Goiáz, onde foram vendidos e longo tempo gemeram vitimas de barbaro e violento cativeiro, e onde vira seu pai sucumbir ao peso de máus tratamentos e excessivos trabalhos. Enfim crescendo em fôrças e idade, e não podendo por modo algum resignar-se a suportar o jugo infame da escravidão, conseguira evadir-se, e se refugiára nas matas do Alto Tocantis. Acolhido entre os Coroados, que habitavam essas regiões, em breve adquiriu a estima e apreço dos principais da tribu, que o escolheram para comandar uma expedição que tinha de marchar a exercer vinganças e depredações nas povoações dos imboabas. Aproveitou-se com sofreguidão dessa ocasião para vingar a morte de seu pai, matando com a própria mão o seu algoz e reduzindo a cinzas suas fazendas. Em muitas outras ocasiões teve de prestar os mais importantes serviços aos Coroados, quer expondo intrepidamente a sua vida na guerra, quer ensinando lhes diversos ofícios e artes, que aprendera durante o seu cativeiro entre os brancos, quer enriquecendo-os com instrumentos, armas e mil outros despojos de imenso valor, que saqueava das fazendas que destruia. Mas enfim seus próprios

feitos e serviços suscitaram-lhe uma multidão de inimigos, excitando a inveja e descontentamento de muitos, que tinham ciume do brilho e lustre que seu nome ia adquirindo entre êles. Seus rivais não ousavam guerreá-lo abertamente, mas urdiam-lhe ciladas de todo gênero, e moviam lhe uma perseguição traiçoeira, à qual teria inevitavelmente sucumbido, se não tivesse fugido ocultamente a favor da noite em uma canôa, confiando sua vida à mercê da corrente do rio sagrado, que o tinha conduzido até ali, afrontando novos trabalhos e perigos em busca de um asilo em qualquer canto do mundo. Chegando áquelas paragens, eles Chavantes, tomando-o por um inimigo, ou imboaba, o tinham atacado tão bruscamente e com tal sanha, que o colocararm na necessidade de defender-se com encarniçamento até o último transe.

Enfim nenhuma inimizade ou indisposição tinha com os Chavantes, de cujo poderio tinha muitas vezes ouvido falar, e cuja bravura ecoava até as mais remotas regiões. Esperava que dali em diante não o considerassem mais como um inimigo, nem como um estrangeiro, porém sim como um aliado fiel, que não aspira a outra coisa mais do que a ter ocasião de expôr sua vida e derramar seu sangue pela causa dos valentes Chavantes, e de seu bravo e poderoso chefe.

Gonçalo entremeára nesta narração os inumeros e variados episodios de sua vida agitada e aven-

tureira, envolvendo-os em circunstâncias estranhas e fantasticas; pintava com modestia, porém com animação e calor, os renhidos combates em que tinha suplantado seus inimigos e rivais, os rudes trabalhos e arriscadas aventuras por que tinha passado as proezas que praticou comandando os Coroados em suas correrias pelas fazendas dos brancos, e assim teve por largo tempo presa a atenção do cacique e mais ouvintes, que, absortos e enlevados, não se fartavam de escutá-lo.

— Bem! disse o velho caudilho apenas Gonçalo deu por terminada a sua narração; os teus infortunios me tocam, e tuas palavras parecem-me ser inspiradas pelo espirito da verdade. Itajiba, tu és um bravo, e as façanhas que tens praticado são dignas dos mais valentes caciques. Mas antes de seres adotado em nossa tribu, como pareces desejar, é mister que proves com os teus feitos e com serviços reais, que não com meras palavras, a fôrça de teu braço, a valentia de teu animo, e a lealdade de teu coração. Por agora porém cumpre que continues o teu curativo, e que recuperes completamente com o sangue vasado por tantas e tão graves feridas a saude e as fôrças de que haverás mister para te sujeitares a essas provações, e mostrares o que podes e sabes fazer. Não serás mais tratado como prisioneiro; és livre; as florestas e as campinas te são francas; pódes por elas vagar e caçar a teu sabor, como se estivesses em teu país

natal, pois que essa formosa criatura, a quem por felicidade tua soubeste inspirar interesse e piedade, garante a sinceridade de tuas palavras, e a minha Guaraciaba, que conversa com os monitós celestes, e escuta as falas dos sagrados pagés, não costuma iludir-se.

Gonçalo ou Itajiba, como se chamou durante o tempo que esteve entre os Chavantes, restituido à liberdade, e tratado com o mais carinhoso desvelo na taba do velho Oriçanga, sentia de dia em dia renascerem-lhe as fôrças e vigorar-se-lhe a saude. Viu com prazer que todas as suas armas lhe tinham sido fielmente conservadas. Mas suas armas de fogo se lhe tornavam daí em diante completamente inúteis, pois estavam vazias, e nenhuma munição lhe restava para de novo carregá-las; isto causava-lhe bastante pezar, pois essas armas, com suas temerosas detonações e seu maravilhoso mecanismo, seriam um objeto de assombro para aqueles selvagens e mais um meio para atrair seu respeito e admiração, e dar a Gonçalo ainda mais prestigio entre eles.

Notou ainda mais, com intima satisfação, que tinham-lhe deixado intáto o sagrado talisman objeto de fervoroso culto, a imagem de sua celestial protetora em todos os trabalhos e perigos da vida. A curiosa Guaraciaba não pôde deixar de perguntar-lhe o que significava aquele objeto com

aquela linda imagenzinha de ouro, que sempre trazia pendente ao pescoço.

— E' um precioso e sagrado manitó, que me legaram meus pais, respondeu-lhe Gonçalo, é êle quem me protege, e noite e dia vela sôbre meus passos, e quem leva minhas rogativas até o trono do Grande Tupá. Sem êle há muito teria sucumbido aos imensos trabalhos e perigos que me têm atribulado a existência.

Dizendo isto Gonçalo levou aos lábios respeitosamente a santa imagem, e a apresentou à filha de Oriçanga, para que fizesse o mesmo. Guaraciaba imitou-o com gesto tímido, e disse:

— Eu também quizera ter um lindo manitó como este; mas dar-se-á caso que êle também me proteja, como protege a ti?

— E porque não, uma vez que o veneras com sincero amor e respeito, e invoques com fé viva a sua proteção! Se êle atende à rogativa do infeliz foragido, a quem as paixões e os desatinos da mocidade arrojaram num pégo de desgraças, muito mais piedoso ouvido prestará sem dúvida à tímida suplica da casta e formosa virgem do deserto. Tu o terás um dia, eu to prometo, e sentirás os salutares efeitos de sua miraculosa proteção.

Guaraciaba, que desde a primeira vista sentira pelo jovem estrangeiro uma súbita e viva afeição, ingenua e singela como todas as filhas da floresta, abandonava-se sem escrupulo a esse senti-

mento, de que apenas tinha consciência e nem procurava dissimulá-lo. Sua união com Inimá, a quem ela não votava nem odio nem afeição, era apenas um projeto de família, de que ouvia falar desde o berço, e do qual, na infantil singeleza de sua alma, não compreendia ainda nem a importância nem o alcace, e assim a inocente, dando folgas a essa paixão, que começava a germinar com intensidade em seu coração, mal pensava que creava um insuperável obstaculo à sua união com o jovem cacique. Não assim Gonçalo, que não podendo ser insensivel a tão casto e tão sincero amor da virgem indiana, bem previa que esse amor devia tornar-se um dia a origem de tristes complicações e fatais conflitos, e olhava com inquietação para o futuro, que antevia eriçado de dificuldades e perigos; por isso quase sempre uma nuvem de tristeza pairava em sua fronte grave e pensativa.

CAPÍTULO V

O TRANSVIO

Logo que Itajiba, mais vigoroso, se achou em estado de encurvar um arco e ensaiar seus passos pelas sendas da floresta, Guaraciaba, para distrai-lo de sua inação e dos cuidados que pareciam atormentá-lo, convidou-o a um passeio e caçada de aves pelas selvas circunvizinhas. Itajiba teve logo ensejo de mostrar sua maravilhosa destreza em atirar a flecha, com grande prazer de Guaraciaba, que saltava de contente conduzindo para a sua taba uma chusma de avezinhas de variadas côres, derribadas pelas certeiras flechadas de Itajiba.

As roupas velhas e dilaceradas, que Gonçalo trouxera consigo, já não podiam servir a Itajiba; tendo de ser adotado na tribu dos Chavantes forçoso lhe era que se trajasse à maneira dos selvagens, Guaraciaba, auxiliada por suas companheiras, incumbiu-se de vestí-lo e armá-lo com todo o esplendor do luxo selvatico. Uma tunica, que lhe

descia até os joelhos, enfeitada de penas de brilhantes côres, lhe rodeava a cintura; um carcaz formado de pele de uma monstruosa giboia lhe pendia dos ombros recheiado de mortiferas setas.

Em vez do chapéu de couro sombreava-lhe a fronte um diadema de plumas ondulantes de vistosas e brilhantes côres. Um rico tacape e um bem trabalhado arco, que Guaraciaba dependurou da sala de armas de seu pai, foram por êle empunhados. Em fórma de manto a pele mosquiada de um enorme jaguar lhe caia pelas espaduas. A estes trajos selvaticos Itajiba, pouco afeito a trazer os membros expostos aos rigores do tempo, ajuntou uns borzeguins ou polainas de pele de sucuri, impenetravel à umidade, agasalhou os ombros e o peito com uma espécie de gibão estreito feito de macias e finas peles, apertou o seu cinturão de couro de lontra, ao qual prendeu a sua larga faca, e com estes trajos pareceu aos olhos de todos garboso e belo como um verdadeiro principe das florestas.

Os passatempos e caçadas de Itajiba e Guaraciaba, repetiam se todos os dias, e o tempo assim lhes corria suave, como as ondas serenas do pátrio rio à sombra dos arvoredos seculares e sua mutua afeição, alimentada por aqueles soitários entretenimentos, de dia em dia se aumentava, sem que eles se apercebessem, e se expandia como a flor ignorada sem nome, que exala seus perfumes na solidão.

A' medida que cresciam as fôrças de Itajiba, esses passeios foram se alargando a maiores distâncias já deslisando vagarosamente em uma leve piroga ao longo das umbrosas ribanceiras, já pelas veredas escondidas da floresta; e pelo caminho Itajiba fazia cair aos certeiros tiros de seu arco a arára azul ou encarnada, a alva garça, raínha dos lagos, o roseo colhereiro, cujas penas são tão estimadas, o tucano de enorme bico. cujo peito rubro é procurado para enfeite da tunica das virgens, o jaó, o inhambú, a capoeira, cujas carnes são tão tenras e saborosas, e mil outras aves, de cujas lindas penas Guaraciaba com suas habeis mãos compunha vistosos ornatos para as armas de seus guerreiros.

Guaraciaba tanto tinha de meiga e singela, como de alegre e trefega; ela se aprazia por vezes em perturbar com encantadoras travessuras as graves e profundas cismas de seu amigo. Ora lesta e sutil como uma lebre sumia-se entre as moitas da floresta, sem que Itajiba o pressentisse; este, dando por sua falta, olha inquieto para todos os lados, chama-a, gritando seu nome uma e muitas vees, aplica o ouvido aos écos; mas Guaraciaba não responde, nem aparece em parte alguma. No auge da inquietação Itajiba, perplexo, não sabe nem o que pensar nem o que fazer, quando sente por detraz umas ligeiras mãosinhas a lhe tapar os olhos.

— Guaraciaba! lhe diz êle sorrindo, que sus-

to me causaste! oh! não brinques mais por essa forma, que me fazes mal.

— Perdôa-me, Itajiba; quiz distrair-te de teus cuidados. Estavas tão triste e pensativo! parece que tens muita saudade dos teus e do teu pai!

— Não; pura e formosa filha de Oriçanga, quando estou junto a teu lado, que me importa o resto do mundo?...

Outras vezes com pena das pobres avesinhas, em que Itajiba fazia a mira, ou lhe espantava a caça, ou lhe fazia perder o tiro tocando-lhe o braço no momento de despedir a seta.

Uma vez ambos atravessavam o rio em uma canôa, que Itajiba reava; estavam ainda longe da barranca oposta, quando Guaraciaba, súbito, dá um grito, salta nagua e desaparece. Itajiba, palido de susto, pensa que algum monstro do rio, algum jacaré ou sucurí, a arrebatou: sem perder um momento salta nagua com a faca em punho, mergulha e surge de novo à tona da água, torna a mergulhar e a surgir, e nada vê senão a canôa rodando rio abaixo sem governo.

Em desesperada ansiedade estava resolvido a morrer naquelas águas antes do que sair delas sem Guaraciaba, quando uma gargalhada vibrante e harmoniosa como o canto da siriema retrôa no barranco vizinho. Era Guaraciaba, que de propósito se lançára ao rio, e de um mergulho ganhara

a margem, Itajiba ganha de novo a canôa, e dirige-se para o barranco.

— O' querida e formosa Guaraciaba, diz êle ao chegar entre risonho e grave, por piedade, não brinques mais assim. Olho que um dia, assim como hoje tomei um gracejo teu pela realidade, poderei tomar a realidade por gracejo e faltar-te no perigo.

Um dia a alegria e contentamento, que sempre reinavam nas partidas de caça dos dois selvaticos amantes, foram perturbados por um triste, posto que bem simples, incidente. Itajiba avistára pousadas sôbre um galho de uma alta cangerana duas lindas e grandes juritis de luzidia plumagem, que se beijavam e se afagavam com os encarnados biquinhos, arrulhando de prazer; imediatamente embebe a seta e curva o arco.

— Pobresinhas! exclama Guaraciaba correndo a estorvá-lo; não as mates, não; deixa-as.

Mas o tiro tinha partido sibilando, e as duas amantes pombas cairam varadas no coração pela mesma seta.

Uma nuvem de tristeza cobriu o coração de Guaraciaba, que nesse dia não brincou nem sorriu mais; um funesto presentimento a afligia, e aquele acontecimento parecia-lhe um preságio sinistro, mas não sabia de que. Itajiba em vão procurava dissipar a triste preocupação de sua amiga, já zombando daquela pueril apreensão, já procurando desvanecê-la com razões sérias. Guaraciaba resol-

veu-se a consultar os pagés sôbre a significação daquele nefasto acontecimento. O primeiro a quem se dirigiu respondeu-lhe abanando a cabeça:

— Ah! filha de Oriçanga, semelhante sucesso não póde ser de bom agouro. Resguarda bem teu coração das chamas do amor: teu coração e o daquele a quem amares não poderão ser unidos senão pela morte.

— Em que te póde afligir um fato tão simples ó bela e mimosa filha do mais poderoso dos caciques? disse-lhe o venerando Andiára, a quem consultou depois. Essa seta traspassando ao mesmo tempo duas inocentes pombas é o amor unindo para sempre duas almas puras.

Esta engenhosa e consoladora explicação calou no espírito de Guaraciaba, e nesse mesmo dia se desvaneceram todos os seus sombrios presentimentos.

Gonçalo, que no meio da sociedade civilizada só se tinha afeiçoado por capricho e passageiramente a uma ou outra mulher, agora no meio das selvas sentia brotar com energia em seu coração o germem de uma paixão ardente e profunda pela mimosa e encantadora virgem dos Chavantes. Posto que visse que esse sentimento era correspondido de um modo inequivoco pela filha de Oriçanga, nem por isso o futuro se lhe antolhava muito sereno e limpo de tormentas. Sabia que o velho cacique, cioso do lustre de sua descendência, a des-

tinava desde a infância ao jovem e garboso guerreiro Inimá, que também de seu lado a adorava extremosamente, e sómente morto renunciaria ao seu amor. E Oriçanga, os pagés, os veteranos da tribu, a nação inteira enfim poderiam ver impassiveis a quebra de tão solenes promessas, e consentiriam de bom grado que a ilustre e formosa noiva de Inimá passasse aos braços de um obscuro estrangeiro, foragido e sem nome? Em outros tempos Gonçalo sem deter-se um momento em nenhuma dessas considerações a teria arrebatado à fôrça de armas a despeito de Oriçanga, de Inimá e dos Chavantes, e teria arrostado o furor da tribu inteira só para possuí-la. Mas os longos infortunios e revezes por que passára tinham domado um pouco sua indole impaciente e fogosa, tornando-o mais prudente e cauteloso.

Guaraciaba por sua parte ouvia com indiferença desde a infância falar-se em sua futura união com Inimá, e nunca ao nome desse guerreiro sentira palpitar-lhe mais rápido o coração. Porém depois que conheceu o jovem estrangeiro, essa idéia tornou-se um peso para sua alma, e não concebia como poderia ser mulher de Inimá amando Itajiba. Mas seu coração, cheio da confiança que a inocência inspira, repousava, no porvir e esperáva que o céu aplainaria todas as dificuldades, e portanto abandonava-se sem reserva à paixão que a dominava,

Inimá, retraido na profundez das selvas com alguns dos Chavantes que lhe eram mais afeiçoados, continuava a viver afastado das tabas e quasi sem comunicação alguma com o resto da tribu, e o desgraçado amante ignorava ainda que nesse misero forasteiro, que deixara moribundo e crivado de golpes e sómente digno de lastima e piedade, surgia contra êle um poderoso e formidavel rival de glória e de amor.

Isolado no fundo das solidões procurava disfarçar o seu pezar e abreviar o tempo ansiosamente esperado de lavar sua afronta, cevando o seu furor nos fragueiros exercicios da caça, e perseguindo animais ferozes, como o touro batido e expelido da manada, que desabafa as iras entre rugidos furiosos escorchando troncos e rasgando a terra com as polidas pontas.

Um dia os dois amantes, enlevados em seus entretenimentos, transpondo arroios, descendo grutas e galgando colinas, não dando fé das distâncias que percorriam, nem das horas que se escoavam ràpidamente, esquecidos das tabas, do tempo e do mundo, foram-se alargando mais que de costume em seu passeio pelas floresta. Quando enfim já fatigados e percebendo-se do tempo, que fugia, lembraram-se de encaminhar seus passos de novo para as cabanas, acharam-se em consideravel distância, e com o dia já quasi a terminar sua car-

reira. O sol descambava ràpidamente para o ocaso, e nuvens bronzeadas, que de espaço em espaço enchiam-se de fogo como estofos de algodão ardente, anunciavam eminente tempestade. Itajiba, que desconhecia aqueles lugares, onde pela prira vez penetrava, e que se achava algum tanto confundido pelos giros e voltas que dera pela floresta, subiu a uma eminência afim de procurar orientar-se; mas o negrume de ocidente, impelido por uma rija ventania, começava a apoderar-se de todo o horizonte; o sol se escondera completamente entre um montão de negras e carregadas nuvens, e Itajiba, cercado por todos os lados de horizontes nublados e morros cobertos de florestas, não podia atinar com o rumo das habitações dos Chavantes.

Por si só nada receiava Itajiba, afeito a assoberbar todos os contratempos suscitados pelos homens ou pelos elementos; nem tão pouco sentia-se sem coragem para proteger contra quaisquer azares naquelas solidões a fragil e mimosa criatura que tão cheia de confiança o acompanhava. Ele bastaria para Guaraciaba, como Guaraciba era todo o seu mundo ou antes o seu céu. Mas sua longa ausência, o sol que baixava, a tempestade e a noite, que se avizinhava, as suspeitas e susto de Oriçanga e de todos os Chavantes crendo perdida a sua Guaraciaba e talvez roubada por êle, em quem tão generosamente se fiára, e sôbre quem iam recair ainda que por momentos suspeitas da mais

negra deslealdade, tudo isto eram reflexões que o enchiam da mais cruel inquietação.

O vento rugia cada vez com mais violência; o céu se abria em cataratas de fogo, e a chuva começava a despejar-se em torrentes; açoitadas pela refrega, as árvores vergavam-se, rangendo e uivando horrivelmente, e de tempos a tempos um tronco arrancado pelo temporal baqueava com temeroso estrondo, desabando pelos grotões profundos. Itajiba naquela cruel conjuntura, já esquecido de todos os mais cuidados, só tratou de procurar uma guarida, em que pudesse pôr a salvo de tão tremendo temporal a sua amada Guaraciaba. Mas, por toda a parte, só via as selvas imensas, que rugiam e curvavam se ameaçadoras, como querendo desabar sôbre suas cabeças, e as torrentes que estrugiam rolando troncos e rochedos pelas quebradas inaccessiveis. Tomando Guaraciaba pela mão e amparando a contra a furia do vento, que parecia querer arrancá-la do sólo e arrebatá-la pelos ares, Itajiba foi descendo para um grotão, no fundo do qual roncava um ribeirão encachoeirado entre rochedos. Não longe da ribanceira, enorme lagedo servia de této a uma vasta e profunda furna, cuja larga entrada formava se sôbre uma esplanada, por baixo da qual a torrente turva e espumosa rolava em catadupas. Essa furna medonha, à margem de um abismo, ninho talvez de panteras e serpentes, tornou-se nesse dia como a alcova mis-

teriosa que acolheu em seu seio dois amantes felizes, que a tempestade surpreendeu desgarrados de seus lares, e os obrigou contra a furia dos elementos desencadeados. Entretanto Guaraciaba, perdida no deserto com seu amante em meio daquela horrorosa borrasca, não mostrava pavor nem inquietação alguma, e sorria se ao perigo, como a gaivota unindo seus alegres pios ao rugir do furacão dos mares. E' que ela fiava-se na sua inocência e na eficaz proteção de seu valente e dedicado amante. Alí no interior daquela furna, os dois amantes se assentaram ao lado um do outro, sôbre um musgoso banco de pedra talhado pela natureza, esperando que a tormenta se amainasse. Itajiba enlaçava o braço em torno do colo de Guaraciaba, e lhe apertava as mãos entre as suas, enquanto esta fitava nele seus olhos negros, cheios ao mesmo tempo de amor e de timidez.

CAPÍTULO VI

NA LAPA

As paixões grandes gostam de expandir-se em ocasiões solenes, em face dos espetaculos grandiosos da natureza, em meio da solidão. Itajiba, co mo coração a transbordar de emoção e de amor, pensou que o céu lhe enviára aquela tremenda tempestade e lhe mostrára aquele recondito e misterioso abrigo de propósito para que tivesse ensejo de revelar à formosa filha de Oriçanga toda a fôrça e ardor imenso de sua paixão, e todos os cuidados e desassocegos que o acompanhavam. Enquanto, pois, em róda e por fóra da caverna urravam os furacões, de instante a instante os raios estalavam, a torrente entumescida despenhava-se com fragor na profundeza do abismo, e a tormenta desabava furiosa, dilacerando o manto verdenegro das florestas, uma paixão imensa como os desertos onde engendrou-se, pura como a casta e inocente virgem que dela era objeto, se desafogava em palavras repassadas de ternura, no seio da selvatica beleza que a tinha sabido inspirar.

— O' minha mui formosa e querida Guaraciaba, murmurava Itajiba aos pés da filha de Oriçanga; se teu coração não adivinhou nem compreendeu o puro e ardente afeto que do fundo dalma te consagro, eu não sei por que maneira, nem com que palavras te possa explicá-lo, pois nem na nossa linguagem das florestas, nem naquela que os imbeabas nossos perseguidores me ensinaram, não existem expressões que possam dar idéia dos suaves transportes desta paixão imensa e profunda, que tu, oh! a mais formosa das filhas da floresta, só tu soubeste inspirar-me. Paixões como esta, que me devora, não as póde explicar a língua dos homens; só os anjos do céu poderiam exprimi-las em seus contares de inefavel harmonia. Ah! e como poderia eu não amar-te, a ti, manitó celeste enviado por Tupá para velar sôbre meus dias, a ti, que com teus carinhosos desvelos, com teu divinal sorriso me restituiste à vida, quando eu era já cadáver, a ti enfim, que com teu amor tornando-me o mais feliz dos viventes, vens abrir-me de novo as portas do porvir e da esperança!...

A estas palavras Itajiba cobriu de ardentes beijos as mãos de Guaraciaba, que tinha entre as suas, levantou-se e assentou-se de novo ao lado dela, continuou, em tom mais grave:

— Mas, ah! minha querida Guaraciaba, quantos embaraços e obstaculos invenciveis não vêm opôr-se ao complemento de nossa felicidade! e quão incerta é a nossa sorte no futuro! Teu pai des-

de o berço destinou-te ao belo e valente Inimá, que também te adora com extremo; e teu pai jámais consentirá em quebrar tão sagrado compromisso. Os guerreiros de tua tribu de há muito te consideram e aclamam a futura esposa desse brilhante chefe, e sem dúvida se oporão resolutamente a que sejas entregue ao obscuro estrangeiro foragido. Bem sei que as florestas imensas estão à nossa disposição, e que em qualquer canto da terra, sem nada mais que o nosso amor, seriamos felizes, como o sonos agora dentro desta lapa, zombando das tormentas, que aí rugem pelo mundo. Mas tu bem sabes, jurei lealdade e prometi meus serviços a Oriçanga e à sua tribu, e a nossa fuga seria uma torpe traição, em que nem eu nem tu consentiriamos jámais. Entretanto, eu te amo com amor inextinguivel, e creio que nem na terra nem no céu, há poder para apagar esta chama viva e pura que me arde no coração, e nem de leve posso suportar a idéia desesperadora de perder-te um dia. O' Guaraciaba, minha doce e pura Guaraciaba! Pudessem estes momentos que aqui passamos sós nesta caverna ignorada, tendo aos pés essa torrente, amparados por este penedo e guardados pela tempestade, pudessem estes momentos prolongar-se por toda a eternidade!

Estas palavras ecoavam docemente pelos atentos ouvidos de Guaraciaba, e lhe resoavam nalma como um hino celestial. Ela sentia-se ao mesmo tempo enternecida e ufana por ouvir aquele alti-

vo e indomito guerreiro pronunciar a seus pés palavras do mais submisso e mavioso amor, e respondeu-lhe, cheia de emoção:

— Itajiba, tuas falas são mais doces para a minha alma do que os favos da jataí, ou o suco delicioso do abacaxi. Elas fazem-me palpitar o coração como a flôr que estremece ao bafejo perfumado das brisas da manhã. Tu me amas, bem o sei: e o amor que te consagro, também não é para ti nenhum segredo, embora meus lábios não o tenham revelado. A flôr, mesmo nas trevas, se trae pelo seu perfume; a fonte do deserto, escondida entre os rochedos, se revela por seu murmurio, ao caminhante sequioso. Desde os primeiros momentos tu viste meu coração abrir-se para ti, como a flôr do manacá aos primeiros raios do sol. Sinto que não poderei viver mais senão ao teu lado e a tua sombra; se eles quizerem separar-me de ti, ah! morrerei como a flôr que da sombra orvalhada do bosque foi transplantada para as areas de fogo. Mas, Itajiba, confiemos na proteção do céu; Tupá é bom e ampara os amores puros. Inimá bem depressa se convencerá de que o não posso amar, procurará esquecer-se de mim, e desistirá de suas pretenções; e meu pai, desligado de suas promessas, abençoará nosso amor. Amemo-nos, Itajiba, amemo-nos cada vez mais, se é possivel, e o céu se encarregará de nosso futuro.

E dizendo estas palavras, Guaraciaba lançava seus mimosos braços ao colo de Itajiba e o bafejava

com seu amor, com a baunilha que enlaça seus seus tenros vimes ao robusto e altivo tronco do deserto, e lhe distila em torno seu delicioso perfume.

Itajiba, bebendo com avidez as suaves falas de Guaraciaba, foi-se deixando também enlevar pela ingenua e viva confiança que aquela alma inocente depositava na proteção do céu. A tempestade tinha sido tão violenta quanto passageira. O mesmo vento impetuoso que a trouxera, a varria ràpidamente do firmamento e impelia as nuvens dilaceradas para além das últimas montanhas do levante, como os esquadrões em debandada de um exército derrotado, que foge atropeladamente diante do inimigo vitorioso. O sol, já quasi tocando ao ocaso, desembaraçado das nuvens que o afrontavam, vibrou subitamente seus raios horizontais por entre os ramos orvalhados da floresta, e um brando clarão roseo, insinuando-se pela entrada da caverna, iluminou-a de suave crepusculo e revestiu-a do aspecto fantastico de uma gruta de fadas.

— Olha, Itajiba, exclama sorrindo a filha de Oriçanga, Tupá mandou-nos a tempestade e encaminhou nossos passos para esta caverna ignorada pelos homens, afim de que as juras do nosso amor fossem proferidas longe de vistas curiosas, e não ecoassem em ouvidos estranhos. Vê como êle agora nos envia um raio de esperança e festeja nossa felicidade!...

Itajiba, transportado de amor, enlaçou ao pei-

to a fronte radiante de Guaraciaba; já seus lábios se tocavam nas delicias do primeiro beijo de amor... súbito um rumor, que se avizinha, chega-lhes aos ouvidos; ouvem-se gritos selvaticos, latir de cães, sons de borés e tropear de caçadores. Esse estrugido se avizinhava de mais em mais; um instante depois, um ligeiro rumor se fez sentir mesmo ao pé da entrada da furna; Itajiba e Guaraciaba, sobressaltados, olham para aquele lugar e levantam-se de súbito, dando um grito de terror. Uma enorcanguçú negra se apresenta, parada à porta da gruta, com os olhos chamejantes, rosnando e mostrando as agudas prezas, como que pasmada e indignada de encontrar em seu covil aqueles estranhos hospedes. Tão perto deles se achava a féra, que Itajiba, não tendo espaço suficiente para enristar a flecha, brandiu contra ela o seu formidavel tacape. O monstro, surpreendido por aquele brusco ataque, recuou dois saltos e de novo voltou a face ao seu agressor; este, em pé à porta da gruta, já de arco feito, procurava segurar a mira no coração da onça, quando, cheio de pasmo, dá com os olhos em um guerreiro que, em pé sôbre a esplanada exterior da furna, a uns dez passos de distância por detraz da féra, igualmente de arco encurvado, também a encarava com assombro, e parecia, como que a sua sombra ou o reflexo da figura. Era Inimá que, seguido de alguns companheiros, perseguia aquela onça e, de flecha feita, igualmente fazia a mira, contra êle ou contra a

féra, que se interpunha entre os dois na mesma direção? Não o pôde saber Itajiba, que em seu assombro, esqueceu a féra que, diante dele, rugia, apresentando as prezas ameaçadoras e agitando a comprida cauda a estorcer-se e bater-lhe os flancos, como uma jararaca enfurecida. Tendo em frente dois inimigos igualmente ferozes, como que hesitava em qual dos dois empregaria o primeiro tiro e aguardava o que primeiro o atacasse. Inimá, porém, que, entre as sombras da gruta, entrevira Guaraciaba, espumava e batia os dentes de furor, e na sofreguidão de sua cólera, com tal furia esticou o arco, que este partiu em suas mãos e a flecha caiu-lhe inerte aos pés. A este rumor, a onça cujos olhos até então estavam constantemente fixos em Itajiba, volta-se ràpidamente, em dois pulos, se precipita sôbre Inimá, tomba-o de costas, calca-lhe o peito com as enormes patas apresenta aos cães, que começam a assatá-la, a boca escancarada guarnecida de buidos dentes, à semelhança de um riso de feroz escraneo. Os companheiros de Inimá, não podendo acompanhar de perto seu infatigavel e valente chefe, ainda não eram chegados; mais um instante só e Inimá teria terminado ingloriamente a existência às garras daquele feroz animal. Estava nas mãos de Itajiba o vêr se para sempre livre de seu poderoso rival, sem que sua morte pudesse por maneira alguma ser-lhe imputada. Mas, tal pensamento nem por sombra lhe passou pelo espírito, que a isso se recusava abso-

lutamente seu coração leal e generoso. Uma bem despedida seta partiu de seu arco e voou silvando ao coração do monstro, que expirou estrebuchando em seu sangue. Inimá levantou-se desfigurado e torvo, com o peito sanfrento lacerado pelas unhas da terrivel canguçú. O peito lhe arquejava com violência e seus olhos sanguineos e desvairados procuravam Itajiba; apenas o avista, grita-lhe com voz convulsa:

— Bem lançada flecha, guerreiro!... cumpriste com destreza o teu dever. Quando o canguçú, acossado, encontra-se com o jaguar, este o mata, e oferece assim dobrada preza ao caçador. O jaguar se refugia na tóca do canguçú, onde o caçador o veio surpreender. E', pois, forçoso, agora, que pelejemos. Miseravel forasteiro, que vieste trazer a sizania e a discordia a nossas tabas, desta vez não me escaparás. Dize-me, insolente e traidor imboaba, como ousaste roubar à taba do cacique essa virgem que te acompanha? Contavas acaso conduzí-la a salvamento para o teu covil tenebroso?... Mas tu vês; Tupá é justiceiro; foi êle que em seus ocultos designios, dirigiu para aqui meus passos, dando-me por guia essa féra que acaba de morrer às tuas mãos, como tu morrerás às minhas, em punição de teu infame atentado. E tu, que fizeste, desgraçada Guaraciaba, incauta pomba, que te deixaste enlear nos laços da astuciosa serpente? como te animaste a cobrir assim de vergonha e oprobio as cans veneraveis de teu pai?...

tu, que eras o manitó tutelar de nossa tribu, serás de hoje em diante a sua ignominia, e verás teu nome pronunciado com horror!...

A raiva, o pasmo, o ciume de Inimá, vendo a sua adorada Guaraciaba transviada e fugitiva por aqueles desertos, em companhia de um estrangeiro, que êle detestava, tinham-lhe ofuscado completamente o espírito, e extinguido em seu coração todo o sentimento nobre, do o instinto de generosidade. Arrebatando um arco a um dos companheiros, que por fim vinham chegando de tropel, embebe-lhe uma flecha e a dispara contra Itajiba, porém com tal furia de cegueira, que a flecha passou sibilando aos ouvidos de Itajiba, roçou pelo colar de plumas de Guaraciaba, que se achava detraz dele e, sem tocar em ninguém, foi-se perder zunindo lugubremente na profundeza da furna. Itajiba, que até aquele momento ouvira tudo com impassivel serenidade e só tratava de guardar-se a si e a sua formosa companheira da furiosa agressão do exasperado cacique, rompe enfim o silêncio:

— Inimá, brada êle, és um vil e um cobarde tu, que à testa de tantos guerreiros, não te pejas de insultar a um estrangeiro só e sem outra defesa mais que as suas armas, e distilas de teus lábios o veneno da calunia contra a filha de teu chefe, contra uma virgem adoravel, digna do respeito e do culto dos homens. E's um vil e um cobarde tu, que voltas tuas armas contra aquele que há poucos

instantes salvou-te a vida, podendo te deixar morrer vilmente entre as garras de uma fera...

Inimá, espumando de raiva, não o deixou prosseguir, lança-se le um salto sôbre Itajiba e atira-lhe um furioso golpe de tacape. Itajiba, destro como a onça, desvia-se ràpidamente, dando um pulo para traz, e com a faca em uma das mãos e o tacape na outra, está pronto e em atitude de pelejar.

Aquela caverna ia ser testemunha de uma luta tão feroz e sanguinolenta, como essa que Itajiba já tivera a sustentar, ao chegar entre os Chavantes; mas, ah! desta vez êle não queria morrer, pois o prendia com os mais suaves laços ao mundo e a vida, o amor da linda e inocente criatura que alí se achava, testemunhando todas aquelas cênas de horror. Entretanto, o combate era dos mais arriscados e desiguais; embora matasse Inimá, Itajiba teria de travar-se depois com os cinco ou seis guerreiros da comitiva daquele. Mas o ânimo não lhe fraqueia, encomenda-se com mais fervor que nunca à celestial protetora e, resoluto, aguarda novo ataque de Inimá. Guaraciaba, porém, lança-se no meio dos dois contendores e, voltando-se para Inimá com ar altivo e senhoril, exclama:

— Detem-se, Inimá! que furor te céga? é com esse procedimento atroz e indigno, que esperas me oferecer um dia ter a teu lado, em tua taba, a filha do nobre e valente Oriçanga? é assim que pretendes tornar-te digno de comandar a heroica e ge-

nerosa nação dos Chavantes?... o furor insensato que te alucina, ousas lançar injurias e baldões contra a filha de teu chefe, e atentar contra a vida daquele que a acompanha e protege por estas solidões! sabes acaso o motivo que nos obrigou a procurar este abrigo, onde nos vieste encontrar? quem te disse que fugimos oculta e traiçoeiramente da cabana de Oriçanga?... Mas não é para contigo, Inimá, que devo justificar-me desta singular ocurrência. Guerreiros, continua ela dirigindo-se aos companheiros de Inimá, guiai-me a mim e a este estrangeiro às nossas tabas e conduzi-nos à presença de meu pai; a êle e a mais ninguém devo dar satisfação do meu procedimento.

Falando assim, o peito de Guaraciaba ofegava de indignação, seus olhos cintilavam como diamantes entre as sombras da caverna, e seu talhe e colo elevavam-se garbosos como o da ema, rainha das campinas, quando irritada se ergue contra aquele que pretende roubar-lhe o ninho. Em seu orgulhoso porte, na altivez de sua nobre linguagem, revelava-se a descendente de heróicos caciques, a verdadeira princeza das florestas. A estas nobres e severas palavras de Guaraciaba, Inimá sentiu gelar-se-lhe no coração toda a sua cólera, e esteve a ponto de cair de rojo a seus pés suplicando-lhe perdão; mas Itajiba ali estava, o orgulho o conteve e balbuciou apenas timidamente estas palavras:

— Prdoa-me, formosa filha de Oriçanga, se

te ofendi com minhas rudes falas; a cólera, o amor, o ciume me desvairam... Vai, gentil Guaraciaba, vai tranquila recolher-te à sombra da taba, onde sem dúvida teu pai te espera na mais ansiosa inquietação. Mas, esse vil forasteiro, que te acompanha, esse sedutor infame pertence-me; há entre mim e êle um pleito de vida e morte, o qual é forçoso que hoje mesmo fique decidido.

— Inimá, bradou ela com império, este estrangeiro acompanhou-me por vontade minha, e deve comigo voltar às tabas. Itajiba, acompanha-me; guerreiros, segui-me e guiai-nos à taba de meu pai.

Inimá, subjugado por aquelas imperiosas palavras, nada replicou; receiava mais a indignação daquela delicada virgem do que todo o valor e destreza de seu audaz e intrépido rival. Comprimiu, pois, todo o seu orgulho bem no fundo da alma, e acompanhou silenciosamente os outros, sem nada compreender das intenções da filha de Oriçanga. Mas, aquela submissão e deferência já vinham tarde e de nada já lhe podiam servir. A sentença do jovem cacique estava irrevogavelmente lavrada no espírito de Guaraciaba.

CAPÍTULO VII

A VOLTA

Grande agitação e ansiedade reinava no arraial dos Chavantes. Há muito que as sombras da noite tinham descido sôbre a terra, e nem Guaraciaba nem Itajiba, que desde pela manhã vagavam pelas florestas, não apareciam. Que grave acidente lhes teria sobrevindo, que assim os retinha à noite pelos desertos? a tempestade te-los-ia desorientado, e vagariam perdidos pelas obscuras selvas sem acharem quem os guiasse às tabas? ou talve a cheia das torrentes tivesse arrebatado, o rio fulminado, ou as féras devorado aqueles imprudentes e descuidados caçadores? ou talvez, quem sabe? — e esta era a mais plausivel e a mais cruel das conjecturas, — talvez o astuto e fementido estrangeiro, tendo seduzido o singelo coração de Guaraciaba, traindo infamemente as suas promessas, pagasse a generosa proteção e hospitalidade que encontrára na taba de Oriçanga, roubando-lhe a filha, último ramo de sua geração, e única alegria e consolação de seus velhos dias?

Entre todas estas tristes apreensões se dividiam os espíritos preocupados e inquietos com a estranha desaparição da filha do cacique, e de seu hospede. Já por ordem de Oriçanga grande numero de pessoas batiam as florestas por todos os lados, à pista dos dois amantes desgarrados ou fugitivos. E que ansias, que dolorosas angustias não dilaceravam o coração do idoso chefe, que se via em transes de perder sua rica e adorada filha, alegria e orgulho de sua velhice! Desatinado e louco, não parava um instante em parte alguma; ora se assentava ao pé das cinzas de seu fogo extinto arrancando as cans, e proferindo imprecações; ora em pé à porta da cabana, olhava para todos os lados... a escuridão da noite; escutava a todos os instantes... o silêncio das solidões; a cada momento expedia mais um, mais outro batedor para estes e aqueles sítios, e já quase a tribu inteira, deixando desertas as tabas, percorria as florestas em todas as direções, em procura dos dois transviados.

Sómente o velho Andiára parecia estar tranquilo e pouco cuidadosa do sucesso, que a todos preocupava. Esse sábio e experiente pagé, que sabia lêr no coração dos homens, bem tinha notado o ardente e vivo amor que os dois jovens se votavam um a outro, e longe de condenar esse amor e procurar estarvá-lo, êle o aprovava e aplaudia interiormente, pois tinha em pouco apreço o jovem Inimá, que não julgava digno do comando de sua

nação, e conceba desde o começo a mais sincera e profunda estima e admiração por Itajiba, e tinha para si que êle seria capaz de elevar a nação ao mais alto gráu de poder e prosperidade.

Andiára, pois, que observava e protegia os amores dos dois jovens, e que lia claramente em seus corações, adivinhára o verdadeiro motivo de sua demora, e, procurando acalmar a inquietação do velho cacique, dizia-lhe:

— Nada receies, Oriçanga, sôbre a sorte dos dois jovens passeadores. Sem púvida, procurando abrigar-se da tormenta, que os colheu longe daqui, asilaram-se no seio de alguma gruta, ou no concavo de algum velho tronco, e aí, esperando que a tormenta amainasse, surpreendidos pela noite, adormeceram no sono descuidado da inocência, como duas aves errantes, que ao cair das trevas pousam á sombra do primeiro tronco que encontram em seu caminho. Tranquiliza-te; Guaraciaba e Itajiba te amam e te veneram muito para te fugirem traiçoeiramente. Eles se amam e Tupá vela sôbre êles.

Enfim, um murmurio surdo começou a levantar-se na extremidade das habitações, e brandões acesos andaram através da escuridão na noite. Um grupo de guerreiros avança pela frente das tabas, ao longo da margem do rio. No meio deles, marcham Guaraciaba e Itajiba, opressos de fadiga, mas com rosto tranquilo e sereno. Atraz do sequito, um vulto silencioso e isolado, seguia com ar sinistro: era Inimá. Pelo caminho, o sequito se engrossava

cada vez mais e agitava-se soltando grandes clamores. Estes clamores eram em grande parte aclamações de alegria pelo feliz reaparecimnto de Guaraciaba; muitos deles, porém, eram também gritos ameaçadores e imprecações contra aquele que êles julgavam ter desencaminhado é pretendido roubar deslealmente a filha do cacique. Já os animos se amotinavam, e muitos guerreiros, ignorando as circunstâncias daquele fatal sucesso, com gestas ameaçadores, estavam prestes a se lançarem sôbre Itajiba. Felizmente chegaram sem incidente algum à taba do velho cacique. Guaraciaba saltou ao colo de seu pai, que a esperava à porta com os braços estendidos e chorou de alegria, apertando-a contra o pento. Oriçanga ordenou que se retirasse a turba que se apinhava tumultuosa à porta de sua cabana, e ficou com Guaraciaba e Itajiba.

— Querida filha, exclama êle, que mau espírito te desencaminhou por essas selvas, e ia-te desgarrando da sombra da taba paterna?... Ah! quantas angustias, quantos frios sustos não embebeste no coração de teu velho pai, demorando-te assim, até às horas mortas da noite, entre os perigos da floresta tenebrosa!... Esse estrangeiro, que te acompanha, por que não te guiou êle mais cedo ás nossas tabas? Oh! minha Guaraciaba, por Tupá eu te peço, dize-me, não seria ele acaso quem de proposito transviou-te procurando roubar vil e traiçoeiramente a minha filha, único bem que o céu ainda me conserva, a Inimá, a esposa que eu lhe

tinha prometido, e à tribu o último ramo de um antigo e ilustre tronco de heróis já quase extinto?... Ai dele se tal era seu louco intento! por enorme e cruel qu eseja, nzo haverá castigo que seja excessivo para punir tão nefanda traição.

— Tranquiliza-te, meu pai, atalhou Guaraciaba, nem eu nem Itajiba cometemos crime algum, nem praticámos ação de que possamos nos envergonhar diante de ti. Eu vou contar-te fielmente a história dos acontecimentos que nos detiveram na floresta até estas horas, e se ainda me acreditas, meu pai, verás que somos inocentes e nos perdoarás.

Então Guaraciaba, com a franqueza e ingenuidade de uma alma pura, referiu-lhe por miudo o seu descaminho, a tempestade que os assaltou e os obrigou a procurar refugio dentro de uma furna; pinta-lhe com calor e vivacidade, como quem achava-se ainda sob a impressão dos acontecimentos, as terriveis cênas que ali tiveram logar, e por fim, em tom grave e triste, acrescentou estas palavras:

— Agora, pai querido, forçoso é revelar-te um sentimento que não devo ocultar-te por mais tempo; ah! e quanto me custa fazê-lo, pois sei que vou magoar-te o coração.

— Filha, se para repouso de teu coração é preciso que me faças essa revelação, fala, que estou pronto a ouvir-te, embora isso deva doer-me como uma seta envenenada.

— Perdoa-me, meu pai, se vou de encontro às tuas vistas a meu respeito; mas devo hoje declarar-te com franqueza, eu não devo jámais ser esposa de Inimá.

— Que dizes, filha? pois queres que eu falte as minhas sagradas promessas?

— Mas, meu pai, se esse que destinas para meu companheiro e que de substituir-te no comando da tribu, tornar-se, por suas ações, indigno dessa honsa, se procede como um vil e vai deslustrar teu nome e tua geração, desde esse momento estás desligado de tuas promessas. Desde o berço ouço falar que sou destinada a Inimá, mas posto que não lhe tivesse repugnância, contudo nunca ao seu nome palpitou-me o coração, nem suspirou por essa união. Hoje, porém, tudo mudou; sua presença me importuna, seu amor me atormenta, e essa união, com que me acenam, tornou-se para mim uma ameaça de morte. Se é a sucessão no governo da tribu que êle ambiciona, dê-lha, meu pai, dê-lha sem mim, que de bom grado a ela renuncio, e nem aspiro a outra felicidade senão a que é dada pelo amor.

— Pelo amor? e acaso amas tu algum, que não seja Inimá?

— Ah! meu pai! desde que meus olhos viram Itajiba, meu coração voou para êle.

— Oh! sim! meu coração parece-me que já tinha adivinhado esse fatal desvio de tuas afeições... e não te envergonhas de amar um estran-

geiro foragido, que o acaso arrojou em nossas praias?

— Não, meu pai; antes me ufano disso e me desvaneço de ser por êle amada, pois que esse estrangeiro é um herói.

— Ah! Guaraciaba, minha querida, raio de luz que me alumias os tenebrosos caminhos da vida, flôr mimosa que embalsamas com teus aromas minha taba solitária, em que cruel ansiedade vem colocar-me o teu imprudente amor! Devo eu despedaçar teu coração, contrariando tuas afeições, e impondo-te um jugo que detestas? Ah! não; amo-te muito para poder fazê-lo. Mas, posso eu sem québra de minha lealdade, iludir as esperanças por tão longo tempo alimentadas do jovem cacique, e faltar vergonhosamente a meus sagrados compromissos?... nunca; antes a morte do que um tal oprobio. Minha mente vacila incerta entre esses dois tremendos escodlhos. Só a voz inspirada dos pagés, que sondam os arcanos do porvir e interpretam a vontade do céu, poderá guiar-me na penosa escuridão do meu espírito. Amanhã, ao primeiro canto das aves na floresta, eu os farei chamar na minha taba, e com seus sábios conselhos eles me inspirarão por certo o modo mais acertado de proceder em tão dificil conjuntura. Entretanto, cara filha, vai repousar das fadigas e tribulações deste mal agourado dia, enquanto eu velo sôbre tua sorte, meditando os meios de torná-la feliz.

Inimá, de volta às tabas, das quais vivia re-

tirado desde o dia em que trouxera Itajiba moribundo à presença de Oriçanga, foi minuciosamente informado por seus amigos de tudo que nelas ocorrêra, durante a sua ausência. A pretendida origem e nacionalidade de Itajiba, as singulares aventuras de sua vida, que já andavam de boca em boca, seus oferecimentos e a pretenção que manifestára de ser adotado na tribu, o agasalho e cordial hospitalidade que encontrára na cabana do cacique, a viva simpatia e interêsse que inspirára a Guaraciaba, seus passeios e caçadas quotidianas pelas selvas vizinhas, a céga condescendência de Oriçanga e a proteção não disfarçada de Andiára para com os dois amantes, tudo isso foi sabido nessa mesma noite por Inimá, entre transportes de indignação e furor.

As coisas tinham tomado uma fatal direção, que êle, no fundo de suas selvas, estava bem longe de adivinhar.

Naquele misero estrangeiro, que derrubára a um golpe de seu tacape, e a quem de propósito procurára poupar a vida afim de tornar mais solene o seu triunfo, sacrificando-o no dia de suas bodas, via surgir um temivel e poderoso rival a suas ambiciosas esperanças de amor e de poder. Inimá bem o compreendeu, e tratou desde logo de estorvar por todos os meios o progresso da fortuna daquele audaz aventureiro. Entregues à raiva e ao ciume, que lhe envenenava o coração, e perturba-

va-lhe o espírito, andava de taba em taba atiçando o odio e a sizania, concitando os animos dos Chavantes já predispostos pelos acontecimentos do dia contra Itajiba, ao qual pintava como um embusteiro, um enviado dos imboabas, que viera astutamente insinuar-se entre êles para entregá-los traiçoeiramente aos seus perseguidores.

Comentando os acontecimentos, mostrava-lhes como o ardiloso forasteiro, para chegar a seus fins, com fingida humildade e submissão, conseguira captar a benevolência do velho e credulo cacique, e procurára com suas artes infernais seduzir sua filha para dela fazer um instrumento de suas abominaveis maquinações e planos de traição. Fazia-lhes ver tambem que Oriçanga, a quem o peso dos anos tornára imbecil e caduco, com suas imprudentes complacências, com sua estulta credulidade, deixava o campo inteiramente livre às perfidas maquinações do astuto forasteiro; que eles Chavantes, nada podiam esperar mais de um chefe que a idade tinha tornado idiota a tal ponto, que via sem indignação sua filha entregar-se sem reserva a uma vergonhosa paixão pelo ignobil forasteiro, que, sem injuria e deshonra da briosa nação dos Chavantes, não podia nem mais um dia, permanecer vivo entre eles. Quanto a si, Inimá considerava-se instrumento escolhido por Tupá para destruir os sinistros planos e punir a audacia do estrangeiro; os acontecimentos até ali ocorridos bem o estavam revelando, e êle contava com

o valôr e dedicação de seus bravos companheiros para ajudá-lo a bem desempenhar sua missão.

Estas falas apaixonadas de Inimá caíram nos animos de grande parte daqueles selvagens como a chama lançada em terridas macegas nos ardentes e ventosos dias de Agosto. Os amigos de Inimá protestavam alto e bom som, que na aurora seguinte haviam de arrancar da taba do cacique o traidor estrangeiro, arrastá-lo por diante das tabas, arrancar-lhe os olhos e a língua, e atirá-lo no fundo do rio com uma pedra atada ao pescoço.

Também Itajiba, por sua parte, já contava entre os Chavantes não pequeno número de camaradas dedicados, dos quais soube grangear a estima e afeição por seu carater naturalmente bom e generoso, e a quem por seus atos de valor, por sua fôrça e destreza inexcediveis, inspirava respeito e admiração. Estes o defenderiam com ardor a todo o transe, e se oporiam resolutamente à execução do plano atroz de seus inimigos.

Os espíritos divididos se irritavam, e a noite, que se passou quase toda sem dormir em róda das fogueiras em calorosas altercações, parecia presagiar para o dia seguinte graves e temerosos acontecimentos.

POUSO TERCEIRO

OS RIVAIS

CAPÍTULO PRIMEIRO

O CONSELHO DOS PAGÉS

Oriçanga, cujo espírito inquieto e atribulado não pudera durante aquela penosa noite gozar um instante do lenitivo do sono, aguardava com impaciência o alvorecer do dia para acabar com a cruel perplexidade que o atormentava a respeito do destino de sua filha. Apenas pois ouviu os primeiros pios das aves pelas florestas, ergue-se e apressa-se em mandar convocar os anciãos da tribu e os venerandos pagés, para que com seus sabios alvitres lhe iluminem o espírito e o guiem em tão difícil e delicada conjuntura.

Estes pagés, que eram sempre homens respeitaveis por sua avançada idade e longa experiência, e venerados entre os selvagens como sacerdotes ou profetas, passavam vida austera e retirada no seio das brenhas em espeluncas solitárias, onde se reputava que tinham comunicação com os espíritos celestes, e eram interpretes da vontade de Tupá. Eles interpretavam os sonhos, presagiavam

o futuro, decidiam dos bons ou máus agouros, e eram uma espécie de oraculos constantemente consultados, não só em negócios particulares, como também sôbre questões de interêsse geral dessas hordas, sôbre cujo govêrno exerciam considerável influência. Conhecedores das virtudes das plantas e de outros simplices da natureza, eram eles também que administravam remédios e socorros aos feridos e enfermos, e eram assim também, além de sacerdotes, os únicos médicos dessas tribus.

Os pagés acudiram prontamente ao chamado do cacique, e reunidos na sala a mais profunda e retraida da cabana deliberavam secretamente. Oriçanga informa-os por miudo de todo o ocorrido, e expõe-lhes sem rebuço a causa de todas as suas hesitações e ansiedades.

A maior parte dos pagés se pronunciava abertamente contra Itajiba e contra o amor de Guaraciaba, quer qualificado de louco e pueril. Dizia que a quebra das promessas solenes feitas a Inimá, descendente de uma antiga e ilustre raça de caciques e oriundo da mesma nação, em favor de um estrangeiro, vindo sabe o céu de onde, lançaria uma nodoa eterna sôbre o nome de Oriçanga; que a efetuar-se a união de Guaraciaba com esse estrangeiro, viria este a ser o sucessor de Oriçanga e chefe natural da nação, o que seria mais que ignominioso e aviltante para a nação dos Chavantes; dir-se-ia que entre tantos jovens guerreiros um só não se achava na tribu digno de desposar a filha do

cacique e suceder a este no comando da tribu; enfim que seria uma imprudência só própria de loucos confiar o governo e direção de uma nação inteira a um estranho, que poderia bem não ser mais que um astuto e perfido aventureiro, um inimigo da nação, só para satisfazer a paixão caprichosa e pueril de uma criança.

Outros, menos exaltados contra Itajiba, opinavam que sem inconveniente algum poderia este tomar Guaraciaba por mulher, uma vez que Inimá desistisse de sua união com ela e desobrigasse Oriçanga de suas promessas; que nesse caso, sendo adotado entre o Chavantes, se lhe daria um lugar distinto entre os chefes; que por esse modo não teria Oriçanga de contrariar os naturais afetos de sua filha, nem teria que sofrer em seu coração de pai; mas quanto à sucessão do comando, devia esta esta ser devolvida a Inimá, considerando-se extinto por morte de Oriçanga a sua descendência.

Falou por último Andiára, o mais veneravel e o mais autorizado dos pagés. Defendeu com ardor a causa de Guaraciaba, a quem votava paternal afeição, e de Itajiba, cujo valor e nobres qualidades admirava, a quem o prendia uma natural simpatia, e a quem reputava enviado por Tupá para elevar a nação dos Chavantes ao mais alto gráu de esplendor e poderio.

— Não vejo motivo, dizia êle, para se votar tanto odio a esse estrangeiro, e fazer-se-lhe um crime pelo fato tão natural de ser êle amado pela

gentil e nobre filha de nosso chefe. Esse estrangeiro, que sem fundamento algum supondes um inimigo astuto e perfido, pode ser bem ao contrário um herói, que Tupá nos envia para regenerar a nação dos Chavantes, a qual, com bastante magoa o digo, vejo bem decaida de seus antigos brios, depois que a idade começou a vergar os ombros e a enfraquecer o animo de nosso bravo e glorioso chefe.

Que atos tem êle praticado que denunciem essas intenções perfidas e hostis contra nós? resistiu desesperadamente aos nossos, quando aqui aportou, porque foi súbita e violentamente atacado. Amou Guaraciaba, porque esta apresentou-se como um manitó celeste à cabeceira do leito onde êle jazia moribundo e crivado de golpes, para abrir-lhe as portas da vida e da esperança; transviou-se com êle nas florestas, porque uma tempestade os surpreendeu. Eis seus crimes; entretanto em todas essas ocasiões êle tem dado sobejas provas de valentia e de animo leal e generoso. Podereis dizer outro tanto desse que aclamas o único esposo digno de Guaraciaba e legitimo sucessor de Oriçanga? Não será uma ação infame e desleal a que praticou indo cobrir de insultos e baldões a nobre filha de seu chefe e seu inofensivo companheiro, na caverna em que se tinham abrigado contra a furia da tempestade, e atentando contra a vida dos mesmos no momento em que Itajiba acabava de salvá-lo das garras de uma fera?...

Bem vejo que o nosso velho e ilustre cacique está ligado por promessas sagradas, que não podem ser violadas sem deshonra sua; o cumprimento da palavra de um chefe está acima de tudo. Um alvitre porém me ocorre, e dou graças a Tupá que me inspira, que sanará todas as dificuldades, e decidirá de uma vez para sempre esse pleito entre os dois rivais; e a ocasião é a mais oportuna que se podia deparar. Não longe de nós, para além do rio, existe a nação dos Caiapós, que nos quer mal, nos ameaça constantemente; há bastantes anos, vós bem o sabeis, êles invadiram traiçoeiramente nossas tabas, roubaram nossas virgens e mataram nossos irmãos; entretanto, Oriçanga, este insulto está por vingar-se, porque teus velhos anos não permitem mais guiar-nos aos combates. Por outro lado, para as bandas onde tem suas nascentes este rio sagrado, os imboabas com suas bandeiras devastadoras cada vez mais vão-se avizinhando, nos ameaçam com o exterminio, a escravidão e a morte. Cumpre opor-lhes um dique e fazer-lhes perder para sempre o desejo de penetrar em nossas florestas. Cumpre que nos arranquemos deste ignobil torpor em que há tanto tempo jazemos, se não quizermos ser esmagados por nossos inimigos, quando menos o esperarmos. Pois bem, ilustre Oriçanga e veneraveis pagés que me escutais, mandemos duas fortes expedições compostas de guerreiros escolhidos contra esses inimigos, que de diversos lados nos ameaçam; uma delas, seja qual fôr, seja comanda-

da por Inimá; à testa da outra marche Itajiba. Aquele que melhores serviços prestar, que mais bem desempenhar sua árdua e gloriosa missão, seja o preferido.

— Bem falado, Andiára! bem falado! clamaram os anciãos arrebatados pelo energico discurso do pagé, que entre eles passava como um profeta que lia no futuro e conversava com os espíritos celestes. Alguns, que porventura ainda não aderiam às razões por êle apresentadas, não ousaram erguer a voz, e o alvitre de Andiára, adotado por quase todos, prevaleceu.

Ainda o conselho dos pagés não tinha terminado suas deliberações, e já uma turba alvoraçada se apinhava e crescia em torno da cabana de Oriçanga. O amotinamento insuflado por Inimá se tinha propagado com carater assustador. Os inimigos de Itajiba exigiam em altos e ameaçadores gritos que lhe entregassem o traidor estrangeiro, pois queriam dar-lhe o castigo que mereciam seus embustes e perfidias. Já mesmo algumas flechas sibilavam por cima do teto, e alguns guerreiros furiosos ameaçavam transpôr as soleiras da habitação do chefe. Tambem não mui longe se achavam reunidos em bandos os amigos de Itajiba, prontos a defendê-lo a todo o risco e a libertá-lo caso caisse nas mãos de seus adversários. Um grande alvoroço popular, um renhido e sanguinolento conflito estava prestes a fazer explosão. O sangue dos Chavantes ia correr em torno da taba

de seu antigo e ilustre chefe, sem que nenhum inimigo estranho viesse atacá-los, mas derramado por suas próprias mãos. Itajiba, que de dentro da taba ouvia os furiosos clamores de seus inimigos, dirigiu-se resolutamente à presença de Oriçanga.

— Velho e ilustre cacique, lhe diz êle, por minha causa vejo que vossos lares são desacatados por vossos guerreiros revoltados; compreendo que não posso existir entre vós sem perturbar o socego e a união de vossos vasalos; êles pedem minha morte: deixai-me pois ir a êles; deixai-me morrer a seus golpes, já que não sirvo entre vós senão para elemento de discordia e de insubordinação. Seja-me licito ao menos, para testemunhar minha lealdade, verter o meu sangue em favor de vossa tranquilidade e da de vosso povo.

Assim falou, e dirigindo-se para a porta precipitadamente, já ia expôr-se aos golpes dos revoltosos. Mas Oriçanga, Guaraciaba e Andiára, colocando-se diante dele, embargam-lhe os passos.

— Não irás, diz-lhe vivamente Oriçanga, de modo nenhum o consentirei. Queres que a minha autoridade d echefe vergue e fraquei diante da insolente audácia de meia dúzia de sediciosos? Ignoras acaso que estão divididos em duas facções contrárias, e que a tua presença, longe de pôr termo ao tumulto, será antes o sinal para se travar uma luta encarniçada? fica-te aqui, Itajiba, e deixa a meu cargo reprimir e castigar essa turba insubordinada.

Ditas estas palavras, Oriçanga dirige-se à porta da cabana, e aí apresenta-se em pé e desarmado aos olhos dos sediciosos. A' vista do vulto grave e veneravel daquele antigo e ilustre chefe, que outrora tantas vezes no campo da peleja os tinha conduzido à vitória, e que tanto lustre e poderio tinha dado à nação com seus feitos valorosos, os revoltosos sentiram-se possuidos de respeito, e suspenderam suas vozeiras tumultuosas. Então o cacique, erguendo a voz, em breves, mas energicas palavras, exprobrou-lhes a ação indigna e feia que praticavam, de que nunca houvera exemplo naquela valente e generosa nação; ponderou-lhes que no seu tempo os Chavantes folgavam de alardear seu valor em defesa dos seus no campo das pelejas, combatendo as hordas inimigas; que os de hoje porém só sabem perturbar a concordia e paz domestica voltando suas armas uns contra os outros, e mostram-se ferozes e arrogantes diante da taba indefesa de seu chefe, onde só se acham alguns velhos inermes, uma fraca virgem e um estrangeiro foragido, violando sem pejo o que há no mundo de mais sagrado e digno respeito, a autoridade, a velhice, a inocência e a hospitalidade. Mas que para defender todas aquelas cousas veneraveis e santas, êle ali estava, êle só, velho, enfermo e desarmado; que para penetrar em sua habitação, teriam de calcar aos pés o seu cadaver.

Os selvagens, como as crianças, passam com extrema facilidade de um sentimento a outro, da

coragem ao desanimo, da mais violenta e arrogante insubordinação à mais humilde submissão. As severas e energicas palavras do cacique retumbaram naquelas almas exaltadas como os trovões da colera celeste. Confusos e envergonhados de seus excessos, os revoltosos deixaram cair aos pés as suas armas, e curvados com as mãos cruzadas nos peitos pareciam implorar perdão ao exasperado cacique.

Então Oriçanga, aproveitando o ensejo e a boa disposição dos animos, anuncia-lhes que, por deliberação do conselho dos pagés, acabára de resolver-se a levar a guerra a dois inimigos audazes que de longo tempo os ameaçam, e põem em perigo a tranquilidade, a liberdade e a vida dos Chavantes; que é tempo de vingar pelas armas antigas injurias, e conjurar futuras e iminentes calamidades; que em vez de procurarem matar-se uns aos outros no seio de suas habitações, será mais nobre que arrisquem a vida e vertam o sangue pela causa da nação a que pertencem. Ele, enfermo e acabrunhado sob o peso da idade e dos trabalhos, sente profundo pezar por não lhe ser mais possivel ir em pessoa guiá-los ao campo dos combates, afrontar os mesmos riscos e fadigas e partilhar as mesmas glórias; mas terão à sua testa dois valentes e ilustres chefes, ainda em todo o viço e vigor da idade, que os conduzirão com segurança ao mais completo e glorioso triunfo.

Adverte-lhes, enfim, que se armem e prepa-

rem afim de que em poucos dias estejam prontos a partir para a guerra.

Esta fala acabou de produzir a mais salutar diversão nos belicosos animos dos Chavantes. Vivas e estrondosas aclamações ecoaram por longo tempo pelas ribanceiras do Tocantins; os diversos grupos se dispersaram, e todos se retiraram para suas tabas contentes e pressurosos, a tratar cada um de se prover de avimentos para a campanha que ia começar.

CAPÍTULO II

AS DUAS EXPEDIÇÕES

Dentro em quinze dias estavam concluidos os preparativos para essas duas expedições, que tinham de partir para lados diversos, afim de combaterem dois inimigos de origem e costumes inteiramente diferentes. As margens do grande rio estavam calhaadas de canôas bem providas de armamentos, apetrechos e provisões para uma longa campanha. No dia seguinte as duas expedições, composta cada uma de algumas centenas de guerreiros escolhidos dentre a flôr da nação, deviam partir daquelas praias para levar a guerra a paises longinquos; a atividade e o movimento reinavam ao longo das margens; a alegria e o entusiasmo reluziam no semblante de todos os guerreiros. Itajiba, à testa de quatrocentos a quinhentos combatentes por êle próprio escolhidos, tinha de partir em canôas e singrar águas acima, até onde a natureza do rio o permitisse, e depois, abandonando as canôas em logar seguro, penetrar às terros do inimigo, procurar os brancos e hostilizá-los sem-

pre em qualquer parte que os encontrasse, devastar e saquear suas fazendas, ir ao encontro das bandeiras que por ventura saissem de Goiáz, batê-las e rechassá-las, se possivel fosse, até as portas de Vila-Boa. Esta ousada e ardua empreza, cujo plano o próprio Itajiba concebera e propuzera, devia durar por tempo indeterminado, emquanto achasse inimigos por combater.

Inimá, tendo às suas ordens outros tantos guerreiros igualmente de sua escolha, devia transpor o rio, penetrar pelas florestas que lhe ficam ao nascente, e levar a guerra crua e desapiedada às hordas errantes dos Caiapós, e rechassá-los para o mais longe que pudesse das vizinhanças do grande rio.

Na aurora seguinte o sol, surgindo por cima das florestas que sombreiam as margens do Tocantins, iluminava uma das mais curiosas e animadas cênas da vida selvativa. Uma chusma de ligeiras pirogas entulhadas de guerreiros semi-nus, de tez bronzeada e aspecto sinistro, ao som estrugidor de rudes cantos de guerra e ao ruido das inubias e maracás, vogavam lentamente contra a corrente do rio. As águas, ao bater compassado de uma multidão de remos, marulhavam, cintilando como escamas de ouro aos esplendidos raios do sol matinal, e ao sopro das brisas os vistosos cocares tremulavam sôbre a fronte dos guerreiros como filas de coqueiros balançando seus leques sôbre o veio tremulo da torrente. Por outro lado e em direção

oposta a falange formidavel de Inimá, depois de ter transposto o rio em canôas, desfilava ao longo da margem oposto entoando belicosas pocemas de sangue e vingança, e ia mais abaixo engolfar-se e sumir-se na espessura da floresta como giboia monstruosa que em sinuosos giros se esgueira a esconder-se pelas moitas do matagal.

Sôbre um tope mais elevado da ribanceira, Guaraciaba, sosinha, encostada a um tronco, tinha os olhos tristemente feitos sôbre as pirogas, que lá iam resvalando pela superficie dourada das águas, principalmente sôbre aquela em que Itajiba, em pé junto à prôa, lançava também olhares repassados de tristeza e de saudade sôbre aquelas margens e sôbre a virgem da floresta, que ia abanar por tão longo tempo, oh! e quem sabe se para sempre! Ela as contemplou até de todo se sumirem nas derradeiras voltas do rio, e quando não viu mais do que as águas a correrem monotonas e as selvas a sussurrarem tristemente ao longo das ribanceiras solitárias, seus olhos se arrasaram de pranto; com a mãos e com as negras madeixas abafou soluços e lágrimas que lhe inundavam o seio, caiu desalentada sôbre a relva, e chorou, chorou muito, e por muito tempo.

Guaraciaba sentia pela primeira vez essa profunda opressão da alma, essa cruel e pungente desolação, que se chama saudade. Pensava nos tristes e silenciosos dias que iam suceder áqueles tão cheios de vida, de alegria e de amor que passára

junto de Itajiba; pensava nos azares que este ia afrontar em uma guerra longinqua e perigosa, e cuidava morrer de angustia e desalento.

Andiára, que solicito a observava, correu a ela e procurou levantá-la de seu doloroso abatimento com palavras de consolação e de esperança:

— Não chores, filha de minha alma; dizia-lhe Andiára levantando-a nos braços e arredando-lhe do moreno rosto a nuvem de cabelos negros, que ela ensopava em lágrimas. O tempo corre veloz, e bem cedo verás essas pirogas, que ainda há pouco além se sumiram, de novo ali surgirem vitoriosas e carregadas de troféus, trazendo-te aos braços o teu Itajiba coberto de glória, a solicitar de teu pai o único e formoso galardão a que aspira por seus brilhantes e heroicos feitos. Crê-me, ó formosa e digna filha de Oriçanga, Tupá por vezes permite que a meus olhos se dissipem as trevas carregadas que envolvem os caminhos do futuro, e deixa-me decifrar os destinos dos homens e das cousas nos dias que têm de vir. A vitória marchahá sempre ao lado de Itajiba, e os mais brilhantes sucessos coroarão seus valorosos esforços no campo das pelejas. Ele voltará ufano e glorioso, e cheio de heroismo, de lealdade e de amor, virá depor a teus pés os ricos troféus a cuja conquista correra só para tornar-te digno de teu amor, ó a mais bela e mais ditosa das virgens da floresta. Ele voltará, e unido para sempre a ti pelos laços do mais leal e puro amor será aclamado chefe pela nação inteira, que

o aplaudirá cheia de respeito e de admiração, e em vós e em vossos filhos se perpetuará uma invencivel e gloriosa raça de herois, que por largo tempo presidirá aos destinos da valente e poderosa nação dos Chavantes.

Estas palavras, que Andiára proferia com convicção profética, sempre conseguiram acalmar um pouco as angustias que oprimiam o espírito de Guaracaiba. Andiára a conduziu para a cabana de seu pai, onde este por seu turno procurou consola-la com caricias e com palavras de amor e de esperança.

Quanto a Inimá, por que razão Guaracaiba não desejaria o prospero sucesso de sua empreza e a sua feliz volta às tabas de seus antepassados? porque não lançaria ela um olhar de despedida sôbre um guerreiro que lá ia afrontar a morte, entranhando-se no meio de inimigos ferozes só para se tornar digno dela e do seu amor? Oh? — por certo Guaraciaba tinha alma muito boa e generosa para querer a sua ruina e não desejar o seu prospero regresso, mas profundamente occupada com Itajiba, sua alma tinha poucos pensamentos para Inimá e sua expedição.

Seria dificil decidir qual das duas emprezas, confiadas aos dois jovens chefes, era mais ardua e arriscada. E' verdade que Itajiba tinha de combater um inimigo que por sua civilização, recursos e estrategia era muito superior aos selvagens que comandava; mas em compensação tinha êle

a dupla vantagem de conhecer os paises e o inimigo a que ia levar a guerra; seus costumes, manhas e taticas. Inimá, pelo contrário, posto que a certos respeitos sua tarefa fosse menos espinhosa, pois ia debelar um povo da mesma índole e costumes, ou talvez mais rude e inculto que os próprios Chavantes, tinha de embrenhar por sertões desconhecidos em busca de um inimigo errante, sem saber ao certo onde encontrá-lo.

Itajiba tangeu suas canôas pelo Tocantins acima, enquanto o curso do rio se mostrou favoravel a essa navegação; mas quando as cachoeiras e corredeiras, pedras e baixios, que obstruem o curso superior do rio, começaram a tornar penivel e morosa a sua marcha, poz pé em terra com toda a sua gente na margem esquerda, amarrou fortemente as canôas no reconcavo de uma lagôa formada pelo transbordamento das águas do rio e escondida entre espessas florestas, e por trilhos desviados, que lhe eram conhecidos, marcou ao sul em direção a Vila-Boa. Em seu caminho teve diversos encontros com algumas hordas de Coroados e de outros povos selvagens, bateu algumas que tentaram hostiliza-lo, e entre outras, porém, que o receberam como amigo, angariou aiados, que reforçaram a sua falange com mais de cem combatentes. Assaltando e saqueando as fazendas e estabelecimentos dos brancos que encontrava em seu caminho, prosseguiu em sua marcha vitoriosa levando por toda a parte onde passava o terror e a devastação.

Bem depressa chegou a Vila-Boa a noticia das correrias e devastações dos indios Chavantes pelas terras do Alto-Tocantins, e imediatamente tratou-se ali de organizar uma formidavel bandeira, que sem mais demora partiu a opôr um dique aos progressos daquela temerosa horda, que se precipitava como uma torrente impetuosa sôbre as regiões do norte, talando os campos e exercendo incalculaveis estragos e horriveis matanças. Itajiba bem compreendeu que os seus selvagens guerreiros, por intrepidos e valentes que fossem, não poderiam sustentar por muito tempo a pé firme um combate contra as forças dos homens civilizados, e que com suas flechas e tacapes não lhes seria possivel fazer face ás descargas dos arcabuzes inimigo sem sofrerem grandes estragos e revezes. Assim, pois, evitou sempre empenhar-se em um combate formal com o inimigo, mas por meio de bem dirigidas guerrilhas, de escaramuças passageiras, de continuas emboscadas e surpresas, foi caindo sôbre eles e causando incessantemente em suas fileiras perdas consideraveis. Ora ao atravessarem uma selva, uma chuva de flechas descia como por encanto sôbre as cabeças dos soldados goianos, que atonitos ouviam somente os alaridos selvaticos dos inimigos, sem que lhes pudessem ver o rosto; quando de carabina armada olhavam para todos os lados em procura dos selvagens, já estes tinham-se escoado subtil e silenciosamente pelas brenhas, deixando o chão juncado de cadaveres inimigos.

Ora pelo silêncio e escuridão da noite setas inflamadas, sem saber-se donde partiam, baixavam como meteóros ardentes sôbre os abarracamentos dos Goianos; a desordem, a confusão, o susto reinavam no acampamento, e súbito uma chusma de guerreiros selvagens entrava por êle de roldão, espalhava o terror, o estrago e a morte, e sem dar aos adversários tempo de reagir, desaparecia de pronto a favor das trevas como uma cohorte de duendes por entre a escuridão da noite. Outras vezes, com mais audácia ainda, na volta de um caminho uma nuvem de selvagens dava de surpresa sobre os Goianos, passava de voata pelas suas fileiras, disparando um chuveiro de flechas, e vêlozes na carreira a competir com o veado ou com a ema desapareciam de novo na amplidão dos desertos. Os Goianos, fatigados por fim de perseguir um inimigo que se furtava a seus golpes como fantasmas, e que como o vento parecia fugir-lhes das mãos, vendo suas fileiras de dia em dia diminuir-se, consideravelmente destroçadas por flechas disparadas por mãos quasi invisiveis, assentaram que seria uma louca temeridade avançarem mais pelos sertões, e regressaram a marchas precipitadas deante das hordas de Itajiba, que prosseguiu desassombrado em sua marcha de devastações e pilhagens.

Bem pesava ao coração de Itajiba mover tão crua e devastadora guerra a seus compatriotas, sem que se désse motivo algum que aos olhos de

sua consciência o justificasse de tais excessos e atrocidades.

Mas a torrente da fatalidade o arrebatava e não lhe era mais possivel recuar. As solenes promessas feitas ao chefe dos Chavantes, seu ardente amor pela filha do cacique, e talvez também projetos de dominação, que já começavam a despontar-lhe no espírito, e para os quais os acontecimentos pareciam ràpidamente impeli-lo, eram motivos poderosos que o faziam prosseguir sem hesitar na carreira encetada.

Todavia em suas correrias Itajiba procurava sempre poupar o mais que fosse possivel o sangue de seus inimigos, e cohibia quanto podia o feroz canibalismo de suas tropas avesadas ao roubo, ao incendio e à carnagem. Sem encontrar mais estorvo algum em sua marcha, Itajiba, precedido pelo terror e a consternação foi avançando até as imediações de Vila-Boa. De uma eminência ele descortinou ao longe os serros aridos e escalvados que rodeiam o berço de seu nascimento; o coração se lhe apertou de angustia ao contemplar aqueles sitios, onde tão risonha e prazenteira se deslisára a aurora de sua vida, e que êle agora vinha ameaçar e cercar de terror e consternação; sentiu sua alma esmagada sob o peso de uma cruel e sombria tristeza ao lambrar-se que estava para sempre exilado do país de sua infância, que êle tinha tingido no sangue inocente de um infeliz amigo; parecia-lhe que a sombra de Reinaldo, surgindo por sôbre

os horizontes longinquos, exprobava-lhe seu horroroso crime, e o expelia daqueles logares com dolorosos gritos e maldições, e o remorso lhe ralava o coração.

Itajiba refletiu longa e profundamente. Tinha às suas ordens uma multidão de combatentes ainda engrossada pelo grande numero de prisioneiros que arrancára aos vencidos, e estes munidos já de armas de fogo tomadas aos Goianos, em cujo uso e manejo ia adestrando os selvagens. Podia pois tentar com bastante probabilidade de sucesso um assalto sôbre Vila-Boa. Mas o horror instintivo que o desviava daqueles lugares paralisou a sua marcha.

Também por outro lado via que a empreza não deixava de ser arriscada, e sendo mal sucedida nulificaria todos os sucessos até ali obtidos. Itajiba julgou que já tinha feito bastante para glória sua e para proveito e lustre da nação a que tinha ligado o seu destino, e resolveu portanto o regresso da expedição que comandava. Além de todos estes motivos, outro talvez mais forte atuava em seu espírito, e acelerou a sua volta. No meio de tantos perigos e fadigas, Itajiba nunca esquecera a sua querida Guaraciaba, e seu amor não deixava de inspirar-lhe cuidados e receios; Inimá, cuja expedição provavelmente estaria mais cedo terminada, poderia já ter voltado triunfante, e orgulhoso, e Itajiba sestia estremecer-lhe o coração pensando no que poderia ter acontecido em sua ausência no arraial dos Chavantes.

CAPITOLO III

O REGRESSO

Já seis longas luas tinham-se volvido depois que os dois corpos de guerreiros Chavantes comandados por Itajiba e Inimá haviam partido a levar a guerra a paises remotos, e nenhuma notícia ainda havia deles; já era tempo entretanto para estarem de volta.

Oriçanga, Guaraciaba, Andiára e toda a tribu esperava todos os dias com impaciência ou novas ou o regresso dos expedicionários, qualquer que fosse o resultado das duas emprezas.

Guaraciaba passava quase todo o dia assentada sôbre o tope da ribanceira, donde tinha visto desaparecerem a seus olhos as canôas de Itajiba, e ali entreteando as longas e enfadonhas horas da ausência em alguns dos seus trabalhos favoritos volvia continuamente os olhos pelo esteiro do rio a ver se na última volta alguma canôa trazia o seu amado, ou pelo menos novas dele. Outras vezes, tomando uma leve canoinha, que ela mesma rema-

va, sulcava águas acima com alguma de suas companheiras, e lá ia até onde sem perigo podia avançar, a ver se se encontrava com a flotilha de Itajiba, e voltava triste e resignada para esperar ainda.

Um dia enfim, estando na barranca no sitio do costume, ouviu ao longe e para a parte superior do rio um estranho e grande estrondo. A principio pensou que seriam trovões; mas o céu estava sereno, e a atmosfera tranquila nenhum indício dava de tempestade. O estrondo se repetiu uma e mais vezes, avisinhando-se cada vez mais. Não podendo atinar com a causa daquele ruido, Guaracilaba sentiu seu coração alvoraçar-se entre o pavor e a esperança, entre o receio e o prazer; mas esse estado ancioso de incerteza durou poucos momentos.

As canôas de Itajiba despontavam enfim como um bando de aves aquaticas velozmente vagando à mercê da torrente. Itajiba tinha armado grande número de seus soldados com arcabuzes tomados aos vencidos, e os adestrára no uso e manejo dessas armas; ao aproximar-se das tabas mandou de propósito fazer repetidas descargas afim de surpreender e assombrar os selvagens com aquele espetaculo inteiramente novo e estranho para êles, e assim vieram descendo as canôas ao som de salvas atroadoras, que reboavam de éco em éco pelas curvas ribanceiras com grande pasmo dos Chavantes,

que, apinhados pelas praias, respondiam com selvaticos alaridos ao ribombo dos arcabuzes.

Toda a tribu, homens e mulheres, velhos e crianças, correu alvorotada para a beira do rio; a volta vitoriosa de Itajiba com aquele aparato para êles prodigioso de detonações de armas que imitavam o trovão e vomitavam fumo e fogo, os encheu de assombro e da mais alta admiração pelo jovem chefe, que começavam a considerar como um homem superior ao resto da humanidade, como um enviado de Tupá, como bem dissera o inspirado Andiára.

O entusiasmo, respeito e admiração que excitava Itajiba, ainda mais se aumentou com a distribuição dos imensos e ricos despojos que tomára ao inimigo, e de que trazia atulhadas as canôas. Distribuiu entre os homens grande quantidade de armas de todas as qualidades, facas e punhais com ricas guarnições de prata, lanças, espadas e armas de fogo, das quais lhes ensinava o uso e o modo de servir-se delas, e mil outros objetos. A's mulheres brindava com joias, enfeites e fazendas de toda a espécie, que elas não se fartavam de admirar com vivas mostras de alegria e satisfação.

Tambem para Oriçanga reservou Itajiba preciosos e magnificos presentes, que deslumbraram as vistas do velho cacique, se bem que nem de leve fascinassem a alma afeiçoada à simplicidade e rudeza da vida selvatica. Entre outros objetos ofereceu-lhe, preso a uma cadeia de fino e puro ouro,

um lindo relógio, do qual lhe explicou a natureza e utilidade.

— Ah! murmurou o velho em tom merencório, agradeço-te o mimo precioso que me ofertas, e que dá uma alta idéia do artificioso engenho desses que foram teus senhores; mas por ventura o sol e a lua não me têm bastado até hoje para marcar no céu o tempo que vai passando? pouco que me resta viver, que me importa medí-lo?... Tupá, lá do alto do céu, conta os meus dias, e quando lhe aprouver êle os cortará... Mas já te compreendo, Itajiba; tu julgas, e com razão, que o tempo que ainda me resta passar sôbre a terra já não póde ser contado por sóes nem por luas, mas somente por essas pequeninas porções que estão marcadas neste instrumento.

— Não, respeitavel cacique, volve-lhe Itajiba; tal pensamento não me podia passar pelo espírito; inumeros sóes podem ainda surgir sôbre teus dias, e preserve-nos o céu de ver tão cedo tombar o cedro altaneiro a cuja sombra se tem abrigado e engrandecido a valorosa nação dos Chavantes. Mas eis aqui um balsamo divino, que te regenerará o sangue, e te restaurará as forças alquebradas pelo tempo. Prova dele, Oriçanga, e sentirás renascer-te o vigor e girar-te nas veias um sangue cheio de vida e calor como nos mais belos dias de tua mocidade.

Dizendo isto Itajiba apresenta ao cacique um

copo de cristal cheio de um purpuro e generoso vinho.

— E' sem dúvida delicioso, exclamou Oriçanga depois de ter tomado alguns sorvos; tal deve ser a bebida que se serve aos heróis no mundo dos espíritos, nos festins e folguedos de Ibaque! Não é um licor que me déste a beber, Itajiba, é sangue novo e juvenil que me entornaste nas veias, e que me restitue o alento e vigor dos verdes anos.

E o velho cacique, com a imaginação aquecida pelos balsamicos vapores daquele suave licor, entrevendo no futuro mil venturas e glórias para Itajiba e para sua querida Guaraciaba, sentiu um suave langor apoderar-se de seu corpo, e adormeceu entre sonhos dourados sôbre a sua enorme pele de onça.

O guerreiro vitorioso, o feliz amante de Guaraciaba, pendurou com suas mãos ao colo dela um lindo colar de ouro com uma cruz crivada de diamantes, obra primorosamente trabalhada pelos afamados ourives de Vila-Boa. Itajiba, que, a despeito dos desvarios e excessos de sua vida desordenada, conservava sempre singular aferro e veneração pela religião de seus pais, queria desde logo ir familiarizando com os objetos sagrados de seu culto o espírito daquela a quem tanto amava, e a quem esperava em breve chamar ao gremio do cristianismo. Guaraciaba não conhecia o simbolo santo de nossa religião, mas vendo que Itajiba ao en-

tregar-lhe o tinha beijado respeitosamente, imitou-o com candida ingenuidade.

Deslumbrados com os brilhantes sucessos da expedição de Itajiba, e embriagados com o esplendor dos festins que os celebravam, os Chavantes quase que se esqueciam de Inimá e de seus bravos companheiros, dos quais nem a mais leve noticia havia ainda chegado às tabas. A estrêla do jovem e infeliz cacique empalidecia visivelmente diante do astro deslumbrante de seu afortunado rival. O mundo, quer entre os sevagens, quer nas sociedades civilizadas, é sempre assim. O feliz e poderoso é sempre querido, festejado e aplaudido; mas aquele a quem a fortuna abandona, esse deve dar-se por contente quando lhe testemunham um pouco de esteril e fria compaixão.

Os triunfos de Itajiba foram celebrados com grandes e extraordinários festejos, que duraram por tres dias. As ribas do Tocantins troaram longamente ao som de músicas selvaticas, de ruidosas aclamações, de dansas guerreiras e de mil variadas folganças. Tres sóes volveram-se rápida e alegremente em continuas banquetes e regosijos.

No último dia um estrado ou palanque todo enramado de palmas de coqueiro, e enfeitado de flôres silvestres, tinha sido erigido bem junto à margem a espelhar-se nas águas do rio; nos quatro ângulos tremulavam-lhe vistosos penachos de longas e ondulantes penas de ema tingidas de variadas e brilhantes côres. A um e outro lado desse

estrado estavam estendidas duas filas de guerreiros, revestidos de suas mais luzidas armas e garridos aviamentos, com suas lanças e tacapes emplumados.

O sol já estava prestes a esconder-se atrás das serras do ocidente, quando Itajiba, acompanhado de grande número de pagés e dos principais da trbiu, passou pela frente dos guerreiros entre ruidosos e entusiasticos clamores, e dirigindo-se ao estrado subiu a êle, deixando em baixo as pessôas de sua comitiva. Então os guerreiros executaram sôbre as alvas areias da praia dansas selvat'cas imitando combates e cênas de guerra alusivas aos feitos gloriosos de Itajiba na campanha que tão brilhantemente vinha de terminar.

Por fim Andiára, o mais antigo e veneravel dos pagés, tomando um rico vaso de concha de tartaruga orlado de ouro, encheu-o da água do rio, e depois de espargir algumas gotas aos quatro ventos cardiais, murmurando palavras sagradas, entregou o vaso a Itajiba, que bebeu o resto da água nele contida. Era esta a ceremonia usada para a adoção de um estrangeiro na tribu dos Chavantes. Desde aquele momento Itajiba deixava de ser um estrangeiro para aqueles selvagens; era um irmão de mais, que para sempre associava-se ao destino dessa nação, quer na fortuna, quer na desgraça. Finda a cerimônia, Oriçanga subiu por um dos lados do estrado e Guaraciaba por outro à presença de Itajiba; aquele entregou-lhe nas mãos

um rico tacape, guarnecido de primorosos ornatos, emblema do valor; ao mesmo tempo que esta, resplandecente de amor e de beleza, lhe colocara na fronte uma corôa entretecida por suas próprias mãos de palmas e flôres silvestres, símbolo da vitória.

Uma grita imensa ecoando pelas ribanceiras, reboando largo tempo pelas selvas, acordando as féras em seus antros e os sucurís nos abismos das águas, aclamou aquela brilhante solenidade. A noite, descendo sôbre aquela grandiosa cêna, veio ainda realçá-la, dando-lhe um aspecto fantastico de selvatica majestade. Ao descer das trevas as filas dos guerreiros postadas ao longo da praia empuharam brandões acesos, cujos clarões, refletindo-se no veio tremulo das águas, repetiam a cêna de um modo deslumbrante e desenhavam os selvagens como falanges de espectros negros a brandir espadas de fogo. Enfim por entre um imenso e ruidoso prestito, ao som de estrondosas aclamações, que incessantemente o vitoriavam, Itajiba, acompanhado pelo velho cacique e sua filha, recolheu-a à taba hospitaleira de Oriçanga.

CAPÍTULO IV

A VOLTA DE INIMA

Ao tempo que este espetaculo solene e grandioso se dava diante das tabas dos Chavantes ao vivo clarão dos arcotes, e ao som atroador de mil aclamações, a um quarto de legua pelo rio abaixo uma canôa tripulada por cinco guerreiros vinha silenciosa e furtivamente singrando rio acima, rente com a barranca do mesmo lado das tabas. Pela maneira acautelada e misteriosa com que vinha se aproximando vagarosamente, procurando encostar-se o mais possivel à ribanceira e ocultar-se entre os ramos que se debruçavam sôbre a torrente, dir-se-ia que eram espiões inimigos, que a favor das trevas da noite procuravam penetrar no campo dos Chavantes. Era Inimá, que voltava com os únicos restos de sua malfadada expedição!

Inimá, chefe novel e inexperiente, posto que cheio de bravura, tinha no começo da campanha desempenhado a sua missão como herói, praticando prodigios de audácia e de valôr; mas sua temeridade e inexperiência por fim o perderam. Cor-

rendo ao encalce dos Caiapós, êle encontrou suas hordas, caiu sôbre elas como o raio, desbaratou-as em diversos recontros, levou-as de vencida diante de si, e dispresou-as, fazendo grande número de prisioneiros, que imolava mesmo no campo do combate, saqueando e queimando suas arranchações, e massacrando mulheres, velhos e crianças.

Nessas terriveis pelejas, que nada tinham de semelhante aos combates regulares dados entre tropas disciplinadas, e que eram antes lutas disputadas corpo a corpo, ou uma multidão de duelos travados a um tempo entre uma chusma de combatentes, Inimá distinguiu-se sempre pelas mais brilhantes proezas e feitos de heroismo, e derribou por suas próprias mãos bom número de valentes e terriveis lidadores.

Entre estes figurava o famoso e feroz cacique Jaguarussú, prodigio de corpulência, robustez e valentia. Sua figura colossal surgia no meio dos mais combatentes como o corpulento jequitibá por cima da coma ondulante das florestas, ou como à margem de um lago o jaburú se eleva entre as outras aves. Seu rosto medonho guarnecido de grossos botoques que lhe dilatavam horrivelmente o labio inferior e as orelhas, todo o seu corpo listrado de negro e vermelho com as tintas do genipá e do urucú davam-lhe uma aparência ainda mais hedionda que a do tigre ou da pantera, e o assemelhavam a um desses dragões ou quimeras que só existem na imaginação dos poetas, ou sô-

bre a téla dos pintores. Seu enorme tacape todo eriçado de dentes, e que sem grande esforço qualquer homem não poderia sopesar, quando caia sôbre os inimigos, era como a peroba, que desabou aos golpes do machado levando de rojo e esmagando tudo quanto encontra. Seu arco o mais vigoroso guerreiro a custo poderia encurvá-lo, e a flecha dele despedida era como o raio, escarchava troncos, e mandava longe a destruição e a morte.

Jaguaruçú comandava em pessoa os seus guerreiros, e êle só valia uma legião. Seu formidável tacape abria claros imensos nas fileiras dos Chavantes, e os derribava a eito como a foice do Africano a ceifar o rasteiro mato das capoeiras. Inimá, que combatia na outra ala e que fazia no inimigo iguais estragos, dizimando-lhe as fileiras e levando tudo de vencida com sua impetuosa bravura, viu aquele vulto formidavel, que como um baluarte por si só fazia face ao intrepido arrojo de seus soldados; uma multidão de guerreiros o assaltavam, e os golpes de tacape choviam amiudados sôbre sua fronte como a saraiva a rugir sôbre os enormes galhos do cedro secular. Mas o membrudo atleta, pondo em giro em torno de sua cabeça a enorme e truculenta clava, fazia saltar pelos ares em estilhaços os tacapes inimigos, truncava braços e pernas, fendia crânios, e abria em torno de si um largo espaço, que deixava juncado de cadáveres.

Na derribada das selvas, depois de devastado todo o mato em redor, uma multidão de machados brandidos por braços vigorosos se reunem em torno do altaneiro jequitibá, rei das florestas, e a repetidos golpes acometem-lhe o rijo tronco, que com a fronte imóvel, e sobranceira por largo tempo zomba dos esforços de seus agressores: tal estava Jaguarussú rodeado e assaltado por uma multidão de Chavantes.

Ao contemplar de longe aquele temeroso espetaculo, Inimá rugiu de colera e impaciência, e deixando aos seus o cuidado de acabar com o inimigo já por aquele lado quasi destroçado, voou direito ao logar em que Jaguarussú fazia ampla ceifa em seus guerreiros; com um grito e um gesto fez estes recuarem para longe; o combate suspendeu-se por um momento, e Inimá sózinho arrojou-se à frente do tremendo caudilho, bradando-lhe:

— A mim, Jaguarussú! há muito que cobiço esse teu crânio de tapir para nele dar de beber aos meus guerreiros no festim de minhas bodas! êle póde conter cauim para mais de vinte, e não quero que pertença a mais ninguém.

— Ah! pobre veado, que saiste do teu ninho para vir meter-te entre as garras do cangussú, ficarás por tal sorte esmagado, que nada se poderá fazer desses teus franzinos ossos.

Assim disse Jaguarussú, e firmando um pulo descarregou seu pesado tacape sôbre Inimá, certo

de que o esmagaria; mas este, esbelto e flexivel como a corça, furtou-se ligeiro ao golpe, e sem nunca atacar o seu pujante adversário, desviando-se destramente de seus furiosos botes, assentou de fatigá-lo e esgotar-lhe as fôrças para depois cair com segurança sôbre êle. Em vão Jaguarussú dava saltos de onça e vibrava aqui e acolá vigorosos botes; Inimá, veloz como o sagui, parecia sumir-se debaixo de seus pés, e surdindo ora aqui ora ali com rápidos movimentos como que se multiplicava em torno do membrudo colosso. Furioso o truculento caudilho com os inúteis esforços que fazia contra um inimigo que a princípio tão desprezivel lhe parecera, e fatigado de vibrar em vão tantos e tão vigorosos golpes, arquejava espumante e banhado em suor, e já mais pesado em seus movimentos sentia desfalecer-lhe o pulso.

Inimá não esperou por mais tempo; no momento em que Jaguarussú, sopesando com ambas as mãos o seu terrivel tacape, desfechava sôbre seu adversário um golpe desesperado, com que contava esmagá-lo, Inimá recua de um pulo, com outro pulo avança, e como quem escala uma muralha salta sôbre o tacape abatido do inimigo, e crava-lhe o gume de sua machadinha de pedra no meio do crânio, e o fende em dois. O formidável caudilho tomba, soltando um bramido de dôr e desespero, como o cedro altaneiro que, arrancado pelo furacão, desaba rugindo pelos grotões dos montes. Um imenso alarido de alegria partiu das

fileiras dos Chavantes, aplaudindo aquela façanha suficiente por si só para encher de glória o nome de um guerreiro. Os Caiapós espavoridos, vendo morto o chefe que reputavam invencivel, puzeram-se em fuga precipitada.

Animado por esses primeiros e brilhante sucessos, Inimá jámais recuou nem fez alto em parte alguma; em sua imprevidente sofreguidão foi avançando pelo território ocupado pelos inimigos, e entranhando-se imprudentemente por paises cada vez mais remotos e desconhecidos, onde, rodeado de hordas inimigas e sem poder contar com auxilio algum, impossivel lhe seria manter-se por muito tempo victoriosa. Entretanto sua falange diminuia-se consideravelmente todos os dias, quer por combates, quer por enfermidades e outros contratempos, ao passo que o inimigo lhe surgia por todos os lados cada vez mais audaz e numeroso.

Se tivesse sabido parar a propósito e regressar, como fizera Itajiba, sua empreza teria sido coroada do mais glorioso sucesso, e bem embaraçados se veriam os anciãos da tribu no momento de decidir a qual dos dois heróis devia ser deferido o galardão da superioridade. Batido emfim, depois de heróicos esforços, por forças dez vezes superiores, Inimá viu-se obrigado a retirar-se precipitadamente com os destroços de sua gente, e sempre vivamente perseguido pelo inimigo pôde enfim ganhar as margens do grande rio, onde salvou-se em uma canôa que encontrou desgarrada,

unicamente com os quatro companheiros com que o vimos aportar misteriosamente junto às tabas. Apezar de tão desastroso revez, Inimá não desesperava ainda do seu futuro.

— Quem sabe, pensava êle, se Itajiba não teria tido a mesma ou peor sorte que a minha? e no caso mesmo que vencedor ou vencido êle ainda não tenha voltado às tabas, pedirei novas forças, e já conhecedor das manhas do inimigo e do terreno em que habita, tomarei sôbre êle tão cabal desforra, que farei esquecer, para sempre este primeiro revez.

Assim pensava Inimá e assim o teria executado; mas o dado já estava lançado, e êle tinha irrevogavelmente perdido a parada. Ao aproximar-se das tabas dos seus, o clarão dos fogos no horizonte, os gritos e festivais aclamações que ouvia ao longe, vieram anunciar-lhe que toda a esperança estava perdida para êle.

Quanto mais se aproximava, mais se convencia da realidade de seu infortunio; emfim o esplendido espetaculo da ovação de Itajiba, que Inimá furtivamente presenciou de sua canôa escondida entre as moitas da ribanceira, foi como uma punhalada, que o fez soltar um rugido de raiva e desesperação. Por um momento esteve a lançar-se ao rio e beber a morte em suas águas, ou a arrojar o peito contra uma flecha; mas lembrou-lhe a vingança, único prazer que lhe restava, última consideração que ainda o prendia à vida, e susteve-se.

— Já que Tupá, exclama êle enfurecido, obstinadamente me persegue, e me acabrunha ao peso de amarguras e infortunios, sem que eu nada tenha feito para merecê-lo, eu te invoco, ó Anhangá, e de hoje em diante ponho em tuas mãos o meu destino, ó manitó do mal! inspira-me e guia meus passos pelas veredas tortuosas e sangrentas da vingança. Guerreiro, continua dirigindo-se a um dos companheiros, desembarca e vai ver o que se passa e o que se diz nas tabas de nossos pais, e volta imediatamente a dar-me fiel conta de tudo que vires e ouvires.

O guerreiro obedeceu prontamente, saltou em terra, subiu ao longo da margem até ao arraial dos Chavantes, envolveu-se nos turbas, entrou nas tabas, dansou com os outros em torno das fogueiras, sem que ninguém no meio daquele bulicio e alvoroço festival se apercebesse que era um companheiro que voltava de paises remotos, e aparecia entre êles depois de uma longa ausência. Depois de demorar-se o tempo que julgou necessário para se informar e ficar ciente de tudo, voltou à canôa e disse a Inimá que não vira por toda a parte senão festas e regosijos, não ouvira senão aplausos e elogios a Itajiba; que todos a uma voz diziam que jamais Inimá poderia igualar os feitos gloriosos de Itajiba, e que embora voltasse aquele vitorioso, dentro em oito dias este seria aclamado sucessor do ilustre Oriçanga e seria o feliz esposo da meiga e gentil Guaraciaba.

— Nunca o será, bradou enfurecido o jovem cacique, batendo vigorosamente com o pesado tacape no fundo da canôa, que reboou dando um lugubre gemido como o ronco de um sucurí das profundezas das águas. Nunca o será, enquanto estas mãos empunharem este arco e este tacape. Nunca o será; por Anhangá o juro!

O infeliz Inimá, posto que ilustrasse seu nome por gloriosas façanhas e atos de heroismo, não quis apresentar-se entre os seus coberto com a ignomínia de uma completa derrota, e era por demais orgulhoso para curvar-se ante a fortuna brilhante de seu feliz rival, cuja vista não poderia suportar. Na mesma canôa êle e seus quatro companheiros se retiraram silenciosamente pelo rio abaixo, sempre procurando ocultar-se por entre as ramas da ribanceira até se sumirem nas sinuosidades do rio. Retirou-se para o seio das florestas e ocultar seu afrontoso destino e seu profundo desespero, e a meditar projetos de vingança contra Itajiba, o perfido estrangeiro que com seus artificios e embustes desmoronou todo o seu futuro, e o precipitou naquele abismo de oprobrio e de amargura; contra a fementida Guaraciaba, que sem pudor despedaçou laços sagrados urdidos desde a infância; contra Oriçanga, que deslealmente quebrou as mais solenes promessas; contra a tribu inteira enfim, que o pospunha a um estrangeiro desconhecido, só porque um pouco de fortuna o bafejava.

Retirado nas brenhas mais profundas Inimá revolvia na mente mil planos de vingança, cada qual mais feroz e sanguinário, até que enfim fixou-se em um, que lhe pareceu o mais atroz e o mais seguro ao mesmo tempo.

— Anhangá por fim me inspira, exclamou lançando para traz os longos cabelos, como o leão que sacode a juba antes de arrojar-se à presa; morrerei nas garras da aflição e do desespero; mas êles... êles também não gozarão de sua felicidade.

E um sorriso de satanica alegria lhe dilatou os lábios tremulos de desespero e iluminou-lhe o rosto como o lampejo de uma lâmpada sepulcral. Antes que chegasse o dia da execução de seus ferozes designios, mandava todas as noites um de seus companheiros indagar furtivamente tudo o que se passava nas tabas, e urdia nas trevas a horrivel cilada em que pretendia colher as vítimas de seu odio.

CAPÍTULO V

FESTAS TRIUNFAIS

Enquanto Inimá, no fundo das brenhas, com o coração a transbordar de ódio, só meditava a ruina de seu rival, este nas tábas era o primeiro que se lembrava de Inimá e seus companheiros, e propunha que se expedissem imediatamente alguns guerreiros a saber notícias suas, e que se lhe enviassem prontos socorros, pois que sua demora já era para inspirar sérios receios.

— Tens razão, diz Oriçanga, mas o que queres? os teus triunfos por tal sorte nos têm obsorvido a atenção, que iamos deixando em esquecimento Inimá e os seus guerreiros; entretanto já é tempo de pensarmos nisso, e cumpre quanto antes saber o que é feito deles.

Na aurora seguinte, ao primeiro albor do dia, cem guerreiros escolhidos deviam partir a marchas aceleradas em demanda de Inimá a reforçar a sua falange. Mas ao cair da noite chegou ao arraial dos Chavantes e foi levado à presença de

Oriçanga um dos guerreiros daquela expedição, portador das mais infaustas noticias; narrou por miudo os brilhantes sucessos com que fôra aberta aquela campanha, e o desastroso desfecho que teve; todos os guerreiros da expedição de Inimá, dizia êle, tinham sido mortos nos combates, ou feitos prisioneiros, ou se tinham transviado e perdido pelos desertos, e não sabia que tivesse escapado mais alguem que não fosse êle, a quem o destino poupára para encarregá-lo da triste missão de trazer aquela desastrosa notícia.

— Oprobrio inaudito! exclamou o velho cacique cheio de dolorosa indignação; vergonha única na vida desta valente e invicta nação! Mas em breve saberão esses cobardes, que se venceram Inimá e seus guerreiros, ainda não venceram a nação dos Chavantes. Itajiba, continua voltando-se para este, como estás ouvindo, o céu acaba de quebrar o último tropeço que existia para o complemento de tua felicidade; mas ah! desgraçadamente esse fatal acontecimento, que vem aplainar-te os caminhos do futuro, é um desastre e um oprobrio para nós todos!

— Bem o lastimo, veneravel cacique, responde-lhe Itajiba, e não serei eu que me regozije com os revezes da nação que escolhi, e a que jurei fidelidade; o mau sucesso da empreza de Inimá, como para provar ainda uma vez que não há no mundo prazeres perfeitos, vem amargurar a taça de minha felicidade. Mas, Oriçanga, eu aqui estou vivo

ainda e pronto a sacrificar-me para lavar essa afronta da nação, e não me julgarei digno da posse da formosa Guaraciaba enquanto não tiver vingado o desastre de Inimá, e infligido a esses barbaros vizinhos o castigo que merecem.

— Não, replica-lhe Oriçanga, não posso por esta vez condescender com os generosos impulsos de teu nobre coração. Antes de partires, tres sóes serão consagrados às festas de tua união com a formosa Guaraciaba; já tens feito de sobejo para merecê-la; e nem mais precioso galardão podia eu ofertar-te em premio de teus gloriosos serviços e façanhas de guerra; e com ela fôrça é que eu te abandone também desde já o peso do governo e comando da nação, excessivo para meus ombros enfraquecidos pela idade. Terás ainda oito sóes para descansares das tuas gloriosas fadigas à sombra da taba nos braços da tua gentil Guaraciaba. Passados êles, escolherás os melhores de nossos guerreiros no número que julgares suficiente, e partirás a vingar a afronta dos nossos. O sangue de tantos e tão esforçados guerreiros, que Inimá imprudentemente sacrificou, pede pronta e cabal vingança.

— Eu saberei tomá-la, respondeu Itajiba.

Já não era só o amor de Guaraciaba o alvo único das aspirações de Itajiba, nem tão pouco as solenes promessas pelas quais se ligára à nação dos Chavantes, o único motivo que o dirigia em suas ações. Considerações de outra ordem também

contribuiam para retê-lo entre os selvagens, e o faziam procurar firmar cada vez mais a sua influência e prestigio entre êles. Na alma ardente e aventurosa do bandido de Goiáz despontavam já vistas ambiciosas e cálculos de elevação pessoal. Acoroçoado pelo brilhante sucesso de suas emprezas, o feliz amante, o vitorioso cabo de guerra afagava já em seu espírito projetos de dominação e de poder, e delineava nos campos do futuro com largos e atrevidos traços os vastos planos de seu engrandecimento. Uma vez dominador da nação dos Chavantes não lhe seria dificil submeter também pela fôrça das armas, ou mesmo por meios pacificos e brandos, as outras tribus vizinhas das margens do Tocantins. Ele lhes ensinára algumas das artes e ofícios mais indispensáveis, os induziria por meios persuasivos a cultivar a terra, para o que procuraria provê-los dos instrumentos próprios, a se aplicar à criação de gado, a construir habitações estaveis e mais sólidas, e enfim pouco a pouco os faria ir abandonando os grosseiros e ferozes hábitos da vida nomade e selvatica pelos costumes e usanças dos povos civilizados. Tornado assim o chefe supremo de uma imensa população ativa, industriosa e guerreira, êle se tornaria temivel aos fracos governos de Goiáz, poderia tratar com êles como de potência a potência, e lhes imporia as condições. Com essa espécie de catequese e organização das tribus indigenas, não só êle adquiriria grande poder e prestigio naquelas

paragens, como também prestaria ao Estado um eminente serviço, do qual êle reservaria para si o direito de marcar o preço e a remuneração.

Proporia submeter ao Estado todas essas tribus assim disciplinadas, contanto que os indigenas fossem considerados como outros tantos cidadãos e lhes fossem considerados como outros tantos cidadãos e lhes fossem garantidos os direitos sociais. Outrossim lhe seria outorgado o governo e a direção daquelas tribus, enquanto vivo fosse, com o título e jurisdição de capitão-mór, que seria transmitido a seus descendentes por morgadio.

No caso de recusa protestava continuar à testa dos mesmos índios sua vida aventureira, fazendo guerrilhas e devastadoras correrias por toda a capitania. Assim o terrivel e turbulento valentão de Vila-Boa, depois de se ter tornado formidavel caudilho das hordas selvagens do Tocantins, aspirava agora a trocar o arco e o cocar de caciques pela farda vermelha de capitão-mór. Mas o céu lhe reservava outros destinos, senão tão brilhantes, ao menos mais santos e sublimes.

Chegou enfim o dia em que deviam começar os grandes festejos pela união de Itajiba e Guaraciaba. Tão feliz e tão brilhante união, tão ruidosos e magnificos regozijos jámais tinham presenciado aquelas florestas. O feliz aventureiro ia tocar ao fastigio da ventura e da prosperidade. O amor lhe sorria nos lábios e nos olhos da ingenua e formosa virgem, que como um anjo tutelar lhe aparecêra

nos caminhos da vida para arrebatá-lo a uma morte cruel e inevitável, e depois levá-lo pela mão por entre risonhas e floridas veredas ao cume da felicidade e do amor. O respeito e veneração dos Chavantes por toda a parte o rodeavam, e tocavam quasi ao fanatismo; via sua influência e predominio firmar-se entre êles sem receiar mais rival algum que ousasse contrastá-lo. Suas brilhantes proezas, repetidas de boca em boca, ecoavam como um hino triunfal, e a glória dava-lhe a respirar os seus perfumes inebriantes.

Desde o romper da alva o arraial dos Chavantes começou a arrear-se de atavios de festa e a resoar com rumores prazenteiros. Bandos alegres de homens e mulheres, ataviados com seus mais garridos enfeites, percorriam as brancas areias da praia cantando e tangendo seus rudes instrumentos; outros em canôas cobertas com toldas de ramos e flôres sulcavam as águas do rio em todas as direções, acordando os ecos das sombrias ribanceiras com alegres vozerias ou com estrondo de descargas dos mosquetes, que Itajiba lhes tinha dado; alí um bando de guerreiros, revestidos de vistosas armaduras, executavam exercícios guerreiros simulando combates e cênas de guerra; além grupos de homens e mulheres sentados à sombra de algum copado arvoredo banqueteavam-se alegremente, inebriando-se de cauim.

Tudo era festa, regosijo, movimento e ruido, e essas demonstrações eram filhas de um sincero

prazer e verdadeiro entusiasmo da parte dos Chavantes, a quem Itajiba por seus atos de heroismo e pela nobreza e generosidade de sua alma, soubera inspirar ao mesmo tempo afeição, respeito e fanatica admiração.

A' noite o espetaculo variava inteiramente de natureza e de aspecto. Os troncos das florestas forneciam a descomunal iluminação desses selvaticos festejos: empilhados uns sôbre outros de espaço em espaço em fogueiras colossais ao longo da praia ardiam estrepitosos, e como crateras em erupção arrojavam às nuvens borbotões de fumo e miríades de fagulhas chamejantes. Ao vermelho clarão das fogueiras o rio fulgurava como larga torrente de lavas abraseadas, e por entre elas via-se cruzando a todos os instantes e em todas as direções uma turba imensa em alegre e festival celeuma, e divisavam-se como espetros as figuras bronzeadas dos guerreiros agitando os cocares ondulantes, e com bizarros esgares e compassados saltos executando dansas selvaticas e figurando combates e pelejas. Um espectador estranho, que ali se achasse, julgaria presenciar uma orgia de espectros.

Na tarde do terceiro dia, em uma vasta sala da taba do velho cacique, em presença dos pagés e dos principais da tribu, Oriçanga entregou sua filha, a meiga e formosa Guaraciaba, ao valente e generoso Itajiba, com as singelas e breves cerimonias entre êles usadas para esses atos, e declarou

outrossim que em razão de sua avançada idade transferia a Itajiba desde aquele momento o governo e comando da tribu. A multidão, que ávida e curiosa se tinha aglomerado em torno da taba do cacique, prorompeu em entusiasticas e ruidosas aclamações, e os festins se prolongaram pela noite adiante ainda mais estrondosos e animados.

CAPÍTULO VI

INSIDIAS

Inimá, embrenhado com seus companheiros nas matas vizinhas, escutava ao longe com desespero na alma aqueles festivos e entusiasticos rumores aclamando e vitoriando seu poderoso e feliz rival. Doze sóes havia que o desditoso cacique, homisiado nos covis das féras, tragava na solidão o fél peçonhento do ciume, aguardando com impaciência a hora da vingança.

Entre os companheiros de Inimá, que com êle se tinham salvado da desastrosa derrota de sua expedição, havia um irmão de Guaraciaba, que sua mãe, a gentil e graciosa Nahumá, tinha tido do esbelto e robusto Andircba antes que Oriçanga a recebesse como esposa em sua taba. Anhambira este o seu nome, era um jovem guerreiro igual em idade a Inimá e mui semelhante a êle, quer nas feições do rosto, quer na estatura e na galhardia do porte; desde a infância ligaram-se um ao outro pelos laços da mais estreita amizade; eram sempre

companheiros inseparáveis em todos os jogos e em todos os trabalhos e emprezas, e ao vê-los assim tão semelhantes um ao outro julgar-se-ia serem dois irmãos gemeos. Anhambira seguira a seu amigo nessa expedição, que teve tão deploravel resultado, e já Guaraciaba tinha vertido amargo pranto sôbre a sorte de seu irmão, julgando-o morto ou perdido como o resto de sus companheiros. Os outros guerreiros, que com Inimá se achavam na floresta, eram também amigos dedicados, fieis a seu chefe até a última extremidade, e prontos a executar pontualmente as suas ordens, quaisquer que elas fossem.

Anhambira, posto que como amigo de Inimá fosse infenso a Itajiba, amava muito a sua irmã, e logo em sua chegada tinha pedido a seu chefe e amigo que o deixasse ir às tabas vê-la e abraçá-la; mas Inimá geitosamente se opoz a isto, e o dissuadiu fazendo-lhe ver que Itajiba era cruel e suspeitoso, e que seu aparecimento nas tabas poderia ser funesto; dizia demais a seu amigo que não poderia passar um instante sem a sua companhia, que era o único alivio e conforto que ainda lhe restava na horrivel solidão em que se achava; que no dia do noivado poderia êle ir ver sua irmã e lhe ficava livre voltar ou não para sua companhia. Anhambira, que tinha coração leal e singelo, e não querendo contrariar o seu amigo em ocasião tão penivel e cruel, acreditou em suas palavras e esperou.

De feito, como chegasse o terceiro dia das fes-

tas nupciais, ao pôr do sol Inimá disse ao seu amigo:

— Anhambira, eis aí chegado o dia em que Itajiba vai ver coroados todos os seus desejos, recebendo por companheira tua formosa irmã, e em que eu, amaldiçoado pelos céus e repelido pelos homens, irei longe daqui pôr termo a esta odiosa existência. Vai, meu amigo, vai ver e abraçar tua bela e feliz irmã e esse teu novo irmão que não conheces. Possas tu viver junto deles vida longa e feliz, e no te esquecer jámais do teu infortunado amigo, que, ralado de amarguras, abandonado pelo céu e pelos homens, só poderá encontrar repouso no seio da morte. Vai, Anhambira, e recebe o meu último e doloroso adeus!

Anhambira respondeu-lhe chorando:

— Quão mal me conheces tu, Inimá, a mim, que sempre te amei e te acompanhei em todos os transes da vida! como acreditas que eu possa abandonar-te hoje, quando mais precisas de um amigo leal e dedicado que te alente e console no infortunio em que jazes?... irei somente ver minha irmã e dizer-lhe o último adeus, pois não poderei viver em companhia desse estrangeiro teu rival e teu algoz, e voltarei a teu lado para acompanhar-te sempre e a toda parte que fôres. Adeus, que breve estarei de novo contigo.

Nobre e leal mancebo! mal sabia êle que horriveis e sinistros pensamentos volvia em sua mente obsecada pelo odio aquele a quem votava tão sin-

cera e extremosa amizade! Anhambira saiu acompanhado de outro guerreiro, que Inimá mandára acompanhá-lo; depois de terem atravessado grande extensão de mata, chegaram às tabas, e costeando o rio passaram pelas fogueiras através de uma imensa multidão, que se entregava com entusiasmo a toda espécie de divertimentos, até que chegaram a uma pequena taba retirada a pouca distância da de Oriçanga, meio escondida entre moitas de coqueiros e outros arvoredos, e onde não chegava senão mui frouxamente o clarão e o ruido das festas.

— Espera aqui, diz o companheiro de Anhambira ao entrarem na taba; eu vou chamar Guaraciaba, e dentro em um momento ela aqui estará contigo.

— Como! volve-lhe Anhambira com surpreza, por que razão não poderei eu mesmo ir lá vê-la?

— Tu não vês, replica-lhe o guerreiro, que o teu aparecimento inesperado na taba do cacique iria excitar as suspeitas do desconfiado e sombrio Itajiba, que não te conhece e te tomaria pelo próprio Inimá? Amanhã poderás, se quizeres, pendurar tranquilamente a tua rêde na taba de tua irmã, e passar teus dias ao lado dela; mas por hoje é preciso cautela ainda.

Anhambira, com a ingenuidade de uma alma pura, acreditou, e assentado em um leito de peles esperou, refletindo consigo:

— Melhor é mesmo esperá-la aqui; não serei

obrigado a ver esse homem orgulhoso e fatal, que é a causa da ruina do meu amigo.

Em um espaçoso salão da taba de Oriçanga, ornado com todo o luxo de que os selvagens podem lançar mão, achava-se reunido o que se poderia chamar a côrte do velho cacique. Em um ângulo da sala Guaraciaba, cheia de emoção, que dá a felicidade, recostada em uma fina rêde ricamente entretecida de lindas e mimosas penas, como uma rolinha deitada em ninho de flores, mal tomava parte nos brinquedos e conversas das companheiras, que a rodeavam. Estas, assentadas a seus pés sôbre macias peles ou esteiras delicadamente tecidas, brincavam e garrulavam como um bando de andorinhas em manhã de primavera. Um guerreiro simplesmente ataviado, como quem viera dos combates, e não de festas e regosijos, se aproxima respeitosamente dela, e diz-lhe:

— Guaraciaba, raio de luz, flôr de beleza, esposa feliz do poderoso e invencivel Itajiba, venho anunciar-te que teu irmão Anhambira é vivo, e se o quizeres, poderás vê-lo neste momento.

A estas palavras Guaraciaba salta alvoroçada fóra da rêde, como o filho da ema que acode pressuroso ao grito da mãe que o chama com o alimento no bico.

— Que dizes, guerreiro? exclama ela; é vivo Anhambira?... quero vê-lo e já. Neste feliz dia o céu como que porfia em colmar-me de todas as venturas!

— Sim, Guaraciaba, teu irmão é vivo, está entre nós, e te espera não longe daqui; por milagre escapámos eu e êle ao furor dos inimigos; se desejas vê-lo já, acompanha-me.

— E porque não vem êle mesmo aqui apresentar-se?

— Porque, sendo amigo íntimo de Inimá, não quer aparecer diante de Itajiba, e deseja falar contigo a sós; por isso me enviou para fazer-te este pedido.

— Pois irei eu mesma vê-lo, visto não estar longe, e o trarei para a taba de meu pai, onde será sempre bem vindo.

E Guaraciaba deixou suas companheiras, às quais disse voltava naquele momento, e acompanhou pressurosa ao guerreiro, que a guiou à cabana isolada em que se achava Anhambira.

Poucos momentos depois outro guerreiro de igual aparência aproxima-se com ar misterioso de Itajiba, que na outra extremidade da sala recebia as homenagens e felicitações dos que o rodeavam, e diz-lhe em voz baixa:

— Itajiba, queres saber quanto é fiel a esposa que possues?

Sobressaltado com tão extraordinária pergunta, Itajiba responde:

— Estás louco, guerreiro! a que proposito vem a tua pergunta? quem melhor do que eu conhece a meiga e fiel Guaraciaba?

— Ah! Itajiba, não a conheces, não.

— Insolente! diz Itajiba impaciente; não fôra hoje um dia de regosijo para todos e de venturas para mim, eu fizera punir teu indiscreto arrojo.

— Itajiba, volve-lhe o guerreiro sem abalar-se e abaixando ainda mais a voz, olha que Inimá é vivo e acha-se entre nós; se queres saber mais, acompanha-me por alguns momentos.

Itajiba, atonito e sem compreender bem o sentido das estranhas e intempestivas palavras do guerreiro, reflete e hesita um momento; olha para o ângulo da sala em que se achava Guaraciaba, e não a vê mais alí; estremece; um pensamento sinistro lhe atravessa de súbito o espírito, e no mesmo instante se esvaece como um relâmpago; seria um crime conceber suspeitas por mais leves que fossem, em qualquer tempo, quanto mais naquela noite, contra a mais pura e a mais adorável das virgens da floresta. Mas as palavras do guerreiro eram ambiguas; a curiosidade tão natural em tais circunstâncias agita o espirito de Itajiba, que entendeu que nada perderia em decifrar aquele mistério. Portanto, lançando mão de um arco e flechas diz ao guerreiro: vamos, e acompanhou-o de perto. Alguns dos circunstantes, observando aquela cêna, de que nada cmpreendiam, e que tinha um não sei que de inquietadora e sinistra, os acompanharam também a curta distância. Guiado pelo índio, Itajiba chega à taba encoberta entre arvoredos, na qual Guaraciaba e Anhambira se abra-

çavam ternamente na suave efusão do amor fraterno.

Chegado à porta, o guia brande um facho que trazia nas mãos, e que imediatamente lança um vivo clarão no interior da taba, e apontando para dentro murmura ao ouvido de Itajiba:

— Olha! não os conheces? Guaraciaba e Inimá!

E Itajiba vê distintamente Guaraciaba com os braços enlaçados ao colo de um jovem guerreiro, que no semblante e beleza do porte parecia perfeitamnte a figura de Inimá!

— Infames! rugiu, e imediatamente estica o arco, vocu zumbindo o tiro, e os dois miseros irmãos, varados no peito por uma só flecha, rolaram no chão sem vida.

Instantaneamente outros fachos se acendem, e vêm alumiar com luz sinistra aquele medonho e miserando quadro. Ainda abraçados os dois infortunados irmãos se esterciam no chão nas últimas convulsões da agonia. Alguns vultos entram de tropel na taba, gritando todos a um tempo; o grupo se condensa, reina a maior agitação e forma-se um tumulto infernal, que vai crescendo e se propagando de momento a momento. Em poucos instantes toda a tribu dos Chavantes se achava apinhada em volta daquele sitio fatal, bramindo furiosos como um bando de javardos em torno de caçador imprudente que entre êles se envolveu. No meio de todo aquele tumulto e confusos alaridos o desgraçado Itajiba enfim pôde compreender

que de um só golpe tinha matado Guaraciaba e seu irmão Anhambira, que êle não conhecia, mas de quem ela muitas vezes lhe falára com ternura. Que palavras poderiam exprimir sua desesperação neste transe cruel? Cego, desatinado e louco, abre caminho com os robustos braços através da multidão, que se apinhava em torno dos dois cadáveres; quer arrancar a seta que os traspassou, e com ela mesma varando o próprio coração misturar seu sangue ao de suas inocentes e infortunadas vítimas; repelido, porém, pela turba, atira-se à toa como um possesso pelo primeiro caminho que se lhe oferece, sem destino e sem consciência do que faz.

Como um condenado escapado ao suplicio, a boca entreaberta e arquejante, os olhos desvairados, os passos precipitados e vacilantes, passa como um espectro por entre as turbas atonitas: já está longe das tabas, mas caminha ainda, até que esbarra com o leito do rio, que diante dele desdobra seu esteiro límpido e profundo; mas nem isso o detem em sua desatinada carreira, e vai como um ébrio em delirio arrojar-se na torrente.

— Quem vai lá? brada de um lado uma voz aspera e breve.

Itajiba parou sobressaltado, e olha para o lado donde partira a voz; uma canôa estava amarrada à margem, e sentado à pôpa acha-se um vulto de porte altivo.

— Ainda há pouco, responde Itajiba, eu era

Itajiba, o valente e glorioso chefe dos Chavantes; agora sou Gonçalo, o foragido!

— Itajiba ou Gonçalo, como quer que te chames, não vás procurar a morte nas águas desse rio, que te repelirá de seu seio. Tens estreitas contas a ajustar comigo; tua vida me pertence.

— E tu quem és, que assim ousas falar-me?

— Pois já não conheces Inimá?

— Inimá!

— Sim, Inimá, esse que cuidaste atravessar com tua flecha nos braços de Guaraciaba, mas que ainda aqui te espera para ultimar sua vingança.

— Cobarde! ah! quanto folgo de encontrar-te aqui! bem vejo que foste tu que urdiste o trama infernal que me perdeu...

— Pois pensavas acaso que eu de bom grado consentiria que tu, vil forasteiro, lograsse tranquilamente a ventura que o céu me tinha destinado, nos braços daquela que desde a infância amei? Nunca te dei direito de fazer de mim conceito tão mesquinho.

— Nem eu tão pouco consentirei que sobrevivas mais um instante à tua atroz perfidia...

Dizendo isto, Itajiba furioso ia-se precipitar sôre Inimá; este, porém, com voz calma e frime o atalha:

— Acalma-te, Itajiba: estamos a sós, e sobra-nos o tempo. Entra nesta canôa, e vamos sós e bem longe daqui, seja onde fôr, tendo unicamente por

testemunhas o céu, as florestas e este rio, decidir o nosso pleito.

— Onde e como quizeres, contanto que esta noite mesmo decidamos a nossa sorte, diz Gonçalo com impaciência, e salta na canôa, que logo após vai vogando serena pelo Tocantins abaixo.

A noite já ia alta, sem luar, mas limpida e estrelada. Nenhum vento agitava o tope escuro dos arvoredos, que imóveis e silenciosos se miravam no espelho das águas ao longo de uma e outra margem, e o largo veio do rio serpeando majestoso e placido por entre as selvas refletia no profundo regaço os mil fulgores do firmamento como vasta charpa azul matizada de luzentes pedrarias. Com o profundo silêncio e a paz solene e inalterável daquelas solidões formavam vivo contraste as crueis e violentas tempestades que agitavam a alma dos dois miserandos rivais. Sombrios e taciturnos, sentados em face um do outro, Inimá à pôpa e Itajiba à prôa, abandonaram à mercê da torrente a canôa, que por largo tempo foi boiando sem remos serena e silenciosamente até sumir-se a grande distância das habitações dos índios. Ambos tinham tocado ao supremo grau do infortunio; para ambos a existência se tinha tornado um flagelo contínuo, um tormento insuportavel, e só viviam de odio e desesperação. A ambos torturava igual ânsia de ao mesmo tempo esmagar o seu rival ou expirar a seus golpes: quereriam morrer estrafegando-se mutuamente em um abraço de panteras.

Já largo tempo tinham vogado quedos e taciturnos à mercê das águas, quando Inimá rompe o silêncio.

— Itajiba, a noite avança e se o sol ainda nos encontrar a ambos vivos sôbre a terra e em face um do outro, de pejo e horror póde voltar-nos o rosto e recuar a esconder-se de novo no seio do oriente. Cumpre que um de nós não veja mais a face do sol.

— Eu me coloquei à tua disposição, volve-lhe Itajiba levantando-se e empunhando as suas armas. Onde queres combater? Aqui mesmo dentro desta canôa, ou em terra?

— Onde quizeres.

— Pois bem; seja aqui mesmo: esta noite deve ser eterna para nós ambos. Inimá, tu me odeias, e tens razão, porque com minhas mãos arranquei sem piedade pela raiz todo esse teu futuro de glória e de amor com que desde a infância te embalavas. Eu te odeio, Inimá, e também com razão, porque de um só golpe vibrado nas trevas me precipitaste do fastigio do poder e da felicidade no abismo do oprobio e da desesperação. A existência deve ser para nós ambos um odioso peso, devemos um ao outro nosso sangue: facil e suave nos é agora pagar essa divida sagrada. Combatamos, pois, aqui mesmo; porém de tal sorte, que nenhum de nós escape.

— Mas isso, Itajiba, não será talvez possivel: de que modo o conseguiremos?

— Nada mais simples. Tu embeberás no teu arco a tua melhor flecha, e eu farei o mesmo; curvá-lo-ás com vigor e apontarás ao meu coração, eu farei outro tanto e apontarei ao teu; darei com o pé dois sinais; ao terceiro dispararemos a um tempo. Por este modo será impossivel que ambos não sucumbamos, e eu morrerei satisfeito por ter-te arrancado a vida, e te perdoarei a morte que me dás pela vida odiosa de que me livras.

— Bem que eu quizera antes de expirar morder-te a carne e beber o sangue, aceito, Itajiba, aceito o combate tal qual propões.

Gonçalo propuzera aquele estranho gênero de duelo, porque, ansioso de pôr têrmo a uma existência que se lhe tornaria insuportavel daquele dia em diante, receiava que, como sempre lhe tinha sucedido, ainda desta vez a sorte o favorecesse dando-lhe uma completa vitória e prolongando-lhe uma vida que detestava.

Devia ser pavoroso de ver-se aquele estranho combate travado sôbre as águas a horas mortas da noite em meio das solidões, tendo por arena uma estreita canôa, e por testemunhas as estrelas, que lhes prestavam escassa luz, e o rio, que lhes devia servir de sepultura. Quem por acaso visse da margem aqueles dois vultos sinistros a vinte passos apenas um do outro em temerosa atitude, com os membros esticados a encurvarem com furor o arco preste a disparar, e projetando sombras colossais sôbre o esteiro limpido das ondas, recuaria de

horror cuidando ter visto os espectros da noite a combaterem por cima das águas.

Antes de pôr-se em atitude de combate, Gonçalo, que nos transes ariscados de sua vida nunca se esquecia de sua celeste protetora, beijou com fervorosa devoção a imagem da Santa Virgem, e disposto a morrer encomendou sua alma a Deus. Desta vez, porém, não se lembrou de tocar no talisman do conturão, ou de propósito não o quis fazer, pois que devéras desejava morrer.

Itajiba bateu o pé no fundo da canôa o primeiro sinal; daí a um instante o segundo; ao terceiro as flechas voaram dos arcos a um tempo e cruzaram-se nos ares. Inimá, varado no coração, depois de cambalear um instante caiu de cabeça para baixo como enorme suruí escapado à rêde do pescador, e a líquida sepultura, que o devorou para sempre, fechou-se de novo sôbre seu cadaver, remoinhando com lugubre rumorejo. Gonçalo, porém, vacilou apenas, e conservou-se em pé. Acaso Inimá em tão curta distância teria errado o ponto? ou algum poder sobrenatural e misterioso lhe teria turbado a vista e desviado a seta? Nada disso era crivel, e nada disso acontecera. A flecha bem despedida do arco de Inimá voou certeira ao peito esquerdo de Itajiba, mas caiu-lhe aos pés sem penetrar!

Mas como poderia isto acontecer a não ser por um milagre? perguntar-se-á. Milagre ou não, nesse fato teve Gonçalo a mais evidente prova da

valiosa proteção da Santa Virgem, por quem sempre tivera a mais viva e fervorosa devoção. A flecha do selvagem encontrou no peito de Gonçalo a grossa medalha de ouro, em que estava esculpida a imagem da milagrosa Santa, e caiu embotada a seus pés. Amparado por aquele escudo celestial o seu corpo nem de leve foi tocado, e sua alma foi salva dos caminhos da perdição.

Será um acaso? ninguém o dirá; foi manifesta proteção do céu, que queria converter um facinora em instrumento da divina misericordia para alivio dos males da humanidade.

POUSO QUARTO

O ERMITÃO

CAPÍTULO I

OS ROMEIROS

Já vinte anos eram passados depois que tinham tido lugar em Vila-Boa os deploráveis acontecimentos que ficaram referidos no começo desta narração. O nome de Gonçalo, que todo o mundo julgava morto, já quasi completamente esquecido, apenas exsitia na memória de alguns velhos, como uma tradição dos tempos passados, que êles se apraziam em referir aos rapazes para lhes servir de exemplo e escarmento dos maus costumes. E' verdade que corria como certo entre os habitantes de Goiáz que o comandante dos índios selvagens, que havia anos tinham assolado o norte da capitania levando o terror e a devastação até as imediações de Vila-Bôa, era um branco, que em razão de seus crimes se tinha refugiado entre êles para subtrair-se às perseguições da justiça; mas nem por sombra passava pelo pensamento de quem quer que fosse que o assassino de Reinaldo fosse o terrivel caudilho dos Chavantes, que Itajiba fos-

se Gonçalo, do qual tinham como certo que já nem ossos existiam.

Maria, a gentil causadora e vitima ao mesmo tempo daquela triste catastrofe, existia ainda, mas sempre mergulhada naquele torpor profundo, naquela paralisia da inteligência que a tinha acometido há vinte anos, quando viu expirar Reinaldo picado a facadas pela mão de Gonçalo depois de porfiosa e desesperada luta. Ela existia, mas ninguém reconheceria mais na fisionomia desfigurada e macilenta da pobre idiota as feições tão delicadas e espirituosas da gentil e travessa Maroca. Orfã e sem abrigo, Maria teria morrido à mingua e ao desamparo, se mestre Matheus, que era seu padrinho, não a tivesse recolhido em casa, onde a tratava com todo o desvelo e caridade. Mestre Mateus e Josefa sua mulher fizeram os esforços que estavam ao seu alcance para restituir o uso da inteligência áquela infeliz criatura, porém cuidados, remedios, passeios, distrações, romarias e promessas devotas, tudo foi baldado, até que por fim perderam toda a esperança de vê-la restabelecida.

Começava então a derramar-se por toda a capitania de Goiáz a grande fama das maravilhosas curas operadas pela intercessão da Virgem Nossa Senhora da Abadia, que era adorada em sua capelinha, erigida havia quarto ou cinco anos no logar denominado — Muquem — à custa das esmolas e contribuições do povo, por um santo er-

mitão, o qual se dizia ter achado nesse lugar em uma lapa à margem do regato, que teve o nome de Corrego das Lágrimas, uma grande e perfeita imagem da mesma Senhora. Corriam na boca do vulgo a respeito desse ermitão muitas histórias e tradições diversas; mas ninguém sabia ao certo quem êle era, nem donde viera. Vivia sózinho em completo retiro, subsistindo de esmolas, de frutos e legumes silvestres; trajava um hábito de algodão grosso tinto de negro, apertado por um cinto de sola, do qual pendia um grosso rosário de camandulas. Passava o tempo em continuas penitências e exercícios piedosos, e ocupado em zelar a pequena ermida, que com o auxilio dos fieis tinha erigido à sua celestial padroeira. Demais, sua vida era simples, e despida do afetado espírito de austeridade desses que se querem inculcar como santos aos olhos do mundo e como tais serem venerados em vida; sua humildade era sincera, e seus atos de penitência e contrição eram filhos de uma verdadeira abnegação das cousas do mundo.

A imensa reputação da virtude desse santo homem, as prodigiosas curas que tinham sido operadas pela intercessão da milagrosa Santa, deram em breve tempo extraordinária voga às romarias ou peregrinações ao Muquem. A quinze de Agosto, dia em que se celebra a festa da Santa, uma imensa multidão, que acudia de todos os ângulos da capitania de Goiáz e mesmo das capitanias vizinhas, vinha reunir-se em torno da capelinha do

Muquem, e depôr aos pés da Virgem, em cumprimento de promessas, piedosas oferendas e valiosos donativos. Nessa quadra as mal trilhadas e solitárias sendas que nos diversos pontos da província conduzem à isolada ermida, viam-se apinhadas de viandantes de todas as classes, sexos e idades, que iam em devota romaria cumprir suas promessas levando preciosos presentes em dinheiro, escravos, gado, animais, objetos de ouro e prata, cêra, paramentos, alfaias e mil outras coisas, com que ornavam e enriqueciam o santuário da miraculosa Virgem. Nessas estradas encontravam-se então a cada passo tropas e carros atulhados de víveres e efeitos de toda a espécie, numerosas calvalgatas, que lá iam em ruidosa e alegre comitiva, caravanas de homens e mulheres a pé conduzindo crianças e bagagens, ou acompanhando vagarosamente um carro puxado a bois, que com seu monotono chiar lá ia em lentas jornadas atravessando os chapadões.

Quem ignorasse o motivo desse movimento julgaria achar-se nas vizinhanças de uma grande cidade. Também em Vila-Boa não havia quem não quisesse ir em romaria ao Muquem beijar o hábito do virtuoso ermitão, adorar a milagrosa imagem e implorar-lhe alivio a seus males.

— Nunca mais iremos à romaria do Muquem cumprir nossas promessas, Mateus? perguntava Josefa, a velha companheira de mestre Mateus, a

qual, como todas as velhas beatas, tinha o mais vivo e ardente desejo de ir áquela romaria, e julgava que sua alma não se salvaria se morresse sem ter cumprido sua promessa. Há dois anos, continuou ela, que fizemos promessas de lá ir, e levar Maria, e até agora nada! Olha que Agosto está a porta, e nós não somos crianças para deixarmos os anos passarem assim. Já vai para vinte anos que a pobre Maria está naquele estado, muda e desmemoriada. Se Nossa Senhora da Abadia não lhe der alivio e não lhe restituir o juizo e a fala, no sei quem lhe poderá valer.

— Tem paciência, minha velha, responde fleugmaticamente mestre Matéus; tu bem sabes que meus incomodos e negócios me têm atrapalhado essa viagem. Mas vai-te aviando, que este ano, custe o que custar, havemos de ir ao Muquem com o favor de Deus. Também eu preciso bem apegar-me com a milagrosa Virgem a ver se me dá alivio a esta maldita gota, que me atormenta, e que já nem me deixa ir trabalhar à forja.

— E eu também, que há mais de seis anos não sei o que é lograr boa saúde.

Mestre Mateus, que apezar dos seus incomodos, que êle exagerava, e de contar já seus oitenta anos, era ainda vigoroso e agil, como um velho ciclope, começou a tratar com atividade dos preparativos para a projetada romaria. O Muquem ficava a cerca de oitenta leguas ao norte de Vila-

Boa de Goiáz, por caminhos desertos, baldos de recursos e por vezes infestados pelos Bugres das margens do Tocantins. A viagem era longa e não sem dificuldades e perigosos. Mas nenhuma dessas considerações detinha os romeiros, que em seu devoto ardor expunham-se de bom grado a todas as fadigas, privações e perigos. Mestre Mateus aprontou um grande carro de bois, no qual tratou de encerrar grande quantidade de viveres, roupas, utensilios e outros objetos necessários para uma longa peregrinação de mais de dois meses através de sertões desertos e inteiramente baldos de recursos.

A caravana de mestre Mateus, que se compunha dele e sua mulher, de uma filha casada, de Maria e de mais dois camaradas, pôz-se a caminho em principios de Julho, e tangeram alegremente pela estrada do Muquem o seu pesado carro rodeado de esteira de taquára e toldado de couro, que por espaço de dois meses lhes tinha de servir ao mesmo tempo de habitação e de veículo por aquelas desertas regiões.

Os carros puxados a bois, com seu eixo movel, pesados e vagarosos, são por certo grosseiros veículos, que bem denunciam o atraso dos meios de condução no interior do nosso país. Mas talvez por isso mesmo que revelam a infância da industria da viação, têm um não sei que de primitivo e poético, que enleva a imaginação. Eu nunca pude

ver sem um singular e indizivel sentimento de melancolia essas grandes e pesadas máquinas cobertas de couro, arrastadas vagarosamente por vinte e mais bois, quebrando com seu chiar agudo e monotono como o canto da cigarra o silêncio das solidões, atravessando os desertos em lentas e peniveis jornadas. São casas ambulantes, que muitas vezes vão transpondo para grandes distâncias familias emigrantes com todos os seus haveres, seus moveis, animais e aves domésticas. Logo que o sol descamba do meio dia fazem alto à beira de qualquer corrego, onde haja abundante pastagem, disjungem os bois, e aí estabelecem durante a metade do dia e durante a noite uma comoda e agradável vivenda, qual se continuassem como sempre sua vida simples e uniforme. O rio lhes fornece água fresca e por vezes peixe abundante e saboroso; no mato acham mel, a caça e o palmito; a criança embala-se em seu berço à sombra do toldo do carro; em roda deste mugem as rezes, vagueiam aves caseiras, e reina movimento, ruido e alegria como no lar doméstico.

Assim iam os nossos romeiros, pelo que depois de uma viagem vagarosa, mas alegre e sem acidentes, chegaram enfim poucos dias antes da festa ao vale triste e retraido em que se achava edificada a capelinha de Nossa Senhora da Abadia. Já quele sitio ermo e sem habitação alguma durante o resto do ano se ia transformando em uma pequena cidade de barracas, carros e ranchos de

capim ou palhas de coqueiro alinhados e formando ruas frequentadas por uma multidão de romeiros, que afluiam de todas as partes. Depois de ter escolhido o logar em que deviam plantar sua tenda rodante, mestre Mateus tratou de fazer um apendice a ela, formando com os arreios do próprio carro uma barraca coberta de folhas de coqueiro, e a estabeleceu-se com sua família de romeiros.

CAPÍTULO II

O RECONHECIMENTO

Na manhã seguinte, apenas a primeira barra do dia clareou os horizontes, mestre Mateus tratou pressuroso de despertar sua gente para irem com o ermitão, antes que a turba dos romeiros o rodeasse e tornasse difícil o acesso junto dele.

— Vamos, disse êle tomando Maria pela mão, vamos procurar o santo ermitão, entregar nossas esmolas e rezar aos pés da Santa Virgem. Tenho fé, minha pobre Maria, que Nossa Senhora da Abadia há de curar-te desse teu mal e aliviar-me também os meus sofrimentos.

Maria, acostumada há longos anos a obedecer automaticamente a mestre Mateus, acompanhou-o silenciosamente sem nada compreender do sentido de suas palavras, e juntamente com Josefa se encaminharam para o lado da capela. O sol, que começava a aparecer, cintilava sôbre o orvalho, que a noite peneirára sôbre os tétos de coqueiro dos ranchos e as cobertas de couro dos carros dos

romeiros, onde começavam a rumorejar a vida e o movimento como em um vasto colmeal.

A alguma distância da capela tres romeiros avistaram o virtuoso eremita de joelhos sôbre a relva do adro em face da ermida, com os braços abertos embebido em extatica oração. O sol, que surgia por defronte deles, destacava vivamente os contornos da figura veneravel do ermitão naquela piedosa e solene postura, e rodeando-o de esplendores o apresentava aos olhos dos romeiros como a imagem viva desses patriarcas do cristianismo cingidos com a aureola da bemaventurança. A barba grisalha lhe descia ao peito e os grandes olhos pretos se volviam do céu como o que nadando em profundos extases. A tez crestada da fronte e do rosto era atravessada por longos e fundos sulcos, e a cabeça pendida para traz se lhe debruçava sôbre os ombros alquebrados. Via-se, entetanto, que sua idade não podia ser muito avançada, e que aqueles prematuros caracteres de velhice eram resultado de longos sofrimentos e fadigas extremas.

Nem em sua figura nem em suas palavras se revelava desejo algum de impôr à multidão e de atrair cultos e venerações de que se julgava indigno. Seu porte era modesto, e em seus olhos e em toda a sua fisionomia lia-se uma dôr sincera, uma verdadeira profunda compunção.

Mateus e suas companheiras, cheios de assombro com aquele espetaculo, cuidando ter diante

dos olhos uma visão beatifica, pararam e o contemplaram em respeitosa distância, sem se atreverem a interrompê-lo em sua mística ocupação. Apenas, porém, o eremita ,terminada a sua oração, levantou-se, os nossos romeiros encaminharam-se para êle. Maria, ou antes Mateus por ela, levava em oferenda à Santa Virgem um rosário de grossas contas de puro ouro com uma pesada medalha do mesmo metal, em que vinha esculpida a imagem da Virgem, obra primorosamente trabalhada nas oficinas de Vila-Boa.

Tinha esta medalha sido dada em outros tempos a Maria pela mãe de Gonçalo, que a tinha conduzido à pia batismal, e era em tudo semelhante e igual à que Gonçalo possuia. Mateus e sua mulher também levavam objetos de ouro do mais fino quilate, de que eram abundantissimas nesse tempo as minas de Goiáz. Mateus apenas se aproximou do ermitão, lançou-se-lhes, aos pés, procurando beijar-lhe as mãos e o hábito; mas este estorvou-o tomando-lhe as mãos, e disse-lhe com mansidão:

— Que pretendeis, irmão? eu não sou nenhum santo para merecer vossas adorações; sou um miseravel pecador, que para nada valho, e que choro nestes ermos minhas enormes culpas. Ide prostrar-vos, continúa êle apontando para a igreja, diante daquela que é digna de vossos cultos e dos de toda a humanidade, e a única que póde dar alivio a vossos sofrimentos.

Mateus levantou-se e passou às mãos do eremita os preciosos donativos que em cumprimento de suas piedosas promessas trazia a Nossa Senhora da Abadia. Antes, porém, de entregar o rosário e a medalha, oferta de Maria, disse ao ermitão mostrando-lhe esta:

— E' esta pobre mulher quem faz este oferecimento à milagrosa Senhora da Abadia, e é ela sobretudo quem mais precisa de seu valioso patrocinio pela triste doença que há vinte anos padece. Sim, virtuoso irmão, já vai para mais de vinte anos, esta infeliz rapariga caiu neste estado em que a vêdes, ficando muda e sandia, ela que era a mais linda e mais viva menina de todo Goiáz. Um rapaz desordeiro, que por desgraça havia então em Vila-Boa, rapaz turbulento e espancador, que parecia ter no corpo uma legião de demonios, Deus me perdôe, e que se chamava Gonçalo...

— Gonçalo! interrompeu o ermitão estremecendo e encarando com atenção para Maria e Mateus.

— Sim, Gonçalo, bom irmão, prosseguiu este sem reparar na surpresa e crescente perturbação do ermitão: foi êle o causador da desgraça desta coitada, que aqui vêdes. Em uma noite de folguedo em minha própria casa esse malvado assassino..

— Basta, irmão! exclamou o ermitão, e com o peito arquejante e a fronte inundada em suor frio estendia para Mateus os braços tremulos. Por piedade, basta! eu sei de tudo...

Depois, tomando precipitadamente o rosário de ouro, que Mateus ainda tinha nas mãos, examina com atenção a medalha e olha fixamente para Maria.

— Maria! exclama êle caindo aos pés da romeira, Maria, perdôa-me!

Maria, sobresaltada com aquele grito e aquela atitude do ermitão, fita nele os olhos com pasmo, e por sua vez exclama:

— Gonçalo!...

— Milagre! milagre! murmuraram com assombro Mateus e Josefa ao ouvirem aquela primeira palavra ininteligivel que depois de vinte anos Maria pronunciava; mas cheios de surpresa ao reconhecerem no ermitão o assassino de Reinaldo, não sabiam o que pensar daquele extraordinário acontecimento.

— Maria! continúa Gonçalo sempre de joelhos aos pés da romeira; ah! tu me reconheces ainda!... Maria, perdôa-me; ninguém melhor do que tu sabe que eu não sou nenhum santo, mas um miseravel pecador, para cujos enormes crimes é pouca ainda toda a misericordia de Deus e dos homens; dize-me, pois, Maria por piedade, por amor daquela soberana e imaculada Virgem, que eu e tu veneramos desde a infância, e que guiou teus passos à ermida do deserto, dize-me, Maria, vieste aqui para me acusar ou para perdoar?...

Maria, adormecida há vinte anos naquele tor-

por de espírito que lhe paralisára todas as faculdades da inteligência, acordou subitamente ao som daquela voz, que outróra tinha ouvido entre pragas e sangue, e que agora maviosa e humilde implorava o perdão a seus pés. Surpreendida e atonita como quem despertava bruscamente de um profundo dormir, sua alma vacila alguns momentos como que procurando em vão reatar ao presente um remoto passado; mas enfim, clareando-se-lhe subitamente as idéias como por uma inspiração do céu:

— Para perdoar-te, respondeu com voz calma e firme.

Os olhos do ermitão, até ali extintos e cravados no chão, encheram-se de luz e volveram-se para o céu.

— Eu vos dou infinitas graças, meu Deus, murmurou êle levantando-se dos pés de Maria, por me terdes concedido a inefavel consolação de ouvir o meu perdão dos próprios lábios de minha vitima, e de vos terdes dignado baixar vossas vistas sôbre este misero pecador para torná-lo instrumento da vossa bondade e misericordia.

Mateus e sua mulher, que atonitos contemplavam de parte aquela cêna tocante e quasi sobrenatural, como que custando ainda a capacitar-se do que viam e ouviam, possuidos a um tempo de timidez e respeito, até ali no se tinham atrevido a aventurar uma sã palavra. Mateus por fim aproximou-se respeitosamente do ermitão e disse-lhe:

— E nós, Gonçalo, acaso já nos conheces? não te lembras mais do velho Mateus?

— Há muito já te reconheci, Mateus, a ti e a tua boa mulher. Mas desculpae-me; este inesperado encontro, este abalo tão profundo... ah! perdoae-me... preciso também de vosso perdão...

E como a emoção embargava-lhe as falas, êle abraçou-os chorando.

CAPÍTULO III

A CONVERSÃO

Passados aqueles momentos de emoção, e dissipado algum tanto o assombro que deixára nos animos aquele extraordinário acontecimento, o ermitão abriu a porta da capela e convidou os romeiros a entrarem. Ali prostrou-se perante o lindo altar, em que resplandecia a imagem da Santa Virgem; em fervorosa oração renderam graças à miraculosa Senhora pelos assinalados beneficios que dela acabavam de receber.

O disco do sol já se elevava no horizonte; a multidão dos romeiros já começava a inundar o pequeno templo, que mal os podia conter, e sussurava como um enxame de abelhas em manhã de primavera a entrarem e sairem pela estreita porta da colmeia. Era já tempo de deixar o ermitão, que naqueles dias não pertencia a si, e tinha de dar atenção a milhares de romeiros. Antes, porém, de se separarem, Mateus pediu a Gonçalo que lhe contasse o que lhe tinha acontecido desde o

seu desaparecimento de Vila-Boa até aquela época, e que série de singulares acontecimentos o tinha levado a fundar aquela capela e a viver vida de austeridade e penitências no meio daqueles desertos.

— Mateus, lhe responde o ermitão, a história de meus desvários e desgraças é bastante longa, e de certo não exiges de mim que a conte aqui em alguns momentos e no meio deste tumulto. Durante os dias que aqui tiverdes de demorar, vinde todas as tardes àquela choupana que ali vêde; é ali a minha morada. Posto que me seja bem doloroso rememorar um passado de crimes, misérias e fraquezas, a vós nada devo ocultar; para me tornar digno do vosso perdão é meu dever tudo confessar-vos, e também para que fiqueis conhecendo e proclameis por toda a parte quão valioso e sublime é o poder daquela piedosa Virgem, a cuja celestial proteção devo a existência neste mundo, e por cuja intercessão espero no outro a salvação eterna.

Durante todo o tempo que estiveram no Muquem, os nossos romeiros todos os dias, ao declinar do sol, dirigiam-se à cabana do eremita, que distava como cincoenta passos da capela. Era um pequeno rancho coberto de palhas de babassú com uma porta e uma janela, mas fresco e asseiado.

Tinha junto à porta uma frondosa sucupíra, única árvore de algum vulto que se notava naque-

la paragem. A sucupira diz-se que tem a propriedade de atrair o raio, mas Gonçalo dizia sorrindo:

— Nada no mundo desafia mais os raios da colera celeste do que o pecado, e eu sou o maior dos pecadores.

De feito depois da morte de Gonçalo o raio derribou aquela árvore, que o céu parecia ter respeito sómente enquanto prestava uma sombra ao piedoso eremita. Junto a cabana havia também um cercado, que Gonçalo amanhava com suas próprias mãos, cultivando algumas flôres, com que enfeitava os altares da Virgem; e era esta ocupação a única distração que concedia aos rigores de sua vida ascetica e solitária. Alí assentados em um grosso madeiro estendido junto à porta da cabana pelo lado de fóra os romeiros de Vila-Boa escutavam com a maior atenção da bôca de Gonçalo os acontecimentos que ficam referidos nesta história, desde o desaparecimento de Gonçalo até o temeroso e estranho duelo em que matou Inimá, ficando êle salvo por uma espécie de milagre. Ele lhe contava com todos os pormenores suas longas peregrinações e trabalhos, as lutas e dificuldades que tivera a vencer durante o tempo em que, homisiado pelos desertos, se refugiava entre os selvagens, procurando sufocar por meio de uma vida inquieta e cheia de azares os clamores da consciência, que mesmo no meio das maiores prosperidades não deixava de pungi-lo com seu implacável aguilhão, as extraordinárias aventuras de sua vida

entre os Chavantes, seus amores com a filha do cacique, seus triunfos e a infanda peripécia que pôz termo à longa série de seus crimes e desvários. Os romeiros, absortos no encanto daquela narrativa simples, animada e cheia de interesse, não sentiam correr o tempo, e era com grande desprazer que ao cair da noite ouviam o ermitão dizer-lhes:

— E' hora de oração e de repouso; voltai amanhã para ouvirdes o resto.

E depois de tudo terem ouvido, ainda não contentes faziam mil perguntas a Gonçalo, pediam-lhe que lhes tornasse a contar mais este ou aquele fato, que lhes esclarecesse e explicasse mais esta ou aquela circunstância.

Nós, porém, tinhamos deixado Gonçalo alta noite voltando sozinho em uma canôa pelo Tocantins abaixo depois de ter matado Inimá.

Atonito e confundido pela singular e quasi miraculosa maneira por que ainda desta vez escapára à morte, pasmado dessa pertinaz circunstância com que o destino como que porfiava em prolongar-lhe a existência através de mil trabalhos e perigos, Gonçalo, esquecido de que se achava no meio de um caudaloso rio, em uma canôa que rodava à mercê da torrente, atirou-se sôbre o assento da prôa mergulhado em amarga e profunda meditação. Sequestrado inteiramente do mundo, e vivendo só com seus merencórios pensamentos no meio do silêncio profundo da noite e da solidão, deixando boiar sem direção sua piroga ao capri-

cho das ondas, que a levavam, Gonçalo era o emblema vivo do descrido, que percorre solitário as sendas aridas e desoladas de uma existência sem afeto no presente, sem saudades do passado, sem esperanças nem receios no futuro, e abandona sua sorte à torrente da fatalidade.

Que estranho fado o elevava assim alternativamente do último abatimento ao cumulo da fortuna, da felicidade e da glória, para de novo arrojá-lo em um abismo de desesperação e amargura? Que genio amigo assim protegia tão visivelmente sua existência através de tantas e tão crueis vicissitudes? Podia êle, que não era mais que um facinora, um bandido coberto de crimes, merecer tão assinalada proteção do céu? Entre estas e mil outras reflexões sua razão acalmava-se pouco pouco com a paz profunda das solidões, e ao fresco bafejo das brizas da madrugada, que com as azas humidas de orvalho lhe afagavam a fronte febricitante.tante. Com a luz da consciência enfim êle pôde descer a perscrutar tranquilamente os profundos abismos de sua alma, e a revolver um por um todos os monstruosos crimes e desatinos que constituiam a história de sua vida passada. Gonçalo então apareceu a seus próprios olhos como um monstro, que a humanidade devia repelir de seu seio com horror. O espectro do infeliz Reinaldo picado a facadas por suas mãos, as sombras errantes e chorosas da bela Guaraciaba e do esbelto Anhambira, cujo sangue ainda lhe tingia as mãos,

e a desse misero cacique, cujo cadáver rolava talvez a seu lado arrastado pela torrente, e de cuja desgraça era êle o único autor, êle os via a todos surgirem diante de seus olhos torvos e sangrentos, e com vozes lamentosas o cobrirem de pragas e maldições. Aquela alma de ferro caia enfim do fastigio do orgulho nos abismos da mais profunda humilhação. A flecha de Inimá não pôde penetrar naquele coração protegido por um escudo invisivel e celeste, mas lá deixou para sempre gravada a farpa do remorso.

Esse último acontecimento, que o salvava de uma morte quase inevitavel e por êle mesmo procurada, foi como um brado do céu, que ecoou profundamente em sua alma obcecada pelo crime e obumbrada pelos fumos do orgulho humano. Compreendeu então que a Santa Virgem, que desde a infância venerára com especial devoção, não o tinha preservado em vão até ali de tantos e tamanhos perigos, e o reservava para algum santo e piedoso designio, que ainda lhe era oculto; mas reconhecendo-se indigno da assinalada e miraculosa proteção que do ceu recebia, arrependia-se com sincera e amarga compuncção de sua indesculpavel ingratidão para com a sua celeste protetora, a cujos beneficios tão mal correspondera, manchando sua vida com crimes e hediondos attentados.

Sua vocação estava enfim solenemente revelada. Só com uma vida de orações, de rudes pe-

nitências e de obras de piedade poderia expiar a longa série de seus crimes e desvários, e lavar as hediondas nodoas de sua vida passada.

E quanto mais pensava e refletia, mais se fortalecia neste seu santo e inabalavel propósito.

CAPÍTULO IV

O MUQUEM

O dia já vinha clareando as ermas ribanceiras do Tocantins, e as brizas da manhã, que sopravam frescas, começavam a varrer o tenue vapor branco que a noite estendera sôbre as águas como um rio de leite, e que despegava elevando-se m níveos flocos por sôbre a coma verde-escura das florestas. As selvas enchiam-se de murmurios, de cantos de aves e gritos de animais de toda a espécie. As águas resoavam ao saltitar dos peixes, que aqui e acolá faziam brilhar ao sol suas luzentes escamas. Nuvens de aves aquaticas cortando os ares abatiam e vinham pousar ao longo das praias; a alva e esbelta garça, mais bela que o cisne, o guará e o colhereiro, alardeando a beleza de sua mimosa plumagem côr de rosa, o corpulento e pesado jaburú, o pato silvestre com suas escuras penas luzentes como o aço polido, e mil outras aves de diversas espécies e tamanhos esvoaçavam, passeavam ou nadavam em bandos por ambas as mar-

gens, enquanto pelas altas ramagens, que se debruçavam mirando-se na torrente, miríades de pássaros de mil qualidades, batendo as azas inqueitas e fazendo imensa algazarra com seus pios e gorgeios, e os saguis e caxinglerés gritando e saltando de árvore em árvore ou balançando-se nos ramos e cipós das brenhas emaranhadas, enchiam as selvas de vida, bulicio e rumor. Ali a anta membruda arrojando-se nágua fazia esvoaçarem sobressaltadas com grande ruido uma chusma de aves aquaticas; além a lontra esbelta e viva de um salto emborça-se no rio dando caça aos peixes e surge além tendo atravessada na boca a prateada pirapitinga ou a crumatã de escamas de ouro.

No meio de todas aquelas cênas tão cheias de vida e de beleza de uma natureza virgem e fecunda, Gonçalo ia passando insensivel, sem nada ver nem ouvir, como o espectro de um condenado através das galas e regosijos de um esplendido festim. Imóvel, com a fronte descaida sôbre o peito, concentrado em seus pensamentos e rodeado dos fantasmas que sua consciência evocava dos tumulos, dir-se-ia um cadáver ou a estátua do Desespero, se de espaço em espaço um ligeiro e convulsivo movimento lhe não agitasse os membros.

Foi só quando o sol, reverberando todo o seu esplendor sôbre a superficie das águas, inundou de luz as palpebras meio cerradas de Gonçalo, que este despertou de seu profundo e doloroso

cismar. Só então Gonçalo, apercebendo-se de que era levado pelas águas de uma caudalosa torrente sem saber para onde, lembrou-se de tomar o remo e dirigir sua canôa... para onde?

O primeiro pensamento de Gonçalo, logo depois de sua luta com Inimá, fôra deixar-se levar pelas águas abaixo, até que êle e sua canôa se despedaçassem e submergissem precipitados por alguma cacoeira. Mas a reflexão, o silêncio e a noite tendo-lhe acalmado a esclarecido o espírito, e tendo compreendido que era vontade do céu que êle vivesse, pensou seriamente no destino que devia tomar. Levado durante toda a noite pela torrente abaixo, Gonçalo não sabia em que paragens se achava. Dificil lhe seria regressar pelo rio acima, e nem quereria jámais tornar a veros sitios fatais em que o céu o fulminára com o mais cruel dos infortunios. Largar o rio e embrenhar-se sózinho por aquelas imensas selvas e solidões desconhecidas infestadas de Bugres e animais ferozes era também empreza por demais trabalhosa e arriscada. Portanto Gonçalo julgou mais acertado e seguro descer em sua canôa pelo alveo do rio, que lhe oferecia estrada natural e franca até chegar a povoação da Palma, que julgava não dever estar muito longe. Arrancou de si e arrojou ao rio as armas e todos os mais adornos selvaticos com que estava ataviado, calcou indignado aos pés o cinto em que se encerrava o amuleto do Africano, e conservando consigo somente com religioso cuidado

a medalha da Virgem, tangeu sua canôa pelo Tocantins abaixo, confiando seu destino às águas do rio e à proteção do céu.

Assim em luta continua com uma multidão de trabalhos, obstaculos e perigos, umas vezes rodando precipitadamente arrebatado por perigosas corredeiras, outras vezes tangendo à fôrça de remo a sua canôa pela torrente sumamente serena e preguiçosa, sofrendo crueis privações e alimentando-se apenas de alguns frutos silvestres, que colhia pelas margens, chegou depois de longa e penosa viagem à povoação da Palma.

Os habitantes daquele lugar, ao verem chegar sózinho a suas praias aquele homem quasi nú, cobrindo-se apenas com um pequeno saiote, que lhe cingia os rins e lhe descia até os joelhos, e um grande couro de onça, que lhe servia de capa e de leito, com cabelos e barbas compridas, esqualido e extenuado, uns possuidos de terror não ousavam aproximar-se, cuidando ver algum fantasma ou algum monstro vomitado pelo rio; outros, tomando-o por algum louco, igualmente o evitavam; não poucos também, julgando-o algum Bugre feroz ou algum malfeitor, estavam a ponto de o apedrejar. Esta primeira impressão porém não durou por muito tempo; pelo abatimento e profunda tristeza que se lia na fisionomia de Gonçalo, e por suas palavras cheias de senso, que nada condiziam com seu bizarro e selvatico exterior, em breve compreenderam que aquele estranho personagem não era

mais que uma vítima da sorte, a quem longos trabalhos e desgraças tinham reduzido áquele deploravel estado, e o acolheram com caridosa hospitalidade.

Ali tomou Gonçalo o habito de ermitão, e viveu por algum tempo em profundo retiro na prática de assiduas e austeras penitências, subsistindo das esmolas do povo, que o estimava e venerava como a um santo, posto que ignorasse completamente quem era êle, e donde tinha vindo. Mas um vivo desejo de peregrinar pelo mundo o preocupava de continuo, e sua alma inquieta e atormentada pelos remorsos, aos quais não achava lenitivo nem nas orações, nem nos jejuns e penitências, era agitada por um secreto presentimento de que o céu o chamava a outros lugares afim de cumprir uma piedosa missão, que ainda não lhe fôra revelada.

Gonçalo deixou portanto a Palma, e embrenhou-se por sertões desconhecidos, passando voluntariamente uma vida de asperas mortificações e penitências. Vagueou por largo tempo através dos ermos com um bordão à mão e um saco às costas, vivendo de esmolas ou de frutos e legumes silvestres, tendo por leito o chão frio e duro, por teto a ramagem das florestas ou a abobada úmida de alguma lapa cavada pela natureza no viso das montanhas. Mas nem assim conseguia acalmar os pungentes remorsos que lhe tormentavam a consciência. Os fantasmas de suas vítimas o acompanha-

vam por toda a parte como a sombra de seu corpo e noite e dia lhe torturavam a alma. O grosseiro e parco alimento que tomava parecia-lhe ensopado em lágrimas e sangue. A' noite espectros sinistros o ansiavam e enxotavam-lhe o sono das palpebras requeimadas de prantos e vigilias. Com os olhos amortecidos, as faces pálidas e macilentas, o corpo emagrecido e alquebrado, parecia um espectro surgido dos túmulos, e ninguém mais reconheceria nele a figura atletica e garbosa do vigoroso mancebo de outróra. Errante de povoação em povoação, de fazenda em fazenda, muitas vezes também estacionava entre as hordas selvagens, que o respeitavam e veneravam como um pagé, e conhecedor de sua linguagem e costumes procurava, não sem algum resultado doutriná-los e reduzi-los ao gremio da religião cristã. Mas não podia persistir por muito tempo entre êles, pois que os hábitos e usanças dos índios, suas festas e todas as cênas que entre êles presenciava, lhe despertavam nalma amargas e pungentes lembranças desse tempo tão cheio de extraordinárias peripécias que passára entre os Chavantes.

Também nas aldeias e habitações dos brancos, além dos tormentos que lhe infligia sua própria consciência, não lhe faltavam ocasiões de dissabores, e ouvia por toda a parte contar-se com todos os seus horriveis pormenores a história do hediondo atentado que perpetrára na pessoa de seu amigo, e que se tornára celebre em toda a ca-

pitania, e era forçado a dizer — amen — a todas as tremendas execrações que caiam sôbre o assassino de Reinaldo. Era mais uma humilhação e um castigo, que aceitava resignado em expiação de suas enormes culpas. Esses mesmos que o veneravam e lhe beijavam o hábito como a um santo, sem o saber execravam sua memória e enchiam seu nome de maldições, e assim em vez de ensoberbecer-se com essas mostras de respeito e veneração, que lhe tributavam, mais humilhado e confuso se achava aos olhos da própria consciência.

Depois de longas e contínuas peregrinações pelos desertos, pelas fazendas e choupanas, sem poder achar consolação nem repouso em parte alguma, Gonçalo apareceu por fim na povoação de S. José do Tocantins. Seu corpo fraco e extenuado definhava de mais a mais, e parecia um prodigio a ardente e infatigavel atividade que o onimava ainda a despeito de todos os jejuns, macerações e fadigas a que se sujeitava. Parecia que sua alma estava prestes a exalar-se daquela fragil prisão corporea; mesmo assim, porém, mesmo apezar das orações, penitências e mortificações a que se entregava, Gonçalo, não achando lenitivo algum às crueis tribulações de seu espírito, vagava sem repouso pelos ermos os mais inhospitos e desabridos, exposto a todos os rigores do tempo, cmo o Edipo da fabula perseguido pelas Eumenides, ou como o Ahasvero da legenda cristã em seu eterno peregrinar.

Um dia, oprimido de cansaço e de sêde, e acabrunhado de mortal tristeza, chegou a um sitio ermo e silencioso, sem horizonte nem perspectiva alguma, a um triste e retraido vale rodeado de morros aridos e de aspecto lugubre, cobertos de uma vegetação enfezada e rasteira. Tudo era ali mudez e solidão; uma só ave não piava pelos ramos amarelados dos arbustos, nem se ouvia rumor que denunciasse a existência de ente vivo por aquelas soturnas e melancólicas paragens. Apenas ouvia-se o vento a farfalhar pelas ramas resequidas dos matagais e o borborinho de um corrego a desfiar por uma grota pedregosa, triste como a reza monotona murmurada ao pé do ataude de um finado... Gonçalo desceu à grota, matou a sêde; e depois ajoelhou-se para dar graças ao céu, e encomendar sua alma a Deus, pois pensou ser ali o último pouso de sua peregrinação sôbre a terra. Gonçalo, se é lícito comparar uma frágil criatura humana com a divindade, estava então como o Cristo nessa hora de profundo abatimento, nesse momento de suprema agonia, em que no monte das Oliveiras, junto à torrente do Cedron, sózinho e abandonado por seus discípulos, suou sangue e sentiu sua alma desfalecer e vacilar ao receber o calice do martirio, que um anjo lhe apresentava. Gonçalo não tinha, como o divino Redentor, sôbre o seu coração todo o peso dos pecados de um mundo para remi-los com seu sangue, mas tinha a consciência oprimida por suas imen-

sas e enormes culpas, e sentia também sua alma desfalecer à mingua de consolo e de esperança. O mundo para êle não era mais que um vasto cemitério, um vale funebre de lágrimas e misérias; só no céu poderia achar o repouso e alivio por que em vão suspirava; mas surdo às suas preces, lágrimas e penitências, o céu para êle era de bronze, e de lá não baixava consolação nem lenitivo às crueis tribulações de sua alma. Ali derramou êle lágrimas ardentes de contrição e arrependimento, implorou do intimo da alma a misericordia divina sôbre seus enormes pecados, beijou com fervorosa devoção a imagem da Virgem, encostou-se sôbre a relva à beira do corrego, e adormeceu ou antes caiu em um letargo, que mais era prostração e desfalecimento do que sono.

Então lhe aparece em sonho a Virgem Mãe de Deus tal qual se achava esculpida na medalha, porém rodeada de todo o esplendor de sua celeste glória, e diz-lhe:

— Gonçalo, grandes e inumeaveis têm sido os teus crimes; mas consola-te, que êles te serão perdoados, porque sempre em tua vida, quer na prosperidade, quer na desgraça, invocaste o meu nome e imploraste com fé viva a minha intercessão, e porque tua contrição é verdadeira, e grande tem sido a tua penitência e arrependimento. Mas em expiação de tuas culpas, e para que volte a paz é mister que leves a efeito uma obra piedosa e santa, que compense largamente em beneficios à hu-

manidade os danos e males que lhe tens causado. Animo, pois! não desalentes, que eu serei contigo até a tua última hora.

Meio acordado meio adormecido, Gonçalo abre os olhos; mas a gloriosa visão não se desvanece e êle a vê distintamente ir pouco a pouco se afastando e desaparecer no interior de uma lapa vizinha. Gonçalo ergue-se imediatamente, corre áquele lugar, penetra na lapa, e ali encontra em um nicho de pedra bruta uma grande e bela imagem da milagrosa Virgem. A esta vista o ermitão sentiu um raio de alegria banhar-lhe o coração, e abraçado com os pés da Santa, verteu lágrimas de júbilo e gratidão. Sua missão acabava de lhe ser revelada pelo céu por um modo solene e miraculoso; ali mesmo pois, prostado aos pés da imagem, prometeu erigir-lhe uma capela naquele mesmo sitio e junto áquele mesmo corrego onde fôra visitado pela beatifica visão. Era esta sem dúvida a missão piedosa e santa que lhe era imposta pelo céu; era ali naqueles ermos que sua celeste protetora queria ter altar e cultos, e em seu amor e comiseração pelos males que afligem a humanidade, derramar suas graças e favores por todos os fiéis que com fé viva e sincera devoção ali viessem implorar o seu valioso patrocinio.

Depois daquela celeste aparição Gonçalo sentiu sua alma aliviada do peso enorme que o acabrunhava; a graça divina tinha baixado sôbre seu coração.

A esforços seus e com o auxilio dos fiéis em pouco tempo erigiu-se a capelinha, que até hoje ainda ali existe com a invocação de Nossa Senhora da Abadia, e para a qual foi trasladada com grande pompa e solenidade a imagem achada ou antes mostrada pelo céu a Gonçalo.

Apenas edificada a capelinha, começou logo a afluência dos devotos, que vinham fazer penitência, oferecer à Santa suas esmolas, e igualmente beijar o hábito do piedoso ermitão, que aí passou o resto de seus dias zelando o santuário da Virgem, e aí morreu venerado como um santo.

E' assim que dos grandes pecadores fazem-se os grandes santos, como da imundicie e podridão brotam por vezes as mais lindas e viçosas plantas.

Eis, meus senhores, o que sei de mais interessante a respeito da fundação dessa célebre romaria e da história de seu fundador. Se quereis saber onde fui eu ter conhecimento tão por miúde dos acontecimentos desta veridica narração, sabeis que eu a ouvi de um velho romeiro, que a tinha ouvido da boca do próprio mestre Mateus, e que a ouvi junto às ruinas da choça do santo ermitão, sentado sôbre o mesmo cepo em que este outróra a tinha contado ao velho ferreiro de Goiáz e à sua família de romeiros.

INDICE

POUSO PRIMEIRO

O CRIME

CAPÍTULO I

O Valentão 23

CAPÍTULO II

O Batuque 31

CAPÍTULO III

Dito e feito 43

CAPÍTULO IV

A Louca 57

POUSO SEGUNDO

OS CHAVANTES

CAPÍTULO I

O Combate 67

CAPÍTULO II

A Taba do Cacique 77

CAPÍTULO III

A Enfermeira 89

CAPÍTULO IV

O Restabelecimento 97

CAPÍTULO V

O Transvio 111

CAPÍTULO VI

Na Lapa 123

CAPÍTULO VII

A Volta 135

POUSO TERCEIRO

OS RIVAIS

CAPÍTULO I

O Conselho dos Pagés 147

CAPÍTULO II

As Duas Expedições 157

CAPÍTULO III

O Regresso 167

CAPÍTULO IV

A Volta o Inimá 175

CAPÍTULO V

Festas Triunfais 183

CAPÍTULO VI

Insidias 193

POUSO QUARTO

O ERMITÃO

CAPÍTULO I

Os Romeiros 211

CAPÍTULO II

O Reconhecimento 219

CAPÍTULO III

A Conversão 227

CAPÍTULO IV

O Muquem 235

HISTORIA DA RUSSIA

Otto Schneider

Desde o seu princípio até os nossos dias

Trágica e emocionante, desenvolve-se a epopéia russa, através dos seus feitos heróicos, dos seus homens titãs e da sua história sempre discutida.

Dogmas e ritos no tumulto entrechocante das idéias mostrando ao vivo, o esforço gigantesco dum povo forte, valoroso e viril. Fartamente documentado, o livro apresenta-se artisticamente ilustrado com 40 gravuras de página inteira, realçando os expoentes da política, da literatura e maravilhosos monumentos de arte.

Nas Livrarias

Preço: broch. Cr$ 50,00 — Enc. Cr$ 58,00
Remessa para todo o Brasil pelo Reembolso Postal

Editora Panamericana

Praça Tiradentes, 79

RIO DE JANEIRO

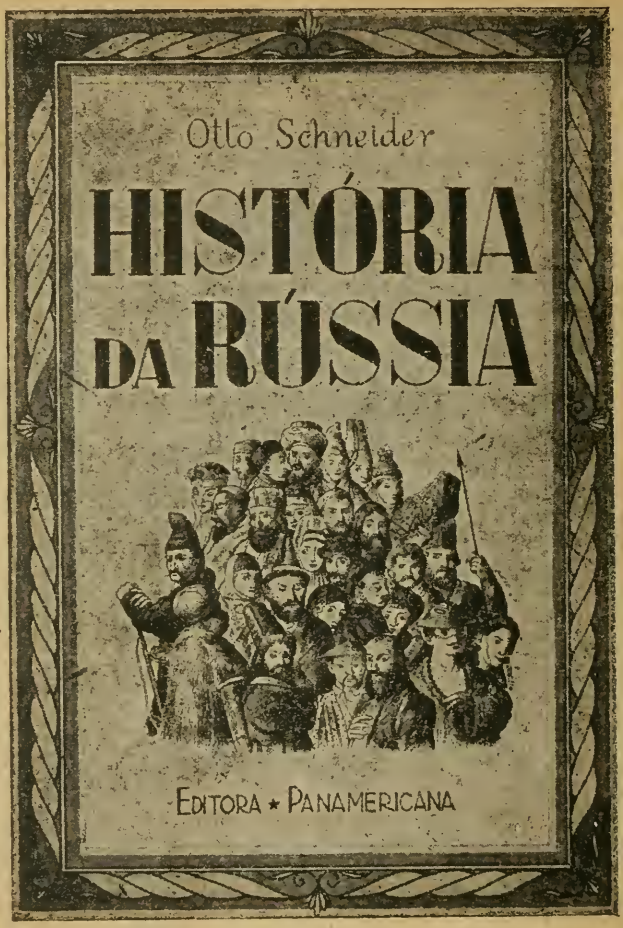
Gráfica Santo Antônio — Núncio, 64

☆

do da graciosa filha do cacique Oriçanga, desposa-a depois de provar a sua lealdade e a sua coragem perante a heróica nação dos Chavantes. Seu idílio com a jovem india, não obstante, tem um desfecho sangrento. O forasteiro retira-se para uma vida ascetica e se torna quasi um santo. Nasce daí a lenda do ermitão, que ainda hoje corre pelos sertões de Goiás e que é comprovada pela existência anual da romaria à Abadia do Muquem naquele Estado.

Romance histórico dos mais interessantes, "O Ermitão do Muquem" é um livro que não deve faltar às bibliotecas dos estudiosos dos costumes, crenças e lendas brasileiras.

☆



Nas Livrarias:

VOL. BROCHADO ..... CR$ 50,00
VOL. ENCADERNADO ..... CR$ 60,00
Remessa para todo o Brasil pelo Reembolso Postal

* * *

ADITORA PANAMERICANA
Praça Tiradentes, 79, 1.º - Rio de Janeiro